



**Mariana Santiago de Matos-Silva**

**“Teclando” com os mortos:  
um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Rio de Janeiro  
Março de 2011



**Mariana Santiago de Matos-Silva**

**“Teclando” com os mortos: um estudo  
sobre o uso do Orkut por pessoas em luto**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Profa. Ana Maria Nicolaci-da-Costa**  
**Orientadora**

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

**Profa. Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt**  
Departamento de Psicologia – PUC-Rio

**Profa. Sonia Maria Giacomini**  
Departamento de Sociologia – PUC-Rio

**Profa. Ilana Strozenberg**  
Escola de Comunicação – UFRJ

**Prof. Julio Serio Verztman**  
Instituto de Psiquiatria – UFRJ

**Profa. Denise Berruezo Portinari**  
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação  
e Pesquisa do Centro de Teologia e  
Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 22 de março de 2011

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e da orientadora.

### **Mariana Santiago de Matos-Silva**

Graduou-se em Psicologia pela PUC-Rio em 2001. Obteve o título de Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio em 2004. Atualmente é pesquisadora do Núcleo de Estudos em Tecnologia e Subjetividade (NETS) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, onde desenvolve pesquisas sobre o impacto subjetivo gerado pelo uso de novas tecnologias digitais

#### Ficha Catalográfica

Matos-Silva, Mariana Santiago de

Teclando com os mortos: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto / Mariana Santiago de Matos-Silva; orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa. – 2011.

158 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2011.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Morte. 3. Luto. 4. Internet. 5. Orkut. 6. Redes sociais 7. Sites de relacionamento. I. Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

A todos aqueles que foram forçados a descobrir  
forças que nem imaginavam ter para superar a triste  
experiência de perder precocemente uma pessoa  
querida.

## Agradecimentos

*"Eu aprendi que para se crescer como pessoa e preciso me cercar de gente mais inteligente do que eu" (Shakespeare).* Por este motivo, agradeço antes de tudo à Ana Maria Nicolaci-da-Costa, que me ajudou a crescer como pessoa, pesquisadora e profissional. Muito obrigada por todas as críticas, sempre minuciosas e construtivas; pelas leituras e releituras; por me ensinar que, às vezes, só o “cursor piscando” resolve; por toda a confiança em mim e no meu trabalho.

A todos aqueles que estiveram ao meu lado nas reuniões de orientação, sempre contribuindo com sugestões, críticas e muito bom-humor. Em especial agradeço à Flavia, que muitas vezes tive como modelo, por estar um ano adiante; à Betty, com quem compartilho esse tema ao mesmo tempo tão duro, mas tão fascinante, por toda sua delicadeza, consistência e troca de ideias; à Érika, sempre com boa vontade para ajudar, me tranquilizando diversas vezes em momentos de “desespero”.

Ao meu querido Marcos “Batata”, que esteve ao meu lado durante toda essa trajetória, me apoiando, valorizando minhas conquistas e tendo toda a paciência de que eu necessitava, especialmente nos momentos “críticos”.

Aos meus pais e irmãos, que acompanharam meu trabalho com interesse e curiosidade, sempre me apoiando e acreditando na minha capacidade.

À Fernanda e Bianca, minhas amigas queridas de todas as horas, por estarem comigo “na alegria e na tristeza”; e à Luciana, amiga sempre próxima, apesar da distância física, que, junto com o Rob (a quem também agradeço) fez a gentileza de revisar meu abstract.

A todos aqueles que gentilmente me concederam entrevistas, se disponibilizando a tocar em assuntos difíceis e dolorosos sem nem mesmo me conhecer pessoalmente.

A todos os familiares, amigos e conhecidos que, ao longo desses quatro anos, me ajudaram compartilhando comigo ideias, links e informações importantes para o meu estudo.

À Marcelina e Verinha, pela disposição permanente em ajudar, sempre com bom-humor e gentileza.

À VRAC – PUC-Rio e ao CNPq, pelo apoio financeiro.

## Resumo

Matos-Silva, Mariana Santiago de; Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. **“Teclando” com os mortos: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto.** Rio de Janeiro, 2011. 158p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Duas décadas após a difusão da Internet por todo o mundo, é nítida a diferença entre a realidade que havia antes e a que existe hoje. Pode-se dizer, sem o risco de incorrer em exageros, que a Internet promoveu mudanças em quase todas as áreas da vida humana. Dentre os incontáveis recursos que a Internet oferece está a possibilidade de fazer e manter amizades *online*, assim como de brigar, estudar, comprar, paquerar, reclamar de uma empresa ou serviço, discutir, namorar e conversar. Tudo isso pode ser feito através de diferentes ferramentas e ambientes na Rede, tais como os *emails*, *chats*, *sites* em geral, *blogs*, e, mais recentemente, *sites* de relacionamento. De todos estes, os *sites* de relacionamento (como Orkut e Facebook) vêm se tornando cada vez mais populares ao longo da última década, especialmente entre os jovens. Entre os diversos *sites* de relacionamento disponíveis, o Orkut é o mais frequentado pelo público brasileiro, que o utiliza geralmente para interagir através de mensagens, compartilhar fotos e participar de comunidades. Há, no entanto, pessoas que têm utilizado o Orkut com um fim que surpreendentemente vem se tornando cada vez mais frequente. Trata-se do uso do Orkut por pessoas enlutadas para enviar mensagens a outras que estão mortas, e cujo perfil foi mantido ativo. Visando compreender este novo comportamento, esta tese conta tanto com uma revisão bibliográfica como com uma pesquisa de campo. No levantamento bibliográfico, as concepções de morte, os comportamentos e rituais a ela associados são abordados do ponto de vista histórico e sociológico. Do ponto de vista psicológico, são apresentadas as diferentes fases do luto, os fatores que podem vir a influenciar a evolução deste processo e indicadores de que o luto foi elaborado. A pesquisa de campo conta com entrevistas com 15 pessoas que deixam mensagens em perfis de amigos ou familiares falecidos. A análise destas entrevistas revela que, em um momento inicial do luto, o perfil do falecido é percebido como uma “parte” daquele que se foi, favorecendo a sensação de proximidade com ele. Essa sensação faz com que

os enlutados tenham a impressão de que podem se comunicar com o falecido, o que os leva a deixar mensagens em seu perfil. Fazer isso traz um alívio momentâneo para a dor experimentada pelos enlutados, que se sentem confortados. Por este motivo, eles apontam o Orkut como uma fonte de ajuda para o abrandamento da dor pela perda de alguém querido. Conforme o tempo passa, há maior conformidade com a morte, o que leva as visitas ao perfil e as mensagens a se tornarem rarefeitas. O perfil se torna, então, apenas um lugar de boas recordações, a que as pessoas eventualmente recorrem quando querem se lembrar do falecido.

### **Palavras-chave**

Morte; luto; internet; Orkut; redes sociais; sites de relacionamento.



## Abstract

Matos-Silva, Mariana Santiago de; Nicolaci-da-Costa, Ana Maria (Advisor). **“Chatting” with the deceased: a study on the use of Orkut by bereaved people.** Rio de Janeiro, 2011. 158p. PhD Thesis - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Two decades after the Internet explosion throughout the world, there is a pronounced difference between the reality that existed before and the one we have nowadays. It is possible to say, without risk of exaggeration, that the Internet transformed almost every single part of human life. Among the immeasurable resources available in the Internet are the possibilities of making friends and maintaining friendships, as well as fighting, studying, buying, flirting, complaining of companies or services, arguing, dating and chatting. These things can all be done thanks to resources such as emails, chats, websites in general, blogs and, more recently, social network sites. Social network sites (as Orkut and Facebook) have become very popular during the last decade, especially among youngsters. Among the many social network sites available, Orkut is preferred by the Brazilians, who usually use it to interact with each other sending messages, sharing pictures and joining communities. However, some have been using Orkut for a different purpose, which surprisingly has become increasingly common. These are bereaved people who have been using Orkut to send messages to others who are dead, and whose profiles were kept active. Aiming to comprehend this new behavior, this thesis incorporates a bibliographic review and also a field research. In the bibliographic review, death conceptions, behaviors and rituals related to death are approached historically and sociologically. From the psychological standpoint, the different stages of grief, factors that can endanger the evolution of this process and indicators that grief has ended are presented. The field research is composed by 15 interviews with those who write messages in profiles of deceased family members or friends. The analysis of these interviews demonstrates that, in the first moment of grief, the deceased's profile is perceived as a “part” of the dead person, causing the sensation of being close to him/her. This perception makes the bereaved have the sensation that they can communicate

with the deceased, compelling them to leave messages on his/her profile. Doing so brings momentary relief for the sorrow experienced by the bereaved. Thence, they consider Orkut as an avenue to help relieve the pain of losing a loved one. As time passes, they get more resigned with the loss, which results in fewer profile visits and even rarer posting of messages. The profile becomes, then, just one place of nice memories, where people eventually go when they want to remember the deceased.

## **Keywords**

Death; mourning; bereavement; grief; Orkut; social network; social network sites.

## Sumário

1	Introdução	16
2	A sociedade diante da morte	21
2.1.	A construção social da realidade	24
2.1.1	Pensamentos, comportamentos e papéis são socialmente construídos	27
2.1.2.	O eu é socialmente construído	28
2.1.3.	O universo simbólico é socialmente construído	31
2.2.	A construção social da morte	34
2.2.1.	Ariès e a história da morte no Ocidente	34
2.2.1.1.	A morte domada	35
2.2.1.2.	A morte de si mesmo	36
2.2.1.3.	A morte do outro	38
2.2.1.4.	A morte interdita	40
2.2.2.	A morte e seus rituais	43
2.2.3.	O luto	45
3	O mundo interno diante da morte: a elaboração do luto	49
3.1.	O luto na visão de Freud	50
3.2.	A elaboração do luto na visão de autores contemporâneos	51
3.2.1.	Bowlby e as fases do luto	52
3.2.2.	Worden e as tarefas do luto	55
3.3.	O luto elaborado	57
3.4.	Fatores que podem complicar o luto	59
3.4.1.	O tipo de relacionamento com a pessoa perdida	60
3.4.2.	A idade do enlutado	62
3.4.2.1.	Crianças enlutadas	62
3.4.2.2.	Jovens enlutados	63
3.4.3.	As causas e circunstâncias da morte	64

3.4.3.1. A morte súbita	64
3.4.3.2. Morte após sofrimento prolongado	65
3.4.4. A rede social e de apoio ao enlutado	66
3.5. O luto e a morte interdita	67
4 Novas tecnologias gerando uma nova realidade	72
4.1. As transformações geradas pelo uso da Internet	73
4.2. O lugar da morte na plataforma de vida	75
4.2.1. Sites em geral	76
4.2.2. Blogs	77
4.2.3. <i>Sites</i> de relacionamento	79
4.2.3.1. Como funciona o Orkut	80
4.3. Perfis que “sobrevivem” apesar da morte de seus titulares	85
4.3.1. “Teclando” com os mortos via Orkut	87
5 Pesquisa de campo	92
5.1. Objetivos	94
5.2. Metodologia	95
5.2.1. Participantes da pesquisa	96
5.2.1.1. Critérios de seleção dos entrevistados	96
5.2.1.2. Critérios de seleção dos perfis dos falecidos	97
5.2.2. Considerações sobre o anonimato dos participantes	98
5.2.3. Como cheguei aos entrevistados	99
5.2.4. Coleta de dados	100
5.2.4.1. A marcação das entrevistas	101
5.2.4.2. Interrupções	102
5.2.4.3. Registro das entrevistas	102
5.2.4.4. A construção do roteiro de entrevistas	102
5.2.5. Análise dos dados	105
6 O uso do Orkut por pessoas enlutadas	107
6.1. Apresentando falecidos e entrevistados	107
6.1.1. Mais detalhes sobre os falecidos e os entrevistados	108
6.2. Os resultados da análise	110

6.2.1. Primeiros tempos após a morte	111
6.2.1.1. O perfil do falecido	111
6.2.1.1.1. O perfil era uma forma de ver a pessoa viva, saudável e feliz	112
6.2.1.1.2. O perfil era visto como uma “parte do falecido” que “sobreviveu”	113
6.2.1.1.3. Descrença x realidade da morte ao visitar o perfil	115
6.2.1.1.4. Ver os perfis trazia sofrimento, mas também conforto	116
6.2.1.2. Por que escreviam nos perfis?	118
6.2.1.2.1. Escrever dava a sensação de continuar tendo acesso aos falecidos	118
6.2.1.2.2. Escrever era uma forma de “desabafo”	120
6.2.1.2.3. O “desabafo” em datas especiais	122
6.2.1.2.4. A data de aniversário do falecido	123
6.2.2. O passar do tempo traz mudanças	125
6.2.2.1. Os aniversários após o primeiro ano de morte	128
6.2.2.2. Os perfis passam a ser “lugares” de lembranças	129
6.2.3. Como os participantes vêm seu uso do Orkut ao longo do luto	130
6.2.3.1. Por que, afinal, os participantes escreviam mensagens?	131
6.2.3.2. Visitar o perfil e escrever recados ajudou a lidar com a perda	133
6.2.3.3. A ajuda obtida no Orkut x a ajuda da fé	134
7 Conclusão	137
7.1. A importância dos rituais	137
7.2. Os rituais e a morte interdita	138
7.3. Surge um novo comportamento	139
7.4. Escrever no Orkut substituiu os rituais tradicionais?	141
7.5. Escrever no Orkut revela haver luto patológico?	142
7.6. Dados que apontam para a elaboração do luto dos entrevistados	143
7.6.1. As reações de aniversário	145
7.7. O que há de novo?	146
7.8. Pensando além	147
7.8.1. Há algo semelhante em outros países?	148

7.8.2. O que esperar daqui para frente? 150

8 Referências bibliográficas 152

Mais uma vida jogada fora  
Um coração que já não bate mais, descanse em paz  
Sonhos que vão embora, antes da hora  
Sonhos que ficam pra trás

Pra onde vai você? Pra onde vai? Pra onde vai o sol quando a noite cai?

E agora? A dor é do tamanho de um prédio  
A casa sem ele vai ser um tédio  
Não tem remédio, não tem explicação, não tem volta  
Os amigos não aceitam, o irmão se revolta  
A família não acredita no que aconteceu  
Ninguém consegue entender porque o garoto morreu  
Tiraram da gente um jovem tão inocente  
E a sua avó que era crente hoje tem raiva de Deus  
O seu pai ficou mais velho, mais sério e mais triste  
E a mãe simplesmente não resiste  
Além do filho, perdeu o seu amor pela vida  
E a nora agora tem tendências suicidas  
E a namoradina com quem sonhava se casar  
Todo mundo toda hora tem vontade de chorar  
Quando se lembra dos planos que o garoto fazia  
Ele dizia: "Eu quero ser alguém um dia"  
Sonhava com o futuro desde menino  
Ninguém podia imaginar o seu destino  
Mais uma vítima de um mundo violento  
Se Deus é justo, então quem fez o julgamento?

Por que um jovem que vivia sorridente perde a sua vida assim tão de repente?  
Logo um cara que adorava viver  
Realmente é impossível entender  
Nenhuma resposta vai ser capaz de trazer de novo a paz à família do rapaz  
Nunca mais suas vidas serão como antes  
E eles olham o seu retrato na estante  
Aquele brilho no olhar e o jeitão de criança  
Agora não passam de uma lembrança  
E a esperança de que ele esteja bem, seja onde for, não diminui o vazio que ele deixou  
É insuportável quando chega o seu aniversário  
E as suas roupas no armário parecem esperar que ele volte de surpresa  
Pra ocupar o seu lugar vazio à mesa  
A tristeza às vezes é tão forte que é mais fácil fingir que não houve morte  
Porque sempre que ele chega pra matar as saudades  
Ele vem com aquela cara de felicidade  
Alegrando os sonhos e querendo dizer que a sua alma nunca vai envelhecer  
E que sofrer não é a solução  
É melhor manter uma chama acesa no coração  
E a certeza na mente de que um dia se encontrarão novamente.

Gabriel, o Pensador, *Pra onde vai?*

# 1 Introdução

Ninguém quer morrer. Mesmo as pessoas que querem ir para o céu não querem morrer para chegar lá. Ainda assim, a morte é o destino que todos nós compartilhamos. Ninguém nunca conseguiu escapar dele. E é assim que deve ser, porque a morte é muito provavelmente a principal invenção da vida. É o agente de mudança da vida. Ela limpa o velho para abrir caminho para o novo. Nesse momento, o novo é você. Mas algum dia, não muito distante, você gradualmente se tornará um velho e será varrido. Desculpa ser tão dramático, mas esta é a verdade.<sup>1</sup>

Steve Jobs

Nos últimos 20 anos, o mundo vem passando por transformações a olhos vistos. Essas transformações ficam evidentes se pensarmos que termos hoje corriqueiros, tais como *email*, *site*, *deletar*, *formatar*, *hardware*, *software*, *GPS*, *spam*, *celular*, *SMS*, *add*, *comunidade*, *rede social*, simplesmente não existiam ou tinham outro sentido 25 anos atrás. Todos esses termos são derivados de mudanças favorecidas pelo uso das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), sendo as principais delas os telefones celulares e a Internet.

Grande parte das transformações ocorridas nos últimos anos é decorrente da difusão da Internet, que será o objeto de estudo do presente trabalho. Embora seu surgimento date do final da década de 1960, foi na década de 1990 que a Rede teve seu *boom*, popularizando-se em todo o mundo. Essa diferença de 30 anos entre o surgimento e a popularização se deve principalmente à finalidade que a Rede tinha antes, e a que veio a ganhar posteriormente. Inicialmente a Internet, que ainda não tinha esse nome, servia somente para a troca de informações militares sigilosas, durante o tempo da Guerra Fria. Na década de 1980, além do uso militar surgiu também um uso acadêmico para a Internet. Isso porque a Rede

---

<sup>1</sup> “No one wants to die, even people who want to go to Heaven don't want to die to get there. And yet, death is the destination we all share. No one has ever escaped it. And that is as it should be, because death is very likely the single best invention of life. It's life's change agent; it clears out the old to make way for the new. Right now, the new is you. But someday, not too long from now, you will gradually become the old and be cleared away. Sorry to be so dramatic, but it's quite true” (Tradução minha).



passou a conectar laboratórios das universidades norte-americanas entre si. Aos poucos estes laboratórios passaram a se interligar também com universidades e outras instituições por todo o mundo, ampliando consideravelmente a abrangência da Internet. Apenas no início da década de 1990 surge a *World Wide Web*, uma interface gráfica e, com ela, os navegadores (ou *browsers*), que permitiam que o usuário comum, sem conhecimentos técnicos, pudesse estar na Internet. No Brasil, a chegada da Internet comercial se deu no ano de 1995. A partir de então, qualquer brasileiro podia conectar-se à Rede e participar da revolução que acontecia ao redor do mundo.

Conforme o uso da Internet se difundia, as pessoas descobriam coisas que podiam fazer *online*. Nos *chats*, podiam fazer novos amigos independentemente da distância geográfica que pudesse haver. Nos *sites* de notícias, podiam estar a par dos últimos acontecimentos de qualquer país. Nos *emails*, podiam enviar e receber informações com agilidade. Ao longo do tempo, a Internet entrava na vida cotidiana e, aos poucos, dissolviam-se as rígidas fronteiras que havia entre “real” e “virtual”, que passaram a se interpenetrar. Seu uso modificou, entre tantas outras coisas, a maneira como buscamos informações, ouvimos músicas, conversamos, compramos, circulamos nas cidades, isso se quisermos citar apenas algumas das mudanças ocorridas.

O crescimento do uso da Rede, no entanto, não foi encarado por todos como algo que viria apenas a facilitar a vida cotidiana. Isso porque novas tecnologias, por serem desconhecidas, frequentemente geram temores relativos ao que elas podem gerar. Assim como o surgimento do rádio ou da televisão provocou esse tipo de reação, a difusão da Internet também gerou preocupações com os possíveis males que seu uso poderia causar às pessoas em geral. Este temor foi difundido pela mídia nacional e internacional, que divulgava informações sobre os supostos prejuízos que a Rede poderia causar, tais como comportamentos patológicos, isolamento, depressão, invasões de privacidade e outros (Nicolaci-da-Costa, 2003 e 2002). Conforme o tempo passava e a Internet deixava de ser uma novidade, todo o alarmismo diminuiu consideravelmente e a Rede deixou de gerar, em muitos, o pavor do início. A Internet passou a ser vista com outros olhos também graças a estudos de pesquisadores que viam a Rede como algo apenas novo, mas não necessariamente maléfico como alguns apontavam no início.

A revolução provocada pelo uso da Internet não foi um acontecimento pontual, que se restringiu a apenas alguns anos, mas foi algo que desencadeou transformações que continuam ocorrendo até os dias de hoje. Por esta razão, novos ambientes e novas ferramentas vêm surgindo incessantemente nos últimos tempos. Dentre estes novos ambientes, estão os *sites* de redes sociais, como o Orkut, o Facebook e o MySpace, todos criados nos últimos dez anos. Estes *sites* possibilitam que seus usuários, a partir da criação de um “perfil”, criem redes de relações e se comuniquem uns com os outros, compartilhem fotografias, participem de grupos de pessoas com interesses comuns etc. Tais ambientes se tornaram extremamente populares, principalmente entre o público jovem. Para se ter ideia, estima-se que, em todo o mundo, 96% das pessoas com idades entre 10 e 30 anos estejam em algum *site* de redes sociais. O Facebook, *site* do gênero mais frequentado do mundo, conta hoje com mais de 500 milhões de usuários. No ano de 2010, o Facebook pela primeira vez ultrapassou o Google como *site* mais acessado, sendo que o mecanismo de busca estava no topo dos *sites* mais visitados desde 2007. O sucesso dos *sites* de redes sociais é tanto que estima-se que 80% das companhias americanas os utilizem como meio de recrutar funcionários<sup>2</sup>

O público brasileiro também aderiu maciçamente aos *sites* de redes sociais. Dos aproximadamente 70 milhões de brasileiros que acessam a Internet, 79% fazem parte de redes sociais *online*. Embora os brasileiros usem a Internet principalmente para recorrer a mecanismos de busca, o uso das redes sociais no Brasil é a segunda principal razão de acesso. Os ambientes de redes sociais, portanto, já são mais utilizados que os *emails*, ocupando cerca de 60% do tempo online<sup>3</sup>.

Entre os *sites* de redes sociais disponíveis, o Orkut é aquele que tem maior popularidade entre o público jovem brasileiro. Criado em 2004, o Orkut rapidamente conquistou os brasileiros, que logo se tornaram a maior nacionalidade a fazer parte do *site*. Em 2006, era difícil encontrar um jovem que não participasse do Orkut. Toda essa “febre” fez com que eu me interessasse por

<sup>2</sup> Dados do *site* “Os números da Internet” (<http://www.osnumerodainternet.com.br/category/redes-sociais>), da Veja (<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/facebook-atinge-500-milhoes-de-usuarios-no-planeta>) e dos vídeos “Social Media Revolution 2” (<http://www.youtube.com/watch?v=2H-ZwTgCl9g>) e “State of Internet 2010” (<http://www.youtube.com/watch?v=RpAW0yRaKws>), todos acessados em 27 de janeiro de 2010.

<sup>3</sup> Dados do vídeo “RedesSociais.br” (<http://www.youtube.com/watch?v=DmRsQibIOWg>).

pesquisá-lo. Isso porque eu percebia que se tratava de um ambiente extremamente rico no que concerne às relações humanas. Observei que, no Orkut, as pessoas faziam amizades, mantinham contato com pessoas conhecidas, reencontravam amigos do passado, paqueravam, brigavam, faziam declarações de amor... O Orkut era, então, uma espécie de palco onde se desenrolava uma parte significativa da vida de muitas pessoas. Por este motivo, decidi estudar este ambiente tão vasto. Justamente por ser amplo demais, seria necessário definir um foco, dentro do próprio Orkut, onde concentraria meus estudos.

Investigando o Orkut mais a fundo, descobri que os usuários haviam criado um uso certamente diferente daquele idealizado por seus desenvolvedores. Muitas pessoas estavam usando o *site* não apenas para enviar mensagens para os perfis de seus amigos que, evidentemente, estão vivos, mas também para o de outros que haviam falecido. Assim sendo, embora a pessoa estivesse morta, seu perfil permanecia “vivo” e ativo, recebendo muitas mensagens. Estas mensagens eram escritas não apenas por amigos, mas também por familiares daqueles que tinham falecido. Eram, portanto, pessoas enlutadas, que estavam no Orkut “conversando” com mortos. Diante deste fenômeno tão surpreendente, muitas perguntas me vieram à mente: por que todas essas pessoas estavam escrevendo mensagens deste tipo? O que exatamente elas queriam ao escrevê-las? O que sentiam ao fazer isso? Deixar mensagens modificaria, de alguma maneira, o luto dessas pessoas? Todas essas perguntas me levaram a decidir investigar a fundo o que acontecia. Como apenas um estudo não seria capaz de fornecer tantas respostas, optei por restringir meu objetivo a responder a pergunta: *por que pessoas em luto enviam mensagens para perfis de pessoas mortas no Orkut?*

Por se tratar de um fenômeno novo, associado a uma série de novos comportamentos, pensei que entendê-lo somente a partir de referenciais anteriores ao surgimento da Internet seria uma tarefa complexa e que possivelmente resultaria em interpretações distorcidas da realidade. Considerei fundamental, portanto, fazer, além de um detalhado levantamento bibliográfico, uma pesquisa qualitativa na qual pude perceber o ponto de vista daqueles que escrevem mensagens como as mencionadas. O resultado de todo este estudo está dividido nos 7 capítulos desta tese, que incluem a presente introdução. Para orientar o leitor sobre o que foi realizado, apresentarei brevemente os capítulos seguintes.

No capítulo 2, intitulado “*A Sociedade diante da morte*”, me dediquei a estudar a morte do ponto de vista social. Nele, reviso uma série de estudos que mostram como as percepções que temos sobre a realidade são diretamente influenciadas pelos valores da sociedade na qual estamos inseridos. Entre essas influências, estão aquelas referentes a como reagimos e o que sentimos quando uma pessoa falece. Neste capítulo, apresento ainda as concepções de morte e os comportamentos relativos a ela ao longo da história do ocidente.

No terceiro capítulo, “*O mundo interno diante da morte: a elaboração do luto*”, examino a morte do ponto de vista psicológico. Neste capítulo, apresento as ideias de diferentes autores acerca do processo de elaboração do luto. Descrevo, então, as diferentes etapas atravessadas pelo enlutado até que se possa considerar o luto elaborado, assim como fatores que podem vir a complicar este processo.

O capítulo 4, “*Novas tecnologias gerando uma nova realidade*”, é dedicado a apresentar em detalhes as transformações proporcionadas pelo uso da Internet. Entre tais transformações estão aquelas relativas ao modo como nos relacionamos uns com os outros atualmente, especialmente a partir do advento dos *sites* de redes sociais. Neste capítulo apresento de maneira minuciosa o fenômeno estudado, a saber, o de se escrever mensagens, no Orkut, para pessoas que estão mortas.

Concluída a revisão bibliográfica, chegamos ao quinto capítulo, “*Pesquisa de campo*”, no qual apresento os objetivos da pesquisa qualitativa realizada, assim como cada uma das etapas da metodologia utilizada. No capítulo seguinte, “*O uso do Orkut por pessoas enlutadas*”, são apresentados os participantes da pesquisa e os principais resultados obtidos após a análise das entrevistas realizadas.

Finalmente, no sétimo e último capítulo procurei integrar tudo o que foi visto neste estudo. Para tal, os resultados da pesquisa são discutidos e relacionados ao conteúdo teórico apresentado anteriormente.

## 2

### A sociedade diante da morte

Chicó: Não tem mais jeito, João Grilo morreu. Acabou-se o Grilo mais inteligente do mundo. Cumpriu sua sentença e encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca de nosso estranho destino sobre a Terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre. Que posso fazer agora?

Ariano Suassuna, *O Auto da compadecida*.

A morte é sem dúvida um acontecimento importante em qualquer sociedade. Sua importância se deve, entre outras razões, ao fato de ela tornar necessária a transmissão de costumes dentro de um grupo, já que o contato entre diferentes gerações é sempre limitado. Nos dias de hoje, por exemplo, a expectativa de vida média faz com que uma pessoa dificilmente tenha contato direto com alguém de uma geração que vá além da de seus bisavós. Da mesma maneira, dificilmente poderá conhecer os filhos de seus bisnetos. Para que os costumes de uma cultura sejam duráveis, ou seja, para serem conhecidos por tataravô e tataraneto, é preciso que sejam transmitidos sucessivamente de geração em geração. Por isso a cultura está diretamente relacionada à morte, como explicita Morin (1976): “a existência da cultura, isto é, dum patrimônio colectivo de saberes (...) só tem sentido porque as gerações morrem e é constantemente preciso transmiti-la às novas gerações” (Morin, 1976, p. 11). Por esta razão, Morin (1976) e Jankélevitch (1966) consideram que uma sociedade não funciona apesar da morte ou contra ela, mas só existe como organização por causa da morte.

A importância da morte para qualquer sociedade transparece em toda a mobilização que um falecimento gera. Esta mobilização envolve as emoções que a perda desperta, bem como crenças, rituais e comportamentos relacionados à morte. Usando como exemplo os costumes brasileiros de hoje, percebemos que o falecimento de uma pessoa geralmente desperta tristeza e consternação, especialmente naqueles que lhe eram mais próximos. A comoção, contudo, geralmente é atenuada pela crença que a alma do morto foi para um “outro lugar”, pensado como melhor do que o mundo dos vivos.

A morte também desencadeia uma série de rituais: pensando ainda na cultura brasileira, percebemos que o corpo deve ser enterrado o quanto antes, sendo o enterro precedido por um velório. Neste último, o morto é disposto em um caixão, vestido com roupas cuidadosamente escolhidas, sendo seu corpo recoberto por flores. Nas religiões cristãs, o envio de coroas de flores (que são colocadas próximas ao caixão) é um sinal de consideração e apreço pelo recém-falecido. No caso da religião judaica, pelo contrário, a consideração consiste em não se enviarem flores. Quase sempre, em algum momento, há a presença de uma autoridade religiosa (que varia conforme a crença da família do morto) que convoca os presentes a rezarem pela alma do falecido. Há, ainda, outras cerimônias que sucedem o enterro, em datas pré-estabelecidas (por exemplo, a missa de sétimo dia, na religião católica, ou a Descoberta da Matzeiva, na judaica).

Esse conjunto, que inclui emoções, crenças e rituais, revela que, para o Homem, a morte é percebida como algo que vai além de um fenômeno fisiológico:

*“Ao evento orgânico é acrescentada uma complexa quantidade de crenças, emoções e atividades que lhe dão seu caráter peculiar. Vemos a vida se extinguir, mas expressamos esse fato através do uso de uma linguagem especial: é a alma, dizemos, que parte para outro mundo onde vai encontrar seus antepassados” (Hertz, 1907/2004, p. 197)<sup>4</sup>.*

As crenças, emoções e rituais são, portanto, três elementos que dão à morte humana uma característica peculiar. Embora possam variar consideravelmente em diferentes sociedades e períodos da história, essas variações geralmente não são percebidas, e esses elementos são quase sempre percebidos com familiaridade pelos membros de uma cultura. Essa familiaridade faz com que crenças, emoções e rituais sejam pensados como reações “naturais” à morte, como se fossem algo inerente à espécie humana. Em nossa cultura, é “natural”, por exemplo, sentir tristeza quando da perda de alguém querido. Por causa dessa sensação de “naturalidade”, pode-se pensar que a tristeza é um sentimento universal diante da morte. A “naturalidade” pode, portanto, fazer uma

---

<sup>4</sup> “To the organic event is added a complex mass of beliefs, emotions and activities which give it its distinctive character. We see life vanish but we express this fact by the use of a special language: it is the soul, we say, which departs for another world where it will join our forefathers” (tradução minha).

pessoa ignorar o quanto os costumes variam de acordo com a cultura e com a época.

Os sentimentos e os modos de se comportar quando da morte de uma pessoa parecem “naturais” quando estão de acordo com a concepção de morte vigente no contexto em que estão inseridos. Até aproximadamente o século XV, por exemplo, os cemitérios europeus eram locais de encontro, onde havia comércio, dança e jogos (Ariès, 1977). Esse costume, que seria visto nos dias de hoje como grotesco, era o “natural” à época. Tal “naturalidade” está relacionada à concepção de morte predominante naquela cultura, naquele momento histórico. Na Europa daquele período, a morte era vista de maneira quase sempre tranquila, sem qualquer tipo de medo ou horror. Morrer era percebido como algo “natural”, que fazia parte da ordem das coisas. Por isso, fazia sentido que os cemitérios fossem um lugar de reunião social entre as pessoas<sup>5</sup>.

Todos esses elementos – as concepções de morte, as emoções que ela gera, as crenças e os rituais a ela associados – são geralmente pensados como “naturais”, portanto, quando observados *de dentro* do contexto no qual estão inseridos. Por esta razão, um brasileiro pode pensar que enterros “devem” acontecer o mais breve possível, de preferência no próprio dia do falecimento ou, no máximo, no dia seguinte. Norte-americanos, por sua vez, podem considerar que o “natural” é haver um velório que dure dias (podendo chegar a uma semana) e, somente após esse tempo, o corpo ser enterrado. Se o “natural” é diferente para brasileiros e norte-americanos, isso acontece porque cada contexto social tem regras e costumes diferentes. A ideia de “naturalidade” está relacionada, então, aos parâmetros de cada sociedade. Não é, portanto, determinada *a priori*, mas construída socialmente. Não é fruto da natureza, mas da cultura.

A impressão de que certos hábitos são “naturais” não existe apenas em relação aos costumes que concernem à morte. Mais do que isso, se aplica a também a outros elementos da vida em sociedade. Parece-nos “natural”, por exemplo, que paremos nossos carros quando vemos um sinal vermelho, ou que presenteemos uma pessoa que faz aniversário. Os comportamentos relativos à morte, ao sinal de trânsito e aos aniversários nos são familiares por serem

---

<sup>5</sup> Essa concepção de morte e os costumes que dela decorrem serão mais detalhados adiante.

produtos da vida social. Por este motivo acabam sendo percebidos como espontâneos.

A maneira como o contexto social gera hábitos e comportamentos e o modo como estes passam a ser percebidos como “naturais” serão assuntos deste capítulo. As ideias serão apresentadas em duas partes, de modo que partirei de noções mais gerais e chegarei a conceitos mais especificamente relacionados à morte. Assim, na primeira parte mostrarei como pensamentos e comportamentos em geral podem ser vistos como frutos do contexto social. Na segunda parte, me aprofundarei no tema da morte como algo socialmente construído. Buscarei, então, apontar como as concepções de morte, seus rituais (que envolvem as crenças) e tipos de lutos (que envolvem as emoções) são produtos da cultura e do período histórico nos quais se inserem.

## **2.1. A construção social da realidade**

A noção de que pensamentos e comportamentos são frutos do contexto social foi difundida principalmente por estudiosos da Sociologia do Conhecimento. Esta área da Sociologia se desenvolveu sobretudo no século XX, embora suas origens possam ser identificadas em obras de autores dos séculos XVIII e XIX. Esta seção será dedicada à apresentação das ideias centrais da Sociologia do Conhecimento. Iniciarei descrevendo o contexto histórico no qual ela surgiu.

As raízes da Sociologia do Conhecimento podem ser encontradas nas transformações provocadas pela Revolução Industrial (Berger e Luckmann, 1985/2002; Mannheim, 1960/1986). Até aquele momento da História, o mundo ocidental era organizado de acordo com verdades consideradas absolutas e inquestionáveis. Essas verdades eram estabelecidas por algumas poucas instituições, sendo a Igreja uma delas. As ideias destas instituições não deveriam ser postas em dúvida e não cabiam opiniões divergentes a elas.

Essa realidade, contudo, seria modificada no final do século XVIII. A Revolução Industrial, marcada pela descoberta do vapor como fonte de energia inanimada, deu origem a transformações significativas da sociedade europeia. A



mudança mais imediata e evidente foi o aumento da capacidade de produção, que desencadeou uma série de outras, principalmente ao longo do século XIX. Surgiram as metrópoles, modificaram-se as relações de trabalho, surgiram novas regras econômicas, sociais, políticas, surgiu a divisão entre locais e horários de trabalho e lazer, para citar apenas as principais transformações (Nicolaci-da-Costa, 2005). Todas essas transformações fizeram com que as instituições antes dominantes perdessem suas posições de controladoras absolutas das maneiras de pensar e agir. A partir de então, vieram à tona novas formas de ver o mundo. É o que explicita Mannheim (1960/1986):

*“A visão de mundo quase unanimemente aceita, mantida artificialmente, foi destruída a partir do momento em que se destruiu a posição socialmente monopolista de seus produtores. Com a liberação dos intelectuais da rigorosa organização da Igreja, foram sendo cada vez mais reconhecidas outras formas de interpretar o mundo”* (Mannheim, 1960/1986, p.40).

O surgimento de novas maneiras de interpretar o mundo levou certos estudiosos a perceberem que não há verdades absolutas, mas diferentes modos de ver a realidade, que, por sua vez, são frutos do contexto social. Mannheim, sintetizando o pensamento destes estudiosos, afirma:

*“(...) quem pensa não são os homens em geral, nem tampouco indivíduos isolados, mas os homens em certos grupos que tenham desenvolvido um estilo de pensamento particular em uma interminável série de respostas a certas situações típicas características de sua posição comum”* (Mannheim, 1960/1986, p.31).

Alguns autores tiveram a sensibilidade de perceber isso precocemente, quando as transformações da Revolução Industrial ainda eram incipientes. Um deles foi Marx, que, em 1844, já afirmava que a consciência do homem é determinada por seu ser social (Merton, 1945/1974). Para Berger e Luckmann (1985/2002), foram justamente estas ideias que deram origem à Sociologia do Conhecimento.

Além de Marx, Durkheim é outro autor cujo pensamento contribuiu para o desenvolvimento da Sociologia do Conhecimento. Em uma de suas mais célebres obras, “O Suicídio”, publicada originalmente em 1897 (Durkheim, 1897/1987), Durkheim afirma que a sociedade é uma espécie de “freio” para o Homem. Para ele, caso não existissem as instituições sociais, as pessoas agiriam somente conforme seus impulsos. São as regras oriundas do contexto social que nos

impedem, por exemplo, de matar alguém em um momento de raiva ou de termos relações sexuais em qualquer local, quando temos vontade. Para Durkheim, apenas a sociedade pode desempenhar esse papel de moderador, porque “só ela tem a necessária autoridade para ditar o direito e fixar para as paixões o ponto além do qual não podem ir” (Durkheim, 1895/1987, p. 196). Na época em que escrevia, a sociedade europeia carecia desse “freio”. Isso porque a Revolução Industrial havia feito com que as instituições que detinham o poder perdessem sua força. A única força que havia “sobrevivido à tormenta” era o Estado, que se tornou, por isso, o único responsável por regular uma imensa massa de indivíduos. Como consequência, o Estado foi sobrecarregado e não foi capaz de cumprir a função moderadora de maneira adequada. A falta de uma força exterior que impusesse limites levou a sociedade europeia a uma crise. Um dos “sintomas” dessa crise foi o aumento do número de suicídios. O que Durkheim chama de “suicídio anômico” é justamente o tipo de suicídio decorrente da falta de uma instituição reguladora. Por esta razão, ele afirma que até mesmo uma decisão aparentemente tão íntima e individual como a de tirar a própria vida pode ter motivações de origem externa ao indivíduo.

A ideia de que o pensamento e o comportamento humanos são influenciados pelo contexto social também foi explicitada por Simmel (1902/1987), contemporâneo de Durkheim e Marx. Para este autor, o que se passa no psiquismo humano é consequência da vida em sociedade. Simmel percebeu isto ao observar uma transformação que acontecia diante de seus olhos. A Revolução Industrial havia dado origem às metrópoles, onde o tipo de vida era muito diferente do que existia nas comunidades feudais. A metrópole, entre outras coisas, inaugurou a separação entre ambiente doméstico e ambiente de trabalho, gerou a distinção entre o público e o privado e deu origem à concepção de anonimato. Estes e outros elementos geraram transformações internas, que se passavam no psiquismo das pessoas (Nicolaci-da-Costa, 2005). É o que Simmel deixa claro ao afirmar que

*“(...) de cada ponto da superfície da experiência (...) pode-se deixar cair um fio de prumo para o interior da profundidade do psiquismo, de tal modo que todas as exterioridades mais banais da vida estão, em última análise, ligadas às decisões concernentes ao significado e estilo de vida” (Simmel, 1902/1987, p. 15).*

As ideias de Marx, Durkheim e Simmel, que datam da passagem do século XVIII para o XIX, constituem as raízes da Sociologia do Conhecimento. Esta área da Sociologia foi desenvolvida principalmente no século XX por estudiosos diversos. Entre eles estão Scheler (1924/1973), Mannheim (1960/1986), Merton (1945/1974), Mead (1934/1974) e Berger e Luckmann (1985/2002). Os pensamentos centrais desta área serão expostos a seguir. Para isso, utilizarei como referenciais obras de alguns destes autores, bem como de Durkheim (1895/1987 e 1897/1987). Esta apresentação será dividida em torno de três proposições que sintetizam a Sociologia do Conhecimento: a) Pensamentos e comportamentos são socialmente construídos; b) O eu é socialmente construído; c) O universo simbólico é socialmente construído. Vale ressaltar que essa é uma divisão artificial, que será utilizada apenas com a finalidade de organizar a presente exposição. Isso porque os pensamentos e comportamentos, o eu e o universo simbólico não são entidades isoladas, mas fazem parte de um mesmo conjunto.

### 2.1.1.

#### **Pensamentos, comportamentos e papéis são socialmente construídos**

A principal tese da Sociologia do Conhecimento é a de que todo tipo de pensamento e comportamento tem origens sociais. Nas palavras de Mannheim (1960/1986):

*“Somente num sentido muito limitado o indivíduo cria por si mesmo um modo de falar e de pensar que lhe atribuímos. Ele fala a linguagem de seu grupo; pensa do modo que seu grupo pensa”* (Mannheim, 1960/1986, p.30-31).

Com isso, Mannheim quer dizer que seria incorreto analisar o pensamento ou atitude de um indivíduo isoladamente, sem considerar o contexto social no qual ele se insere. Assim sendo, categorias como “normal” ou “patológico”, “moral” ou “imoral”, não existem *a priori*, mas estão sempre relacionadas com as concepções de uma determinada cultura, em um determinado período histórico (Durkheim, 1895/1987).

Além de pensamentos e comportamentos, os papéis e deveres que temos na sociedade em que vivemos também são frutos do contexto social. Não são, portanto, resultado de uma escolha espontânea ou individual:

*“Quando desempenho meus deveres de irmão, de esposo ou de cidadão, quando me desincumbo de encargos que contraí, pratico deveres que estão definidos fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes”* (Durkheim, 1895/1987, p.1).

Assim, nossos atos, papéis e deveres não existem graças a uma motivação interna, individual. Pelo contrário, são “requeridos” de nós. Em uma sociedade patriarcal, um homem não assume a posição de provedor de sua família por algo como um “instinto masculino”, ou por uma vontade que lhe é peculiar. É a sociedade quem lhe “diz” que essa é a função de um homem na família e “exige” que ele assuma esse papel. Isso lhe será “dito” através da educação, cuja função social analisarei adiante. Os papéis e deveres que nos são exigidos não são percebidos, no entanto, como algo cuja origem é social, ou seja, externa a cada um de nós. Pelo contrário, são vistos com tamanha “naturalidade” que são vivenciados como algo que vem “de dentro”:

*“O conhecimento humano é dado na sociedade como um a priori à experiência individual, fornecendo a esta sua ordem de significação. Esta ordem (...) aparece ao indivíduo como o modo natural de conceber o mundo”* (Berger e Luckmann, 1985/2002, p.20-21).

Assim como pensamentos, comportamentos e papéis são frutos do contexto social, é dele também que emergirá a identidade do indivíduo. É, portanto, através dele que se formará o “eu”. Vejamos como.

### **2.1.2.**

#### **O eu é socialmente construído**

Ao nascer, o ser humano é um organismo biologicamente incompleto. A visão de um recém-nascido, por exemplo, não está plenamente formada: a distinção entre cores é precária e os músculos dos olhos têm pouca coordenação. O desenvolvimento ao longo dos meses fará com que, em menos de um ano, o bebê enxergue perfeitamente. O desenvolvimento psíquico é comparável ao biológico, já que o recém-nascido não vem ao mundo com um psiquismo formado. Não há, por conseguinte, o que podemos chamar de eu, ou seja, a consciência de ter uma identidade e ser uma pessoa separada das demais. O eu será fruto do desenvolvimento, que levará anos até que possa ser considerado completo. Assim, os aspectos biológicos e os psicológicos se desenvolvem em

paralelo. Tanto o desenvolvimento psíquico como o biológico dependem diretamente da relação com o ambiente:

*“O período durante o qual o organismo humano se desenvolve até completar-se na correlação com o ambiente é também o período durante o qual o eu humano se forma. Por conseguinte, a formação do eu deve também ser compreendida em relação com o contínuo desenvolvimento orgânico e com o processo social, no qual o ambiente natural e o ambiente humano são mediatizados pelos outros significativos”* (Berger e Luckmann, 1985/2002, p. 73).

Para os autores citados, o eu emerge a partir da vida social. Esta última é inaugurada pela relação com os pais<sup>6</sup>, encarregados dos cuidados ao bebê. Berger e Luckmann (1985/2002) os chamam de “outros significativos” por serem estas as pessoas mais importantes no início da vida de qualquer um. Esta importância se deve ao fato de o contato entre o bebê e o mundo ser feito por intermédio delas. Isso porque o bebê não tem meios para identificar suas necessidades (sente um incômodo, mas não sabe que precisa de comida, por exemplo) nem tampouco para supri-las, de modo que estas serão duas das tarefas dos outros significativos.

A identidade de cada pessoa se desenvolve a partir dessa relação inicial. São os pais que inicialmente dirão ao bebê – com seus atos e palavras – quem ele é. Aos poucos a criança irá internalizando as ideias destes adultos. A internalização faz com que tais ideias sejam sentidas como se fossem produtos da própria criança. Em um exemplo simples, em nossa cultura associamos a cor azul aos meninos e a cor rosa às meninas. Quando um bebê do sexo masculino nasce, geralmente o azul predomina na decoração de seu quarto e nas roupas que lhe são colocadas. Com isso, os pais dizem a seu filho: “você é um menino e meninos gostam de azul”. Conforme cresce, essa ideia é interiorizada. Passa, assim, a ser vivenciada como um pensamento que o menino teve espontaneamente, e não que os pais lhe tenham imposto. Nas palavras de Durkheim, “vítimas de uma ilusão, acreditamos ser produto de nossa própria elaboração aquilo que nos é imposto do exterior” (Durkheim, 1895/1987, p. 4). Assim, no exemplo dado, a identidade masculina e sua associação com a cor azul não se deu de maneira espontânea, mas foram induzidas pelo contexto social, através dos pais.

---

<sup>6</sup> Utilizarei o termo “pais” sempre nos referindo às pessoas que cuidam do bebê e que, por isso, têm função materna/paterna, ainda que não sejam seus genitores biológicos.

Os primeiros contatos entre o bebê e o mundo se dão ao longo do período que compreende a socialização primária. Esta é a primeira socialização que o indivíduo experimenta (Berger e Luckmann, 1985/2002) e é quando começa a aprender e a internalizar as regras de sua sociedade. Isso se dá principalmente através da educação. A educação é a maneira através da qual se impõe a cada pessoa um modo determinado de pensar, de sentir e de agir. Nas palavras de Durkheim,

*“(...) a educação tem justamente por objeto formar o ser social (...). A pressão de todos os instantes que sofre a criança é a própria pressão do meio social tendendo a moldá-la à sua imagem, pressão de que tanto os pais quanto os mestres não são senão representantes e intermediários”* (Durkheim, 1895/1987, p.5).

A socialização primária não consiste apenas em um aprendizado formal. Mais do que isso, ela envolve alto grau de emoção, só sendo possível quando há uma ligação afetiva entre a criança e aqueles que são significativos em sua vida. As regras da cultura, desta forma, só são internalizadas quando há identificação da criança com estas pessoas.

Categorias que dizem respeito ao que é (ou não) correto, normal ou moral para cada sociedade são apreendidas na socialização primária. Ao ensinar às crianças como devem se portar, estamos lhes dizendo que há um modo “certo” de fazer as coisas, o qual devem seguir. Ensinaamos, por exemplo, que devem comer com garfo e faca, de boca fechada, sem deixar a comida cair. Por ser apresentado pelos pais e internalizado pela criança na socialização primária, esse modo de comer é assimilado como o correto. Por este motivo, ao comer, em diversas ocasiões ao longo da vida, a pessoa procurará fazê-lo dessa maneira. “Certo” se torna sinônimo de “natural”. Assim, a ideia “mamãe disse que é bonito comer assim” se torna uma regra geral: “*come-se* de tal modo”.

A socialização primária pode ser vista, então, como a base sobre a qual toda a socialização subsequente acontecerá. É condição *sine qua non* para que uma pessoa seja considerada membro de sua sociedade. Isso porque este momento da socialização fornece os parâmetros básicos da cultura: noções de certo e errado, moral e imoral, normal e patológico. Esses parâmetros são interiorizados e, a partir de então, a pessoa estará apta a participar de diferentes setores de seu grupo social. Assim, ter interiorizado o “mundo básico”, composto pelo que é

considerado o essencial para sua sociedade, fornece os elementos para que uma pessoa saiba como se comportar nas mais diversas áreas da vida social.

A partir da interiorização do “mundo básico”, tem início a socialização secundária. Esta consiste em “qualquer processo subsequente [à socialização primária] que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade” (Berger e Luckmann, 1985/2002, p. 175). Na socialização secundária, são interiorizadas “realidades parciais”, que não têm um caráter de verdade absoluta, mas de regras específicas que fazem sentido em determinados contextos sociais. Uma pessoa pode trabalhar, por exemplo, em uma empresa que exija que seus funcionários usem trajes formais, como terno e gravata. Essa mesma pessoa pode mudar de emprego e passar a fazer parte de uma instituição em que se trabalhe com roupas esportivas, como short e camiseta. Nesta situação, nenhuma das duas regras será interiorizada como “o certo”. Nenhuma das regras será generalizada para outras situações. Ambas serão vistas como *possibilidades*, adequadas a cada contexto.

A socialização secundária faz com que novas características sejam acrescentadas à identidade de cada pessoa. Estas características, no adulto, vêm principalmente das relações sociais e do mundo do trabalho. Dessa forma, a socialização primária gera, entre outras coisas, a identidade de gênero. Aprendemos e internalizamos a ideia de que somos “meninos” ou “meninas”. Na socialização secundária, nossa identidade se incrementa. Além de homens ou mulheres, nos tornamos também estudantes, advogados, donas-de-casa, médicas, pais etc. A identidade é, portanto, formada por processos sociais que acontecem ao longo de toda a socialização (Mead, 1934/1974; Berger e Luckmann, 1985/2002).

Ao longo da vida, a maneira pela qual percebemos e compreendemos o que está à nossa volta sofre influência direta do universo simbólico do qual fazemos parte. Esse universo, por sua vez, também é determinado socialmente.

### **2.1.3.**

#### **O universo simbólico é socialmente construído**

O universo simbólico é a “matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais” (Berger e Luckmann, 1985/2002, p. 132).

Fazem parte dele a sociedade como um todo e seus acontecimentos, tais como guerras, colonizações, conquistas territoriais e eventos políticos. Além disso, constituem também este universo as áreas de significação “destacadas da vida diária e dotadas de peculiar realidade própria” (Berger e Luckmann, 1985/2002, p. 132). Entre elas estão os sonhos, as fantasias, as crenças e práticas místicas ou religiosas e as explicações da ciência para os fenômenos. Assim, fazem parte do universo simbólico tanto a ideia religiosa de alma como o conceito psicológico de ego. Ambos compõem universos muito mais amplos – um religioso, ou metafísico, e outro científico. São construídos socialmente e fazem sentido dentro de contextos específicos. Assim, falar em alma só faz sentido em contextos místicos/religiosos, assim como falar em ego só faz sentido em contextos influenciados pelas teorias psicológicas.

É a partir do universo simbólico que surgem diferentes tipos de explicações para fenômenos diversos. Um sonho, por exemplo, pode ser explicado por uma teoria psicológica (como a realização inconsciente de desejos), mas também por teorias metafísicas (como a alma que sai do corpo durante a noite). Tanto a teoria psicológica como as teorias metafísicas fazem parte do universo simbólico.

O universo simbólico influencia também nossa maneira de entender a História. Costumamos pensar esta última como algo que compreende uma série de acontecimentos coletivos organizados em uma unidade coerente, que possui passado, presente e futuro (Berger e Luckmann, 1985/2002). A integração entre diferentes tempos se dá geralmente através dos ritos. No judaísmo, por exemplo, muitos dos ritos exigem o jejum como forma de lembrar o sofrimento dos antepassados. Jejuar é, então, um modo de se estar em comunhão com os ancestrais que, em dias comuns, fazem parte do passado. Assim, as pessoas de hoje juntam-se às do passado e formam, com elas, um “todo”: o povo judeu. Vemos, desta forma, que o universo simbólico judaico, através dos ritos, ordena a história do povo judeu.

É também o universo simbólico que nos leva a organizar e a integrar a apreensão subjetiva de experiências pertencentes a diferentes áreas da realidade. A realidade pode ser dividida em dois tipos. Há, por um lado, a realidade que podemos considerar predominante na vida cotidiana. É dela que vem nossa sensação de estabilidade, que não nos faz ter dúvidas quanto a quem somos, onde moramos, o que fazemos, etc. O outro tipo de realidade abrange as chamadas



“realidades marginais”. Estas são compostas por tudo aquilo que ameaça a realidade “sadia”, natural e material da vida em sociedade. Um exemplo são os pensamentos considerados “loucos” ou “aterrorizantes”, como a ideia de que a vida cotidiana não passa de uma ilusão. O universo simbólico faz com que a realidade predominante seja considerada “a” realidade, tornando, portanto, as realidades marginais menos ameaçadoras. É o que explicitam Berger e Luckmann:

*“Estes pensamentos de loucura e terror são contidos pela ordenação de todas as realidades concebíveis dentro do mesmo universo simbólico, que abrange a realidade da vida diária, a saber ordenando-os de tal maneira que esta última realidade conserve sua dominante e definitiva qualidade”* (Berger e Luckmann, 1985/2002, p. 134).

Dentre as realidades marginais que ameaçam a realidade da vida cotidiana, a principal é a morte: “a experiência da morte dos outros e, conseqüentemente, a antecipação da sua própria morte estabelece a situação limite por excelência para o indivíduo” (Berger e Luckmann, 1985/2002, p. 138). O universo simbólico faz com que essa experiência seja menos aterrorizante. Isso porque é dele que vêm, por exemplo, as teorias sobre a ida da alma do falecido para um lugar melhor ou a ideia de que é necessário rezar missas em homenagem ao morto. Ambas amenizam a ameaça que a morte constitui e capacitam o indivíduo a continuar vivendo na sociedade depois do falecimento daqueles que lhe eram queridos. O universo simbólico, portanto, gera crenças que fazem com que as ideias sobre a própria morte sejam vivenciadas com menos terror, possibilitando que a vida cotidiana prossiga.

O universo simbólico tem, então, uma função essencial para qualquer sociedade. Ele faz com que as pessoas sintam que a realidade é estável e até certo ponto inabalável, “sobrevivendo” apesar de tudo o que pode ameaçá-la, até mesmo a morte:

*“(...) a própria sociedade institui procedimentos específicos para situações reconhecidas como capazes de implicar o risco do colapso da realidade. Nestas situações pré-definidas acham-se incluídas certas situações marginais, das quais a morte é de longe a mais importante”* (Berger e Luckmann, 1985/2002, p. 207).

A morte, como mencionei antes, será o tema da segunda parte deste capítulo, à qual passaremos a seguir. Após a revisão sobre as ideias centrais da Sociologia do Conhecimento, fica clara a influência do contexto social nos

pensamentos, comportamentos, na constituição do eu das pessoas e no universo simbólico de uma cultura. Podemos agora, portanto, buscar entender a maneira como o contexto social exerce influência sobre as concepções de morte de uma sociedade e sobre o modo como seus membros agem quando do falecimento de alguém.

## **2.2. A construção social da morte**

A influência do contexto social nas maneiras de se conceber a morte e de se experimentar perdas torna-se evidente quando estudamos as transformações de uma sociedade ao longo da história. Ao fazermos tal estudo, percebemos com clareza que mudanças sociais têm como consequência alterações nos modos de se lidar com a morte. Em vista disso, me aprofundarei a seguir nas mudanças que ocorreram ao longo da história do Ocidente. Utilizarei como fio condutor os estudos de Philippe Ariès (1977 e 1989), autor que se tornou a maior referência sobre o tema.

### **2.2.1. Ariès e a história da morte no Ocidente**

Transformações ao longo da história do Ocidente fizeram com que os sentimentos despertados pela morte e as maneiras de agir diante dela se alterassem consideravelmente. Desse modo, diferentes momentos históricos geraram diferentes maneiras de se lidar com a morte. Essas modificações, ocorridas ao longo de muitos séculos, foram lentas e certamente imperceptíveis para aqueles que as vivenciaram. No entanto, o minucioso estudo de Ariès (1977 e 1989) faz com que elas pareçam evidentes. Isso porque este autor descreve com detalhes e compara momentos distintos da história, tornando claras as diferenças entre eles. Ariès agrupa os modos de se conceber a morte em quatro períodos distintos. São eles: a) A morte domada; b) A morte de si mesmo; c) A morte do outro; e d) A morte interdita. Examinemos cada um deles.

### 2.2.1.1. A morte domada

No período compreendido entre os séculos V e XI, a morte era vista de modo próximo e familiar. No decorrer destes séculos, havia uma tranquilidade e até mesmo certa indiferença em relação à morte. Isso se devia ao fato de ser ela pensada como parte da “ordem da natureza”, ordem esta que compreendia a ressurreição, tida como uma certeza por todos (Ariès, 1977). Essa certeza fazia com que tanto o próprio destino como o de outras pessoas após a morte não gerasse preocupações. O simples fato de ser enterrado *ad sanctos* (perto dos santos, geralmente nas igrejas) tornava o morto um santo por contágio. Após a morte, pensava-se que a vida teria continuação em um “outro lugar”, sempre visto como melhor que o mundo dos vivos. Devido à proximidade e à familiaridade que havia com a morte, Ariès (1977) chamou este período de “morte domada”.

Nessa época, os ritos relativos à morte tinham início antes mesmo que ela acontecesse, quando a pessoa estava enferma. Ao perceber que faleceria em breve<sup>7</sup>, o próprio moribundo deveria tomar providências quanto ao cerimonial final. Este cerimonial era presidido por ele mesmo, sendo a morte esperada no leito. Nesse momento, a presença das pessoas era vista como fundamental. Isso porque havia um modo de vida comunal em que grupo social era tido como mais importante do que o indivíduo isoladamente. Por este motivo, o quarto do doente se tornava um lugar público, de livre acesso à comunidade. O “natural”, à época, era morrer-se entre parentes, vizinhos, amigos, crianças e mesmo desconhecidos.

Por ser a morte aceita com tranquilidade, a maior parte do cerimonial que acontecia ao redor do leito não possuía um caráter dramático. Durante quase todo o tempo não eram vistos manifestações ou gestos de emoção. O único momento em que estas manifestações ocorriam era imediatamente após o falecimento. Segundo Ariès (1977), este era o momento “mais espetacular” e o único dramático em todo o ritual da morte. Era quando os presentes expressavam sua dor, o que faziam através de gestos explosivos em que “rasgavam suas roupas, arrancavam a barba e os cabelos, esfolavam as faces, beijavam apaixonadamente o cadáver,

---

<sup>7</sup> Nesse momento da história do Ocidente, a morte geralmente não chegava subitamente, sendo o homem quase sempre “avisado” de sua proximidade, por “signos naturais” ou por uma convicção íntima comum no período (Ariès, 1977).

caíam desmaiados e, no intervalo de seus transe, teciam elogios ao defunto (...)” (Ariès, 1977, p.68). Essas atitudes evidenciam que o fato de que, embora fosse vista com familiaridade, a morte provocava sofrimento nas pessoas próximas ao falecido. Este sofrimento, no entanto, era vivenciado como tolerável, e os gestos que se observavam após o falecimento pareciam suficientes para amenizá-lo. Assim sendo, embora a separação gerasse dor, esta dor era sentida como suportável. É o que Ariès (1989) deixa claro ao escrever:

*“A lamentação perto do corpo e uma gesticulação que nos parece hoje histórica, mórbida, bastavam em geral para desafogar a dor, e tornar suportável o fato da separação”* (Ariès, 1989, p.154).

Por esta razão, o luto durava apenas algumas horas, o tempo da vigília ou do enterro, prolongando-se por no máximo um mês.

A concepção de morte “domada”, que durou aproximadamente seis séculos, começou a sofrer sutis transformações a partir do século XI. Estas transformações foram decorrentes de algumas mudanças sociais, e deram origem a novos comportamentos quando do falecimento de alguém. Vejamos o que mudou.

### **2.2.1.2.**

#### **A morte de si mesmo**

Assim como acontecia anteriormente, na Europa do século XI e XII, o modo de vida continuava a ser comunal. No entanto, as particularidades de cada indivíduo começaram, aos poucos, a ganhar importância. Esta mudança foi identificada por Ariès (1977) em relação à maneira como as pessoas se relacionavam com a morte. Segundo este autor, as atitudes de cada indivíduo passaram a ser vistas como definitivas para o destino após o falecimento. Assim, aqueles que, ao longo de suas vidas, praticavam “boas ações”, compunham o grupo dos “justos”. Estes seriam salvos e teriam a ressurreição assegurada. Os que praticavam “más ações”, por outro lado, eram classificados como “malditos”. Estes não teriam direito à salvação. Deste modo, o que aconteceria após a morte passou a estar associado à biografia pessoal. O destino de todos deixou, então, de ser visto como igual, passando a pesar de maneira diferente os comportamentos de cada um ao longo da vida. Passou a haver dúvidas quanto à própria salvação, dúvidas estas que deram origem ao medo de não ser salvo após o falecimento. A morte se tornou, assim, fonte de temor. Não era qualquer morte, contudo, que

gerava preocupações, mas sim a própria morte. Por isso, Ariès (1977) chamou este período de “a morte de si mesmo”.

A ideia da morte como algo temível não surgiu repentinamente. Foi uma transformação a princípio sutil e imperceptível, que aconteceu ao longo de muitos séculos e se tornou evidente aos poucos. Por esta razão, o período da “morte de si mesmo” se estende dos séculos XI e XII até o XVIII. Ao longo desses oito séculos, surgiram novos costumes. Estes costumes revelam que o novo medo, embora aparentemente dissesse respeito apenas à própria morte, parece ter influenciado também a maneira como o falecimento de outras pessoas era experimentado. Isso porque, nesse período, o luto passa a ser vivido de forma diferente. O sofrimento, por exemplo, passou a ser uma parte importante do enlutamento. Considerava-se “natural” que uma pessoa enlutada pela morte de um ente querido sofresse. Desta forma, a dor deveria ser externada à sociedade mesmo que não fosse experimentada. Isso era feito principalmente pelo uso de roupas escuras, o que fazia parte de um modo mais contido de expressar o sofrimento. Desapareciam, portanto, as manifestações dramáticas que ocorriam no momento imediatamente após a morte. A dor era externada também de outra maneira: os familiares passavam por um período de reclusão durante o qual recebiam visitas de parentes e amigos. O objetivo dessas visitas era a amenização do pesar sentido, além de fazer com que os sobreviventes não se esquecessem rapidamente do falecido. Nestas ocasiões, podiam expressar seu sofrimento sem, no entanto, ultrapassar certos limites ditados pelas conveniências. O luto tinha duração estabelecida pelo costume, podendo ser reduzido ao mínimo por um novo casamento (Ariès, 1977).

O novo modo de se conceber a morte fez com que ela passasse, pela primeira vez, a ser associada a dois sentimentos: o temor e o sofrimento. Essa associação surgiu em decorrência de uma mudança social: a valorização das particularidades individuais. Vemos, portanto, que, conforme a sociedade se modifica, mudam também os sentimentos que um falecimento desperta.

As transformações do período da “morte de si mesmo” também afetaram a maneira como o cadáver e a decomposição eram pensados. A partir do século XV, estes passaram a ser vistos com horror, já que remetiam diretamente à morte, agora indesejada e temida. Não por coincidência, foi também nessa época que surgiram as efígies que prezavam pelo realismo, a ponto de serem feitas a partir de

máscaras modeladas pelo rosto do defunto. Essa parecia ser uma tentativa de manter o indivíduo com a mesma aparência com que morreu, como se a decomposição não tivesse ocorrido. Algo semelhante podia ser observado na arte funerária em que o falecido era retratado jazendo ou orando, como se ainda estivesse vivo (Ariès, 1977).

No século XVIII, novas transformações sociais levariam ao deslocamento da preocupação com a própria morte para a preocupação com a morte do outro. Vejamos como essa transição aconteceu.

### **2.2.1.3.**

#### **A morte do outro**

A sociedade europeia do século XVIII atravessou uma importante mudança relativa à ideia de família. Até então, os casamentos existiam principalmente para atender interesses políticos e econômicos das famílias dos noivos. A escolha conjugal não era feita por aqueles que viriam a casar, mas pelos pais de ambos. O amor ou a afeição não eram, por conseguinte, critérios de escolha, assim como a falta deles não era motivo para separação. O afeto também não era importante na relação com os filhos. As crianças eram consideradas “pequenos adultos”, não se levando em conta as peculiaridades de sua faixa etária. A criação, na infância, era tarefa atribuída principalmente aos empregados, de modo que os filhos não recebiam muita atenção de seus pais. No século XVIII, século do romantismo, essa realidade se transformou. Surgiu um modelo de família baseado no sentimento e na afeição. A escolha conjugal passou a ser feita com base na afinidade entre homens e mulheres. O amor passou a ser valorizado tanto entre o casal como na relação entre pais e filhos. Passou-se a considerar que os membros de uma família deveriam ter afeto uns pelos outros.

Essas transformações alterariam a maneira de pensar a morte ao longo deste século e do seguinte. Isso porque os novos tipos de vínculos deram origem a uma nova relação com as separações, que se tornaram indesejáveis. Quando aconteciam, eram motivo de sofrimento. Por ser a morte uma separação irreversível, ela passou a ser vista como fonte de uma dor intolerável, dor esta que tornava a simples ideia de morte comovente. A importância que os relacionamentos afetivos ganharam e o sofrimento que a morte passou a provocar

geraram o temor frente à “morte do outro”, como Ariès (1977) denominou esse período. Nele, a preocupação com o próprio falecimento não era tão ressaltada quanto àquela relativa à perda de pessoas queridas.

A dor intolerável despertada pela morte gerou um modo específico de expressá-la. O cerimonial de morte no leito ainda existia e a presença de parentes, amigos e conhecidos continuava tendo importância. No entanto, durante o cerimonial passou a haver emoção, choro e súplicas. A morte passou, assim, a ser exaltada e dramatizada. À nova maneira de pensar a morte correspondia um novo tipo de luto. Enquanto antes ele poderia ser externado apenas em determinados contextos, agora passava a ser manifestado de maneira exagerada. Durante o luto, havia choros, desmaios e jejuns. Tudo isso revela a dificuldade de se aceitar a morte. As demonstrações de sofrimento definitivamente passaram a fazer parte do período de enlutamento, que tornava-se mais longo.

A valorização dos vínculos afetivos deu aos falecidos um novo *status*. Eles passaram a ocupar maior espaço no cotidiano dos vivos ao tornarem-se merecedores de homenagens expressas de modo concreto. Além das missas que já eram encomendadas anteriormente, o hábito de frequentar cemitérios passou a ser cada vez mais comum, surgindo ainda a prática de se depositarem flores nas sepulturas. Visitar o túmulo de alguém querido passou a ser comparável a ir à casa de um parente, onde há muitas recordações:

*“Vai-se, então, visitar o túmulo de um ente querido como se vai à casa de um parente ou a uma casa própria, cheia de recordações. A recordação confere ao morto uma espécie de imortalidade, estranha ao começo do cristianismo”* (Ariès, 1977, p.47).

O culto da memória dos falecidos aponta para a representação de uma sociedade composta simultaneamente por mortos e vivos, sendo os primeiros tão importantes e necessários quanto os segundos. As sepulturas passaram a ser vistas como representações dos entes queridos após seus falecimentos, e o jazigo tornou-se, pela primeira vez, uma forma de propriedade perpétua, exclusiva do defunto e de sua família.

A mais visível transformação da concepção de morte e dos comportamentos a ela relacionados aconteceu entre os séculos XIX e XX. Estas transformações nos levaram, finalmente, ao modo como entendemos a morte nos dias de hoje.

#### **2.2.1.4. A morte interdita**

Retomando o percurso histórico feito por Ariès, vemos que, no período da “morte domada”, a morte era vista de maneira tranquila, pensada como parte de uma “ordem natural”. A certeza da ressurreição fazia com que a morte não fosse fonte de medos ou preocupações. Seus ritos eram iniciados antes mesmo do falecimento e incluíam a participação de muitas pessoas da comunidade, considerada importante à época. A partir do momento em que a certeza da salvação foi posta em dúvida, surgiu o temor quanto ao próprio destino após a morte. Esse temor deu origem ao período da “morte de si mesmo”, quando a dor da perda passou a ser um elemento importante do enlutamento. Esta dor, no entanto, devia ser expressa apenas em situações específicas, como visitas de parentes e amigos. No momento seguinte, conforme o aspecto emocional passou a ser valorizado, “a morte do outro” se tornou fonte de inquietações. A morte passou a ser dramatizada e a ser externada à sociedade de maneira exagerada. O sentimento de saudade deu origem ao hábito de se homenagear os mortos, cuja memória passou a ser preservada.

No século XX, o sentimento de família e a valorização dos vínculos afetivos se intensificaram. A simples perspectiva de perder um ente querido passou a despertar sofrimento. A morte passou a estar associada à doença e à agonia, que se tornaram perturbadoras tanto para o enfermo quanto para sua família. O sofrimento experimentado passou a ser sentido como intolerável para ambas as partes. Surgiu, então, a ideia de que o moribundo e seus familiares deveriam ser protegidos dessa dor intensa. Em relação ao moribundo, isso passou a ser feito ocultando-se dele a verdade sobre sua real situação. Para que não sofresse, passou-se a evitar que ele tivesse conhecimento sobre seu estado e sobre a proximidade de sua morte. Em relação à família, a proteção se revela no afastamento do doente do cotidiano dos parentes. Tornou-se preferível conviver o mínimo possível com as emoções intoleráveis despertadas pela iminência da morte de um ente querido. Os momentos finais passaram, então, a ser vividos não mais em casa, mas no hospital. Argumenta-se que lá o enfermo pode ser melhor assistido, ainda que não haja mais nada a se fazer por ele. Assim, a “cerimônia



ritualística presidida pelo moribundo em meio à assembleia de seus parentes e amigos” (Ariès, 1977, p. 55), que havia em tempos anteriores, foi substituída pelos cuidados fornecidos pelo pessoal técnico do hospital.

Essa nova concepção de morte, tão diferente das anteriores, fez com que Ariès (1977) considerasse que a morte tomou o lugar do sexo como tabu principal da sociedade ocidental contemporânea:

*“Antigamente dizia-se às crianças que se nascia dentro de um repolho, mas elas assistiam à grande cena da despedida, à cabeceira do moribundo. Hoje, são iniciadas desde a mais tenra idade na fisiologia do amor mas, quando não vêem mais o avô e se surpreendem, alguém lhes diz que ele repousa num belo jardim por entre as flores”* (Ariès, 1977, p.56).

Alguns exemplos cotidianos nos permitem identificar a visão contemporânea da morte como tabu, especialmente se considerarmos os hábitos existentes no passado. A partir do século XX, pensar e falar no assunto com frequência é algo comumente visto como mórbido, pessimista e doentio (Ariès, 1977; DaMatta, 1991; Rodrigues, 2006). Em alguns lugares, como o Brasil, quando uma pessoa morre, o cerimonial de enterro tende a ser rápido, evitando-se velórios ou outros rituais que se prolonguem demais. Busca-se comentar o mínimo possível sobre o falecimento com os familiares mais próximos durante algum tempo. Isso por haver a ideia de que estes devem se distrair, “espairecer”, pensar em outras coisas etc.

É evidente que a essa nova forma de ver a morte correspondem mudanças nos ritos que até então existiam. Os rituais funerários passaram a se restringir às ações inevitáveis cujo objetivo principal é fazer o corpo desaparecer o mais breve possível. Estes rituais geralmente compreendem um velório, que dura poucas horas, e um rápido enterro. A nova rapidez se deve ao fato de ser o corpo o símbolo de que a morte, indesejável e perturbadora, realmente ocorreu. As cerimônias tornaram-se discretas e nelas evita-se externar a dor sentida. Esta dor, quando expressa “em excesso”, é considerada doentia. Podemos perceber essa nova atitude no hábito de se disfarçar o choro durante os funerais. Com essa finalidade são usados óculos escuros, como se as lágrimas não fossem algo a ser mostrado. Passou-se a evitar ainda outras manifestações aparentes de luto, como o uso de roupas escuras, que praticamente caiu em desuso. Muitas famílias passaram a desejar que as crianças não tivessem qualquer contato com a morte e

os rituais a ela associados. Tudo isso mostra como a morte se tornou quase um tabu, motivo pelo qual Ariès se refere a este período como “morte interdita”.

Essa “proibição” da expressão de sentimentos quando da perda de um ente querido, longe de significar indiferença, traduz uma dor frequentemente vivenciada como insuportável (Ariès, 1989). Se, no tempo da “morte domada”, as gesticulações exageradas eram suficientes para uma rápida resignação, agora o que ocorre é justamente o inverso: há uma contenção dos sentimentos que esconde um profundo ressentimento pela perda.

A interdição fez com que, em países onde a “revolução da morte” foi mais radical (como a Inglaterra), a cremação – um método rápido e permanente de fazer o corpo desaparecer – se tornasse uma forma de sepultamento bastante comum (Ariès, 1977 e Rodrigues, 2006). Os cerimoniais norte-americanos, no entanto, a princípio parecem se diferenciar do modelo descrito por Ariès, em que a morte deve ser escondida e o corpo deve sumir. Nesta cultura, o velório costuma ser mais longo, geralmente não se enterrando o corpo no mesmo dia ou no dia seguinte à morte, o que faz com que as pessoas tenham contato com o cadáver durante um tempo prolongado. No entanto, os chamados *funeral homes* e os serviços que estes oferecem revelam que, entre os norte-americanos, a morte também é perturbadora (Ariès, 1977; DaMatta, 1991; Rodrigues, 2006). Os *funeral homes* são os locais onde o corpo costuma ser velado durante dias. A intenção dessas instituições é atenuar o sofrimento gerado pela morte. São ambientes que se parecem com casas de festas, onde busca-se transmitir a sensação de se estar em um coquetel ou vernissage (Rodrigues, 2006). O corpo é “preparado”, sendo muitas vezes embalsamado e maquiado de maneira a dar ao cadáver a impressão de estar vivo e saudável: “em casos extremos, mas não raríssimos, o morto é colocado em posição de vivo, ‘falando’ ao telefone, sentado em seu escritório, maquiado, de óculos, pernas cruzadas, às vezes sentado em sua sala de visitas” (Rodrigues, 2006, p.81). DaMatta (1991) e Rodrigues (2006) consideram que todo esse disfarce revela uma maneira radical de livrar-se do morto, deixando-o com a aparência de alguém que apenas repousa. Para Ariès (1977), há uma sutil diferença entre as atitudes americanas e o comportamento ocidental em geral: nos Estados Unidos não há a intenção de fazer a morte desaparecer, mas de maquiá-la, transformá-la, sublimá-la. De uma maneira ou de outra, percebe-se que a morte é fonte de incômodos também neste país.

A morte interdita, do século XX, conclui a história da morte no Ocidente descrita por Ariès (1977). Ao longo dos 15 séculos apresentados por este autor, fica claro que transformações sociais geraram determinadas concepções de morte. Cada uma destas concepções, por sua vez, deu origem, como vimos, a certos modos de se comportar quando do falecimento de alguém. Apesar das notáveis diferenças entre os períodos descritos por Ariès, todos eles possuem um elemento em comum: o fato de a morte gerar rituais. Isto, porém, não acontece apenas no Ocidente. Em todas as culturas conhecidas o falecimento de uma pessoa dá origem a uma série de ritos. Por este motivo, os rituais serão o assunto da próxima seção.

### **2.2.2.**

#### **A morte e seus rituais**

Na primeira parte deste capítulo, mencionei que o universo simbólico de uma cultura faz com que a realidade predominante seja sentida como estável. As religiões e os ritos – que fazem parte do universo simbólico – colaboram para essa sensação de estabilidade, fazendo com que as realidades marginais não sejam vivenciadas de maneira tão aterrorizante. Dentre as realidades marginais, a morte é a que mais abala a realidade predominante. Isso porque, em uma sociedade, o falecimento de um indivíduo produz nos demais a sensação de que a sobrevivência de todo o grupo está ameaçada (Durkheim, 1912/1996; Hertz, 1907/2004; Rodrigues, 2006; Jankélevitch, 1966): “parece que toda a comunidade se sente perdida, ou ao menos diretamente ameaçada pela presença de forças antagônicas: a base de sua existência é abalada”<sup>8</sup> (Hertz, 1907/2004, p. 208). Para se recuperar deste abalo, a sociedade deve se mobilizar para restabelecer o estado anterior e garantir sua sobrevivência. Essa mobilização é feita através dos rituais. Eles serão necessários para o grupo se reunir e emergir fortalecido após a perturbação causada pela morte de um de seus membros: “se existe pranto em comum, é que uns sempre podem contar com os outros e a coletividade, apesar do golpe que sofreu, não está desmantelada” (Durkheim, 1912/1996, p. 440). Na religião Católica, por exemplo, existem missas que são rezadas sete dias e um mês

---

<sup>8</sup> “It seems that the entire community feels itself lost, or at least directly threatened by the presence of antagonistic forces: the very basis of its existence is shaken” (tradução minha).

após o falecimento. Essas ocasiões são uma maneira de homenagear o morto, mas também de agregar as pessoas que eram próximas do falecido. É um modo de os vivos se unirem e resistirem à ameaça que a morte de seu ente querido representa. Assim, os rituais apaziguam toda a força do medo, desânimo e desmoralização. Promovem, de uma maneira poderosa, a reintegração da solidariedade abalada do grupo (Van Gennep, 1909/1978; Hertz, 1907/2004, Malinowski, 1925/2004). Os ritos asseguram, portanto, a estabilidade da realidade predominante, afastando a ameaça que a morte representa.

A função dos rituais, no entanto, vai além da garantia da sobrevivência da sociedade. Em geral, executar ritos é uma maneira de fazer com que os vivos se sintam seguros de que a “alma” do falecido passará para o “mundo dos mortos”. Essa passagem é importante por dar, a quem fica, a certeza de que o morto “descansará em paz”. No entanto, no imaginário social a “alma” não chega “do outro lado” assim que uma pessoa deixa de viver. Para que isso aconteça, é necessária a participação dos vivos, que, através de ritos, “ajudarão” o falecido na passagem. Nos rituais cristãos e nos judaicos os vivos participam pedindo que Deus guarde e proteja a alma do falecido. Em outras culturas, especialmente no passado, a ajuda dos vivos se dava de maneira mais concreta. Entre os antigos egípcios, gregos de várias épocas, celtas e polinésios era costume equipar o falecido com roupas, comida, armas, artefatos, amuletos etc. Este era o material considerado necessário para que ele fizesse uma “viagem” segura (Van Gennep, 1909/1978).

Os ritos de passagem relativos à morte possuem, portanto, uma dupla função: restabelecer a sociedade abalada pela perda e garantir, no imaginário coletivo, a chegada do falecido ao mundo dos mortos. Segundo Van Gennep (1909/1978), os ritos de passagem em geral compreendem três etapas: separação, liminaridade e reintegração. No caso dos ritos que decorrem da morte, a primeira etapa é quando o morto é simbolicamente desligado do domínio dos vivos. Os velórios são rituais ilustrativos desse momento, pois indicam que o recém-falecido mudou de status diante da sociedade. A separação é um movimento que pode ser visto por dois ângulos: o morto deve ser separado da sociedade, mas a sociedade também deve se diferenciar do morto e sobreviver. O segundo momento, chamado de liminaridade, é um estado intermediário, em que o sujeito já deixou o mundo dos vivos, mas ainda não pertence ao dos mortos. Por estar a “alma” em transição,

são necessárias determinadas providências para que a “passagem” seja feita com sucesso. Esse momento é tão importante que geralmente os ritos liminares são os que têm maior duração e complexidade. Assim, no catolicismo, por exemplo, são realizadas missas de sétimo dia, de um mês, entre outras possíveis cerimônias. A sociedade também está nesse estado marginal, no qual se encontram principalmente as pessoas que eram mais próximas do morto. Em muitas culturas, elas devem ficar isoladas das demais, pois seu estado é considerado “perigoso” e até mesmo “contagioso”. Finalmente, a terceira etapa – a reintegração – é quando se considera que o falecido atingiu o reino dos mortos. Nesse momento, o grupo social pode retomar a vida normal, restabelecendo sua paz e se reafirmando. Desta maneira, os ritos funerários podem ser vistos como ritos de transição tanto para os vivos como para os mortos. Quando concluídos, os vivos restabelecerão a sociedade abalada e os mortos terão ingressado em sua morada definitiva (Van Gennep, 1909/1978).

O tempo necessário para que uma sociedade se recupere de uma perda e para que considere que o falecido chegou ao mundo dos mortos corresponde ao período em que os vivos estarão em luto. Um grupo social enlutado tem determinadas características que serão apresentadas a seguir.

### **2.2.3. O luto**

A morte física não é suficiente para que qualquer sociedade considere um de seus membros completamente extinto imediatamente após sua morte (Hertz, 1907/2004; Van Gennep, 1909/1978; Bloch e Parry, 1982; Rodrigues, 2006). Isso porque a morte representa o desaparecimento de um ser social, a destruição de alguém que se relacionava com os outros e que era importante para a consciência coletiva (Hertz, 1907/2004; Rodrigues, 2006). Há, portanto, uma discrepância entre o evento físico da morte e seu reconhecimento social (Bloch e Parry, 1982). É o que Hertz expressa de maneira clara:

*“O simples fato da morte não é suficiente para consumá-la na mente das pessoas: a imagem daquele que faleceu recentemente ainda é parte do sistema de coisas desse mundo e se desvincula dele gradualmente, através de uma série de separações internas. Não conseguimos considerar o falecido como morto imediatamente: ele é parte de nós mesmos, botamos muito de nós mesmos nele e a participação na vida social cria laços que*

*não podem ser desfeitos em um dia. A 'evidência factual' é atacada por um contrafluxo de imagens, desejos e esperanças. A evidência se impõe apenas gradualmente e apenas ao fim desse conflito prolongado desistimos e acreditamos na separação como algo real<sup>9</sup>*” (Hertz, 1907/2004, pp.209-210).

O tempo que transcorre até que a sociedade considere o morto como tal é o período durante o qual ocorre o luto. Sua duração é determinada pelos costumes de cada cultura e pode variar conforme o status do morto. O luto por um chefe de estado, por exemplo, geralmente dura mais tempo do que o decorrente da morte de uma pessoa comum, por ser o primeiro considerado mais importante para a sociedade que as pessoas em geral (Hertz, 1907/2004; Durkheim, 1912/1996). A relação que havia com o morto também influi na duração do luto. Os familiares mais próximos geralmente permanecem enlutados por um período maior do que as demais pessoas.

Durante esse tempo, enquanto a morte “não está completa”, a presença da pessoa que morreu permanece sendo sentida ainda por algum tempo, mesmo que ela concretamente não esteja mais entre os vivos. Há sociedades que chegam a tratar o falecido como se ele estivesse vivo. Nas culturas “primitivas” da Oceania estudadas por Hertz, por exemplo, os vivos levam comida para o morto, seus parentes e amigos lhe fazem companhia e conversam com ele (Hertz, 1907/2004). Há ainda povos do ártico, estudados por Van Gennep (1909/1978), em que as mulheres, parentes do morto, fazem uma boneca com sua imagem. Devem vesti-la, banhá-la e alimentá-la todos os dias por dois anos e meio se o falecido é um homem, e por dois anos se é uma mulher.

Assim como a duração do luto é estabelecida pelos costumes, os sentimentos experimentados ao longo deste período também são frutos do meio social. Nas palavras de Hertz:

*“Quaisquer que sejam seus sentimentos individuais, eles [os vivos] devem mostrar sua tristeza durante determinado período, mudar as cores de suas*

---

<sup>9</sup> “The brute fact of physical death is not enough to consummate death in people’s minds: the image of the recently deceased is still part of the system of things of this world, and looses itself from them only gradually by a series of internal partings. We cannot bring ourselves to consider the deceased as dead straight away: he is too much part of our substance, we have put too much of ourselves into him, and participation in the same social life creates ties which are not to be severed in one day. The ‘factual evidence’ is assailed by a contrary flood of memories and images, of desires and hopes. The evidence imposes itself only gradually and it is not until the end of this prolonged conflict that we give in and believe in the separation as something real” (tradução minha).

*roupas e modificar os padrões de sua vida usual. Assim, a morte tem um significado específico para a consciência social; ela é objeto de uma representação coletiva. Essa representação não é nem simples nem imutável (...)*<sup>10</sup>” (Hertz, 1907/2004, p.197).

Hertz (1907/2004) e Durkheim (1912/1996) foram os primeiros a mencionar o fato de a expressão de sentimentos nos ritos funerários não ser espontânea como parece, mas determinada socialmente. Para Durkheim,

*“as pessoas se lamentam, não simplesmente porque estejam tristes, mas porque são obrigadas a se lamentar. É uma atitude ritual que se deve adotar por respeito ao costume, mas que em larga medida é independente do estado afetivo dos indivíduos”* (Durkheim, 1912/1996, p. 435).

Para Mauss (1921/2001), discípulo de Durkheim, os choros e os outros os tipos de expressões de sentimentos são fenômenos essencialmente sociais, não-espontâneos e de caráter obrigatório. Para o autor, uma prova disso é que há mortes que despertam mais e outras que despertam menos emoções. Na sociedade brasileira, por exemplo, a morte de um idoso é de certa forma esperada. Por isso ela geralmente não gera a mesma comoção que a de um jovem que falece abruptamente.

O fato de os sentimentos demonstrados serem determinados socialmente não significa, no entanto, que os enlutados estejam apenas simulando, não sentindo efetivamente o que expressam: “Tudo é, ao mesmo tempo, social, obrigatório e, todavia, violento e natural; rebuscamento e expressão da dor vão juntas” (Mauss, 1921/2001, p.330). Para Morin (1976), a dor demonstrada de maneira obrigatória revela a existência de uma emoção original. Assim, a tristeza e a dor exageradas não significam que estes sentimentos não sejam verdadeiramente sentidos durante o cerimonial.

O luto pode ser visto de dois modos: como um processo social e como um processo individual. O processo social corresponde ao que abordei nesta seção. Diz respeito à maneira como os membros de uma determinada cultura devem reagir quando da morte de uma pessoa e aos sentimentos despertados pelo falecimento. O processo individual corresponde ao que se passa internamente, no psiquismo de cada indivíduo. Ambos os processos se inter-relacionam, já que

---

<sup>10</sup> “Whatever their personal feelings may be, they have to show sorrow for a certain period, change the colour of their clothes and modify the pattern of their usual life. Thus death has a specific meaning for the social consciousness; it is the object of a collective representation. This representation is neither simple nor unchangeable” (tradução minha).

indivíduos estão inseridos em contextos sociais específicos. No próximo capítulo, me dedicarei a estudar o processo psicológico de luto.



### 3

## O mundo interno diante da morte: a elaboração do luto

A dor é suportável quando conseguimos acreditar que ela terá um fim e não quando fingimos que ela não existe.

Allá Bozarth-Campbell

O luto como processo individual está diretamente relacionado ao luto como processo social. Isso porque cada indivíduo está inserido em uma sociedade que, como acabamos de ver, exerce influência sobre os sentimentos e comportamentos gerados pelo falecimento de uma pessoa. Por esta razão, a elaboração psicológica do luto está atrelada à maneira como um grupo social pensa sobre a morte e se comporta diante dela. Em uma cultura que vê a morte de modo tranquilo, como parte da ordem natural das coisas, por exemplo, os lutos tendem a ser menos sofridos. Em outra cultura que percebe a morte como o afastamento indesejável de alguém querido, o luto costuma ser doloroso, com sentimentos intensos.

Neste capítulo, me dedicarei a apresentar o processo psicológico de elaboração do luto decorrente da concepção de morte das sociedades ocidentais do século XX. Como Ariès (1977) apontou, neste século a morte passou a ser vista por estas sociedades como uma ruptura inoportuna, que gera uma dor sentida como intolerável. O falecimento de uma pessoa tornou-se fonte de sofrimento e saudade, especialmente para aqueles que lhe eram mais próximos. O luto passou, desta forma, a ser um processo associado a sentimentos como tristeza e pesar. Descrevo neste capítulo esse processo ocorre. Antes, porém, faz-se necessário apresentar as ideias contidas naquele que foi um dos primeiros grandes estudos sobre o luto do ponto de vista psicológico: a célebre obra “Luto e melancolia”, publicada por Freud em 1917 (Freud, 1917/1988). Este trabalho é importante pois as ideias nele contidas geraram diversos outros estudos sobre o tema. Passemos, então, a uma breve apresentação destas ideias.

### 3.1. O luto na visão de Freud

Em “Luto e melancolia” (1917/1988), Freud descreve o luto como um processo psíquico não-patológico, que acontece após a perda de um ente querido. Para compreender como Freud concebe o luto, é preciso compreender, antes, como ele explica as relações interpessoais. Em linhas gerais, o autor entende que as relações que uma pessoa estabelece são relações entre seu próprio ego e um objeto externo. Nelas, o ego investe determinada quantidade de energia (libido) no objeto de acordo com a intensidade do laço que há entre ambos. Nas relações mais próximas, por exemplo, há grande investimento libidinal no objeto. Quando uma pessoa falece, é preciso que o ego retire a libido investida daquele objeto que já não existe mais. Isso, no entanto, não se dá imediatamente após a morte, já que há apego pela pessoa perdida. Somente aos poucos a realidade pressiona, fazendo com que ocorra o desinvestimento no objeto perdido. Conforme isso acontece, a libido investida no objeto que morreu vai sendo dirigida para outros fins, que podem ser novos interesses, novas atividades e novas relações. Freud considera que o trabalho do luto está concluído quando a libido antes dirigida ao objeto perdido foi devidamente redistribuída.

Para Freud, a pessoa enlutada tem algumas características marcantes: o desânimo profundo e penoso, a perda de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar e a redução de suas atividades ao mínimo necessário. Estas características se devem ao fato de o enlutado estar voltado para seu próprio sofrimento, que faz com que ele se interesse por poucas coisas além daquilo que está sentindo. O mundo do enlutado parece, portanto, vazio e pouco interessante. As características do luto são reações não-patológicas à perda sofrida, e tendem a desaparecer naturalmente com o tempo.

Há casos, no entanto, em que, por algum motivo desconhecido por Freud, o luto se torna patológico e se transforma em melancolia. A melancolia, cuja origem nem sempre é o luto, é uma patologia que hoje seria classificada como um tipo de depressão. Suas características são muito semelhantes à do luto, com a diferença fundamental de que há também uma perturbação na autoestima, que está ausente no luto. Na melancolia, a pessoa se auto-recrimina, como se ela não fosse boa ou importante o suficiente. Para Freud, essa auto-recriminação se deve ao fato

de que havia uma relação ambivalente e conflituosa entre ego e objeto. Assim sendo, quando o objeto desaparece, o ego se identifica com o objeto perdido e o internaliza. Quando a pessoa se auto-recrimina, ela está recriminando, na realidade, o objeto internalizado.

A obra “Luto e Melancolia” representou um primeiro passo no estudo do luto do ponto de vista psicológico. Freud, no entanto, estava mais interessado em investigar os mecanismos e as particularidades da melancolia do que as características do processo normal de luto. Suas ideias, contudo, fizeram com que diversos outros autores se dedicassem a estudar o processo de elaboração do luto comum, ou seja, quando não há qualquer tipo de patologia envolvida. Vejamos como estes autores pensam este processo.

### **3.2.**

#### **A elaboração do luto na visão de autores contemporâneos**

Diversos dos autores, posteriores a Freud, que se empenharam em estudar o luto (por exemplo Bolwby, 1985; Worden, 1998 e Kovács, 2007) concordam que o rompimento do vínculo causado pela morte de uma pessoa próxima desperta uma série de reações e sentimentos considerados normais (não-patológicos). Essas reações e sentimentos fazem parte do processo de luto<sup>11</sup>, que geralmente envolve sofrimento e desorganização psíquica em maior ou menor grau (Kovács, 2007). Em um artigo publicado originalmente em 1961, Engel (1961/1995), afirma que a perda de alguém significativo pode ser tão traumática psicologicamente como seria fisiologicamente um corte ou queimadura grave. Nessa perspectiva, a elaboração do luto funciona como uma espécie de processo de cura, que termina com o restabelecimento da pessoa e a retomada do equilíbrio abalado. O luto é, portanto, necessário para a recuperação psicológica daquele que perdeu um ente querido. Durante este processo, experimentar os sentimentos que vêm à tona favorece sua elaboração. Ao elaborar o luto, a pessoa torna-se capaz de lidar com a perda e de se reorganizar diante da nova realidade.

O modo como o luto é elaborado na contemporaneidade é descrito por alguns autores, como Bowlby (1985), Worden (1998), Parkes (1998a) e Rando

---

<sup>11</sup> Utilizaremos o termo “luto” e seus derivados para nos referirmos somente ao processo decorrente da morte, já que o enlutamento por outros tipos de perda não serão abordados.

(1993). Todos eles se referem ao enlutamento como um processo constituído por diferentes momentos que os enlutados atravessam até que se restabeleçam do abalo causado pela perda. Cada um desses momentos é caracterizado principalmente por determinados sentimentos que são experimentados e por certos tipos de pensamentos que costumam vir à tona. Bowlby e Worden foram os estudiosos que primeiro apresentaram esse processo de maneira sistemática, como uma sucessão de fases ou tarefas que possuem características próprias. Mesmo tendo perspectivas distintas – Bowlby refere-se a “fases” e Worden a “tarefas” do luto – ambos concordam a respeito de muitas das reações e sentimentos experimentados pelos enlutados. Por terem sido os primeiros a descrever o luto de modo sistemático, as teorias destes dois autores passaram a servir de referencial para a maioria dos estudiosos do tema a partir da primeira publicação de suas obras (1969 e 1982, respectivamente). Por esse motivo, utilizarei principalmente suas ideias para descrever o processo psicológico de elaboração do luto.

### **3.2.1. Bowlby e as fases do luto**

Bowlby (1985) tem como ponto de partida os estudos realizados por Parkes<sup>12</sup> com viúvos. Estes estudos visavam descrever os comportamentos típicos de reação à perda de um cônjuge durante o primeiro ano de enlutamento. Para fazer isso, foram realizadas entrevistas nas casas das pessoas enlutadas. Estas entrevistas eram semi-estruturadas, pois tinham o objetivo de possibilitar que o enlutado falasse livremente sobre sua experiência. Os participantes da pesquisa em sua maioria eram mulheres que haviam perdido seus maridos, embora houvesse também homens enlutados pela morte de suas esposas. Ao analisar estes estudos, Bowlby propõe a existência de quatro fases ao longo das quais acontece o luto. Estas fases, contudo, não se restringem apenas ao luto por falecimentos de cônjuges, podendo ser observadas em quaisquer tipos de perda. Apesar de geralmente se sucederem da mesma maneira, a ordem das fases pode variar,

---

<sup>12</sup> Bowlby (1985) cita que recorreu principalmente aos estudos de Parkes (1970) e de Glick, Weiss e Parkes (1974).

podendo também haver oscilações entre elas. Além disso, não se pode estabelecer uma duração exata para cada uma.

As quatro fases propostas por Bowlby (1985) são as seguintes: a) entorpecimento ou choque; b) anseio e busca da figura perdida; c) desorganização e desespero; e d) reorganização.

A primeira fase, de entorpecimento e choque, abrange as reações que ocorrem imediatamente após o falecimento, podendo durar de algumas horas a aproximadamente uma semana. Nesse momento, o enlutado frequentemente fica em choque e tem dificuldade para acreditar que aquilo está acontecendo. A descrença na realidade da morte é expressa em frases como “eu simplesmente não podia acreditar” e “não parecia real”, bastante ditas por enlutados nesse primeiro momento (Bowlby, 1985). Uma reação também observada é a de tranquilidade, rompida subitamente por uma explosão de sentimentos intensa, acompanhada muitas vezes de crises de raiva.

Durante a fase seguinte, de anseio e busca da figura perdida, o enlutado começa a perceber o falecimento como real. Essa percepção gera desânimo e, por isso, há momentos de aflição e choro. É comum a sensação de que o morto ainda está presente, o que pode fazer a pessoa em luto interpretar alguns sinais como indicativos de seu retorno. Certos barulhos na porta de casa, por exemplo, podem dar a impressão de que o falecido está chegando, tal como acontecia antes.

Nesta fase, duas sensações opostas se alternam. Por um lado – mais racional – o enlutado sabe que a morte ocorreu e sofre com essa percepção. Por outro – mais subjetivo ou emocional – ele ainda tem dificuldades em acreditar nisso. A descrença na realidade do falecimento leva ao comportamento de busca pela pessoa morta, principal característica da segunda fase. Este comportamento, que traduz a esperança de ter o falecido de volta, pode ser observado nas tentativas – às vezes bastante concretas – de recuperar o morto através de determinados tipos de atitude. Um bom exemplo é citado por Bowlby (1985) ao mencionar algumas viúvas que têm consciência de estarem buscando o marido falecido. Uma delas chega a dizer, textualmente: “*Eu ando à procura*”, enquanto outra diz: “*Vou ao túmulo... mas ele não está ali*” (Bowlby, 1985, p. 93). O comportamento de busca pode ser identificado também na tentativa de se comunicar com o morto através da religião.

O comportamento de busca se revela ainda na atitude, relatada por muitas viúvas do mesmo estudo, de ir a locais frequentados pelos maridos e de mexer em seus objetos. Esses atos, de acordo com Bowlby, funcionam como uma tentativa de reaverem ou manterem o contato com os falecidos. No entanto, algumas viúvas mostram-se bastante frustradas por não serem capazes de trazer seus maridos de volta. Sobre isso, Bowlby comenta:

*“Vemos, assim, que a busca incessante, a esperança intermitente, o desapontamento repetido, o pranto, a raiva, a acusação e a ingratidão são características da segunda fase do luto, e devem ser encaradas como expressões da forte premência de encontrar e recuperar a pessoa perdida”* (Bowlby, 1985, p. 95).

A tentativa de reaver o falecido pode alternar com o desejo de se desfazer de tudo que possa fazer lembrá-lo. Assim, em certos momentos o enlutado pode querer falar incessantemente na pessoa perdida e, em outros, desviar do assunto. Da mesma maneira, podem oscilar a busca e a evitação dos locais e objetos que tragam recordações do morto.

A percepção de que a morte realmente aconteceu é gradual. Ter a consciência da realidade da perda pode gerar a sensação de angústia, depressão e apatia. Estes sentimentos geralmente são experimentados na terceira fase, de desorganização e desespero, quando é comum que o enlutado sinta que não conseguirá superar a perda do outro e seguir sua vida. Esta fase frequentemente se alterna com a seguinte, de reorganização, durante a qual se percebe que a própria vida deve ser reconstruída.

Na última fase, de reorganização, o enlutado já aceita que a perda é permanente e pode reconhecer alguns de seus padrões de pensamento e comportamento como ultrapassados. Ele percebe, por exemplo, que os barulhos que ouve em casa não foram feitos pelo falecido nem significam que ele esteja voltando. Este é um momento doloroso, mas essencial, pois é quando a pessoa desiste da expectativa de reaver o morto e pode estabelecer uma nova situação de vida. É, portanto, quando o enlutado se torna capaz de adquirir novos papéis e iniciar novas relações (Bowlby, 1985).

Se, para Bowlby, o luto é realizado através de sucessivas fases, Worden (1998) considera que determinadas *tarefas* devem ser realizadas para que o processo se complete. Passarei agora às ideias deste último autor.

### 3.2.2. Worden e as tarefas do luto

Worden (1998) prefere usar o termo “tarefa” em lugar de “fase”. Para ele, falar em “fases” pressupõe um sujeito passivo, que nada faria durante o processo pelo qual está passando. Ao utilizar a palavra “tarefa”, quer dizer que o enlutado é ativo, o que é mais condizente com a realidade, já que cabe a ele agir diante de seu sofrimento. Sobre isso, o autor diz:

*“(…) A pessoa enlutada vê o conceito de fases como algo que deve ser atravessado, enquanto a abordagem de tarefas dá ao enlutado algum sentido de alavanca e esperança de que haja algo que ele possa efetivamente fazer” (Worden, 1998, p.51).*

As características de cada tarefa podem ser comparadas àquelas das fases propostas por Bowlby. Isso, no entanto, não significa que a cada fase corresponda uma tarefa. Worden, como Bowlby, pensa que o processo de luto não é linear, podendo haver oscilações entre as diferentes tarefas.

Para Worden (1998), o luto se completa quando a pessoa cumpriu as seguintes tarefas: 1) aceitar a realidade da perda; 2) elaborar a dor da perda; 3) ajustar-se a um ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu; e 4) reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a vida.

Assim como Bowlby (1985), Worden (1998) considera que qualquer morte gera, em um primeiro momento, a sensação de descrença, sendo difícil para o enlutado aceitar a realidade. Por isso, é comum, no período seguinte ao falecimento, o comportamento de busca, também citado por Bowlby, que consiste na tentativa efetiva de ver ou de se comunicar de alguma maneira com o morto. A primeira tarefa do luto é perceber a perda como real e irreversível, o que levará o enlutado a desistir aos poucos da busca pelo falecido, reconhecendo que este não mais retornará.

Quando há dificuldades em se aceitar a perda, pode acontecer a negação da morte. Esta geralmente é manifestada pela recusa persistente em acreditar na realidade do falecimento, paralisando o processo de luto na primeira de suas etapas. A negação pode ser observada em situações nas quais os objetos da pessoa morta são deixados por muito tempo nos mesmos locais, como se ela os fosse utilizar. Em certos casos, o quarto do falecido permanece intocado por

diversos anos, o que também pode indicar a negação da morte. É importante ressaltar que este tipo de atitude pode ser considerado normal nos primeiros tempos de luto, chamando a atenção como algo patológico apenas se permanece por um tempo prolongado.

O processo individual de aceitação da morte de uma pessoa é equivalente ao que acontece, de modo mais amplo, na sociedade como um todo. Conforme disse no capítulo anterior, a morte representa o fim de um ser social. O grupo social, contudo, não consegue perceber o falecimento como real instantaneamente, necessitando de tempo para reconhecê-la como um fato verdadeiro. Algo semelhante acontece no processo individual de elaboração do luto. Apesar de haver uma consciência racional da perda definitiva de alguém, é preciso mais tempo para que ela seja admitida afetivamente. Por não dizer respeito ao reconhecimento intelectual de que a morte ocorreu, mas à sua aceitação emocional, a primeira tarefa do luto pode se estender. Para Worden (1998), a presença nos rituais funerários pode ajudar a pessoa enlutada a perceber a realidade do falecimento. Não estar presente em um enterro ou velório, por exemplo, pode levar à busca de outros meios para reconhecer a morte. Nos dias de hoje, como a visão contemporânea de morte muitas vezes faz com que se evite a ida ao cerimonial de despedida, pode ser mais difícil aceitar o falecimento como real. Por isso, podem ser necessárias outras maneiras para que isso aconteça.

A partir do momento em que a morte é aceita, o sofrimento pela perda será experimentado. Tem início então a segunda tarefa do luto, que consiste na elaboração dessa dor. Para que a dor seja elaborada, é fundamental que os sentimentos sejam manifestados. Isso porque a tentativa de se evitar o sofrimento favorece o surgimento de sintomas patológicos, podendo fazer com que o luto se prolongue (Worden, 1998; Parkes, 1998a; Kovács, 1992).

A morte de uma pessoa provoca mudanças nos ambientes onde a convivência com ela acontecia. Assim, o “lugar” do falecido em casa, no trabalho, na escola/faculdade, em situações de lazer etc. permanecerá “vazio”. Aqueles que ficaram devem, então, se adaptar ao novo ambiente que a perda gerou. Essa é a terceira tarefa do luto, cujo cumprimento varia consideravelmente de acordo com o tipo de relação que havia com o morto. O ajuste será mais marcante para os que tinham maior convivência com este, como familiares próximos e amigos íntimos. Quando esta tarefa não é cumprida adequadamente, o enlutado tem dificuldade ou



impossibilidade de adaptação à perda. Nesse caso, é possível que ele tenha dificuldades para desenvolver novas habilidades e constituir novas relações.

Ao conseguir se adaptar ao novo ambiente, o enlutado inicia a quarta e última tarefa, que consiste em encontrar um lugar adequado para o falecido em sua vida afetiva. Não se trata, aqui, de esquecê-lo, mas de reposicioná-lo em termos emocionais. Assim, a pessoa que morreu ganha um novo papel na vida daqueles que ficaram. Este momento pode ser associado à fase de reorganização, proposta por Bowlby (1985), quando há a percepção de que a vida deve continuar apesar do falecimento ocorrido. Tanto a visão de Bowlby (1985) como a de Worden (1998) sobre o final do luto estão de acordo com a ideia de Freud (1917/1988), de que o luto está terminado quando a libido foi retirada do objeto perdido e redistribuída. Para Worden (1998), percebe-se que esta tarefa está completa quando o enlutado consegue se lembrar do morto no cotidiano de maneira mais tranquila, sem que intensos sentimentos sejam despertados. Quando isso não acontece, o motivo pode ser a persistência de um apego pela pessoa perdida que impede o sobrevivente de continuar sua própria vida e formar novas relações.

Bowlby e Worden concordam quanto aos parâmetros que são indicativos de que o enlutamento chegou ao fim. O desfecho do luto é caracterizado pelos dois autores como o momento a partir do qual a pessoa consegue prosseguir com sua vida e a perda passa a não ser mais experimentada como algo tão doloroso. O tempo necessário para que isso aconteça, tanto para Bowlby como para Worden, é variável, não sendo possível estabelecer um prazo considerado “normal” para a elaboração do luto. Passarei agora a analisar como estes e outros autores pensam as características que apontam para o luto elaborado.

### **3.3. O luto elaborado**

Diversos estudiosos (como, entre outros, Bowlby, 1985; Worden, 1998; Parkes, 1998a; Kovács, 2007) consideram difícil precisar uma duração classificada como “normal” para o luto. Estes autores concordam que o processo pode durar anos, sem que isso signifique que haja qualquer tipo de patologia. As

pesquisas de Parkes, nas quais Bowlby baseou seus estudos, por exemplo, indicam que a maioria das viúvas se recupera dentro de um período de dois a três anos.

Independentemente do tempo necessário para sua elaboração, Raimbault (1979) pensa que o final do processo do luto está relacionado ao momento quando ocorre a diminuição da presença da pessoa morta na vida do enlutado. O luto pode ser considerado elaborado quando a imagem do falecido é internalizada, passando a fazer parte apenas das memórias do enlutado. Neste momento, a pessoa pode retomar sua vida, estabelecer novas relações e reinvestir a energia psíquica antes dirigida ao morto (Freud, 1917/1988; Kovács, 1992). Para Worden (1998), um dos indicadores de que o processo se completou é a capacidade de falar no morto sem que uma dor intensa seja despertada. O enlutado se torna capaz de voltar a investir as emoções na vida e no viver, readquirindo interesses e podendo se adaptar a novos papéis.

Embora não seja possível estabelecer a duração de um luto “normal”, o primeiro ano de luto é considerado importante. Isso porque, ao longo desse tempo, acontecem as primeiras vivências de circunstâncias especiais sem a presença da pessoa falecida. Entre essas circunstâncias estão ocasiões como Natal, ano novo e outras datas comemorativas, que podem ser dolorosas, pois reforçam a realidade da perda. Estas são experiências que colaboram para que os enlutados sejam capazes de identificar, ao longo do primeiro ano, padrões de pensamento, sentimento e comportamento que devem ser abandonados. Aos poucos, por exemplo, deixa-se de ter a sensação de que o morto estará presente em determinados eventos e situações cotidianas, como sempre acontecia antes do falecimento.

Os vínculos com a pessoa morta vão se transformando gradualmente no decorrer do primeiro ano após o falecimento. Durante esse processo, a percepção da morte como real por vezes é demasiadamente dolorosa, levando o enlutado a utilizar determinados mecanismos que adiam sua aceitação. Assim, os estudos analisados por Bowlby (1985) indicam que, um ano após a perda de seus maridos, a maior parte das viúvas londrinas continuava intencionalmente pensando neles por um tempo considerável, como o autor esclarece:

*“Acharam tão reconfortante a sensação da presença do marido morto, que algumas deliberadamente a evocavam, sempre que se sentiram inseguras ou deprimidas” (Bowlby, 1985, p. 99).*

As mesmas pesquisas revelam ainda que uma quantidade significativa de viúvos e viúvas relata ter mantido “conversas” com o cônjuge falecido. Estas e outras experiências de sensação da presença do outro são descritas como reconfortantes e úteis, por proporcionarem um sentimento de consolo, favorecendo, portanto, o processo de luto (Bowlby, 1985).

Mesmo quando o luto foi elaborado, é comum o retorno eventual do sofrimento em determinadas situações em que o falecido é lembrado. Entre essas ocasiões, estão as que Cassorla (1991) denomina de “reações de aniversário”. Essas reações acontecem em datas como aniversário de nascimento e morte, ou outros tipos de eventos em que a ausência do falecido é sentida de modo significativo. Rando (1993) denomina esse retorno episódico de emoções relativas ao luto de “Subsequent Temporary Upsurges of Grief” (ou STUG Reactions). Estas reações fazem parte do luto normal e são precipitadas por eventos que reafirmam a ausência do ente querido. Para Parkes (1998b), conforme o tempo passa, os enlutados podem se permitir “descansar” (“take a break”) do enlutamento, podendo fazer outras coisas que as fazem “esquecer”, ainda que temporariamente, do luto. O autor menciona, no entanto, que há ocasiões – como o primeiro aniversário de morte – em que os sentimentos relativos ao luto retornam, às vezes com bastante intensidade.

A maneira como o luto será elaborado e o tempo necessário para que isso aconteça sofrem influência de diversos fatores. Alguns destes fatores podem fazer com que o enlutado venha a ter dificuldades para se recuperar. Vejamos quais são eles.

### **3.4. Fatores que podem complicar o luto**

Existem determinadas circunstâncias que podem gerar lutos mais difíceis de serem elaborados. Estas circunstâncias em geral estão associadas ao tipo de morte e à relação que havia com o morto. A morte dos pais quando se é criança, a perda de filhos e a morte violenta são exemplos de falecimentos que podem fazer os enlutados terem dificuldades para se restabelecer após a perda. Bowlby (1985), Parkes (1998) e Rando (2003) se referem a essas circunstâncias como “fatores de risco”, pois elas podem tornar o processo de luto complicado. O luto complicado

significa que a pessoa pode necessitar de mais tempo para elaborá-lo (se compararmos ao luto comum, “não-complicado”) e algumas das fases/tarefas podem se prolongar além do que acontece na maioria dos casos. A existência destes fatores de risco, contudo, não necessariamente gerará lutos patológicos. Muitos dos autores contemporâneos (Bowlby, 1985; Parkes, 1998; Rando, 2003; Kovács, 2007) concordam que o que caracteriza um processo patológico não é exatamente a presença de determinados sintomas ou comportamentos, já que muitos deles estão presentes tanto em lutos normais como em outros patológicos. O que determina a patologia são a intensidade, a frequência e a duração desses sintomas e comportamentos. Mesmo assim, os fatores de risco são circunstâncias que, em geral, geram processos de lutos considerados muito dolorosos. Por esta razão, o enlutamento por este tipo de perda requer atenção e uma compreensão peculiar.

Para Bowlby (1985), Parkes (1998) e Rando (1993), as principais circunstâncias que podem gerar lutos complicados estão relacionadas com: a) O tipo de relacionamento com a pessoa perdida; b) A idade do enlutado; c) As causas e circunstâncias da perda; d) A rede social e de apoio do enlutado. Passemos a cada um deles.

### **3.4.1.**

#### **O tipo de relacionamento com a pessoa perdida**

Perder uma pessoa pode ser uma experiência mais ou menos penosa de acordo com o tipo de relação que havia com o morto. Há algumas perdas reconhecidamente difíceis de serem elaboradas. Um exemplo é a morte de um filho, vivenciada quase sempre como uma tragédia, uma perda cruel (Rangel, 1979), especialmente quando se trata de uma criança. Young e Papadatou (1997) consideram esse tipo de enlutamento um dos mais complicados para as sociedades ocidentais, gerando sintomas duradouros. Isso se deve ao fato de que

*“quando uma criança morre, parte do self dos pais morre também. Os sonhos, expectativas e esperanças que os pais tinham em relação àquela criança específica são perdidos. Isso é particularmente ameaçador para a maioria das famílias ocidentais, para as quais as crianças são uma grande*

*fonte de sentido e objetivos para a vida dos pais”*<sup>13</sup> (Young e Papadatou, 1997, p. 192).

Para esses autores, um mundo antes experimentado como seguro e ordenado pode passar a ser percebido como injusto e fora de controle quando se perde um filho. Pais enlutados precisam reconstruir seu mundo interno, que ganhará novos significados. Para muitos deles, essa pode ser uma tarefa bastante longa, havendo pais cujo processo de elaboração do luto continua ainda que mais de dez anos já tenham se passado após a morte do filho (Young e Papadatou, 1997).

A morte de um cônjuge também pode ser uma experiência penosa. Parkes (1998b) afirma que a perda de um companheiro ou de um filho provoca impactos na saúde física e psicológica de um terço das pessoas que passam por esse tipo de experiência. Seus estudos indicam que um quarto dos viúvos (de ambos os sexos) experimentarão sintomas de depressão e ansiedade durante o primeiro ano de luto. O risco diminui para por volta de 17% ao final do primeiro ano e tende a diminuir ainda mais a partir de então.

A morte de um dos pais, especialmente durante a infância ou juventude, também pode ser uma vivência penosa. Por serem esses períodos do desenvolvimento em que a pessoa depende emocionalmente de seus pais ou substitutos, perder um deles pode gerar a sensação de desamparo e insegurança. É comum crianças e adolescentes sentirem-se culpadas pela morte de um dos pais. Essa culpa se deve à fantasia de que a raiva dirigida ao outro, sentida em algum momento do cotidiano, foi capaz de provocar sua morte.

Outra perda que pode ser uma experiência bastante dolorosa, especialmente para jovens, é a de um amigo. Domingos e Maluf (2003) afirmam que, na juventude, perder uma pessoa querida da mesma faixa etária pode ser uma vivência desestruturante. Por se tratar de alguém com quem o jovem se identifica, a morte pode alertá-lo sobre sua vulnerabilidade e mortalidade. Perceber-se vulnerável e mortal pode ser impactante especialmente na adolescência, quando há fantasias de onipotência e imortalidade.

Jessop e McCarthy (2006) afirmam que muitos dos estudos sobre jovens enlutados mostram que a maioria das perdas de amigos foi por morte traumática

---

<sup>13</sup> “When a child dies, part of a parent’s self dies too. The dreams, expectations and hopes that parents held for that specific child are lost. This is particularly threatening to most Western families in which children become a major source of meaning and purpose in the life of parents” (tradução minha).

ou violenta. Para esses autores, nesses casos, as reações podem ser intensas e duradouras, podendo levar à depressão, ao uso de drogas e a problemas na escola.

### **3.4.2.**

#### **A idade do enlutado**

Assim como o tipo de relação que havia com a pessoa perdida pode ser um complicador do luto, a faixa etária do enlutado também é algo que merece atenção. Perdas experimentadas por crianças e jovens podem ser vivências complexas e assustadoras. Por esse motivo, me concentrarei no luto que acontece durante esse período do desenvolvimento.

#### **3.4.2.1.**

##### **Crianças enlutadas**

A capacidade de perceber a morte como um acontecimento irreversível é adquirida ao longo do desenvolvimento. Inicialmente, a criança associa o falecimento ao sono ou a uma viagem. Apenas posteriormente pode entender a morte como uma perda sem possibilidade de volta. Mesmo compreendendo a morte aos poucos, Bowlby (1985) considera que as crianças também passam pelo processo de elaboração do luto.

O luto infantil é análogo ao dos adultos, embora as crianças nem sempre entendam e comuniquem seus sentimentos da mesma maneira que os mais velhos (Kovács, 2007). Young e Papadatou (1997) afirmam que a criança enlutada, assim como os adultos, precisa realizar as mesmas tarefas propostas por Worden (1998). No entanto, para elas isso pode ser mais complexo, devido à sua imaturidade e pouca capacidade de tolerar experiências dolorosas. Aceitar realidade da perda, por exemplo, pode ser uma tarefa complicada para crianças que ainda não compreendem a morte como uma perda irreversível.

Para Young e Papadatou (1997), toda criança merece uma atenção específica quando da perda de um ente querido. A razão para isso é que, por estar em desenvolvimento, a criança é mais vulnerável emocionalmente. Sharpe et al. (2006) mencionam um estudo de Worden, publicado em 1999, que sugere que 25% das crianças em luto pela morte de um irmão ou um dos pais podem ser consideradas “em risco” no primeiro ano após a morte.

### 3.4.2.2. Jovens enlutados

Ao atingir a adolescência, geralmente já se tem uma noção mais exata do que a morte representa. Essa consciência, no entanto, não impede que jovens que passam pela experiência de luto possam se sentir assustados e sozinhos. Isso porque a adolescência é um período caracterizado pelo sentimento de onipotência, que frequentemente se revela na sensação de imortalidade (Kovács, 1992). Por este motivo, vivenciar a morte de uma pessoa próxima contradiz a ideia de onipotência e pode fazer o jovem se deparar com sua vulnerabilidade e fragilidade. Nesta faixa etária, é comum a presença da culpa, como se a pessoa pudesse ter evitado a situação, o que novamente aponta para a sensação de onipotência (Kovács, 2007).

A maioria dos estudos sobre o enlutamento de jovens se refere ao luto decorrente da perda de um dos pais. No entanto, as pesquisas de Sharpe et al. (2006) revelam que a morte de amigos e mesmo de parentes não tão próximos também geraram impactos importantes sobre as vidas dos adolescentes estudados. Tanto em casos de luto por um dos pais como pela perda de um amigo, estar presente nos ritos funerários e conhecer as causas da morte podem ser experiências organizadoras para os jovens. A participação em velórios e enterros é uma oportunidade para a despedida, muitas vezes vivenciada pela primeira vez (Kovács, 2007).

Embora gere sofrimento, a perda de uma pessoa querida pode fazer com que jovens ganhem uma nova perspectiva de vida, talvez mais realista do que aquela que havia antes. Jessop e McCarthy (2006) afirmam que alguns deles desenvolvem um maior senso de força e maturidade diante de situações adversas, enquanto outros passam a valorizar mais suas relações significativas. Estes autores mencionam uma jovem que perdeu seu bisavô e passou a querer passar mais tempo com seus avós, valorizando-os como antes não fazia. Os estudos de Worden com crianças e jovens enlutados revelam o mesmo ao mostrarem que, passado um ano após a morte, três quartos deles diziam se sentir mais “crescidos” (“grown up”) após a experiência de luto. Domingos e Maluf (2003) também se referem a suas pesquisas, nas quais os adolescentes enlutados disseram ter ganho

maior consciência sobre a própria finitude e a percepção de que a morte é universal e imprevisível. No discurso dos pesquisados, perceber isso os levou a valorizar mais a vida e aproveitar o que ela oferece de bom.

### **3.4.3.**

#### **As causas e circunstâncias da morte**

O processo de elaboração de luto pode ser complicado por determinadas causas da morte e circunstâncias nas quais ela se deu. Entre essas circunstâncias, destacam-se as mortes repentinas, por não permitirem qualquer tipo de preparo prévio, e as que acontecem após sofrimento prolongado (geralmente por enfermidade), por gerarem um desgaste físico e emocional naqueles que cuidam do doente.

#### **3.4.3.1.**

##### **A morte súbita**

As sociedades, de modo geral, vêem mortes súbitas como eventos ameaçadores, o que causa impactos tanto no grupo social como um todo como no psiquismo dos indivíduos que experimentam a perda repentina. Para o grupo, este tipo de morte é percebido como algo que escapa ao controle social e que, como consequência, evidencia a fragilidade da condição humana. Por este motivo, a morte repentina é universalmente abominada e costuma gerar uma comoção especial (Rodrigues, 2006). Quanto aos impactos psicológicos, é possível perceber que a morte súbita é vivenciada por quem fica como uma ruptura brusca, que não permite qualquer preparo (Bowlby, 1985 e Kovács, 1992). Essa falta de preparo faz com que a morte inesperada possa gerar lutos complicados e prolongados (Parkes, 1993). Assim, se a concepção de morte do século XX faz com que todo falecimento seja percebido como uma interrupção, o repentino intensifica ainda mais essa percepção.

No luto decorrente da morte súbita, a sensação de ela não ter ocorrido realmente (Bowlby, 1985 e Worden, 1998) pode ser ainda mais intensa e prolongada. Ao não conceber a morte como real, o enlutado pode iniciar um comportamento de busca considerado excessivo, se comparado ao que vemos em outros tipos de enlutamento. Para Parkes (1998), quando o comportamento de



busca se intensifica, a pessoa geralmente vai com frequência aos locais onde o morto costumava ir, mexe em seus objetos, roupas etc. É como se, dessa maneira, buscasse desesperadamente manter algum contato com o ente perdido. Esse tipo de reação, no entanto, tende a diminuir conforme o tempo passa.

#### **3.4.3.2.**

#### **Morte após sofrimento prolongado**

O tipo de falecimento oposto ao que acontece repentinamente é aquele precedido por um longo período de sofrimento, geralmente decorrente de uma doença grave. Nestes casos, costuma haver um grande desgaste físico e psíquico por parte do enfermo e daqueles que o acompanham. Quando há degeneração corporal ou psicológica, o sofrimento é ainda maior. É comum a presença de sentimentos ambivalentes, já que, por um lado, há a vontade de salvar o ente querido e, por outro, há o desejo que este morra para que o sofrimento cesse. Este último desejo costuma ser fonte de culpa (Kovács, 1992 e 2007).

O período prolongado de enfermidade geralmente leva as pessoas mais próximas do doente a experimentarem o chamado “luto antecipatório”. O luto antecipatório acontece especialmente quando há doenças incapacitantes que obrigam o enfermo a deixar de realizar atividades que antes faziam parte de seu cotidiano. O trabalho ou os afazeres domésticos estão entre essas atividades que a pessoa pode não ser mais capaz de cumprir devido à doença. Quando isso acontece, aqueles que têm mais proximidade do doente começam a elaborar perdas antes mesmo que a morte aconteça. Essas pessoas elaboram, portanto, perdas como a do companheiro de atividades, do parceiro sexual ou do colega do trabalho, dependendo do tipo de relação que havia com o enfermo.

Nos casos em que há uma enfermidade prolongada, a sensação de ruptura pode ser, então, mais sutil, pois há um período de “preparação” para o falecimento. Este período pode ser equiparado ao que acontecia nos tempos em que a morte não chegava sem que houvesse um “aviso” de sua proximidade. Por outro lado, o desgaste físico e emocional, tanto do doente como da família, podem levar à exaustão. Por isso, Kovács (2007) aponta para a necessidade de assistir o cuidador principal, favorecendo a expressão dos sentimentos que acompanham a penosa experiência.

#### 3.4.4. A rede social e de apoio ao enlutado

O processo de elaboração do luto poderá ser influenciado pela presença ou ausência de uma rede social que ajude o enlutado a lidar com a perda. Pessoas sozinhas, sem familiares ou outras pessoas que ofereçam suporte, apresentam maior risco de terem um luto complicado (Kovács, 2007). Para Parkes (1998), a elaboração do luto pode ser difícil para pessoas solitárias. Estas pessoas podem não ser capazes de cumprir novas tarefas que antes eram realizadas pelo falecido e que, com a morte, passam a ser de sua responsabilidade. Uma mulher que perde seu marido e não tem auxílio de outras pessoas, por exemplo, pode ter dificuldades em lidar com próprias finanças, se era o cônjuge quem cuidava do dinheiro do casal. Outros enlutados que não possuem o apoio de uma rede social podem não ter condições de se cuidar sozinhos. Esse é o caso de pessoas cuja dependência do falecido era extrema, como alguns doentes mentais ou pessoas com certos tipos de deficiência. Jessop e McCarthy (2006) afirmam que enlutados socialmente isolados tendem a perceber a vida como particularmente difícil.

No caso de jovens em luto, os amigos poderão constituir a principal fonte de apoio. Muitos desses enlutados têm dificuldades de identificar e compreender o que sentem, e, durante o luto, podem tender ao fechamento, não exprimindo qualquer emoção. Esta pode parecer uma reação de indiferença, fazendo com que os adultos não lhe dêem a atenção devida. Quando isso acontece, as amizades são capazes de desempenhar um importante papel para jovens com esse tipo de vivência. Estar entre amigos pode ser uma oportunidade de compartilhar sentimentos e amenizar a solidão, favorecendo a elaboração do luto (Kovács, 2007). Estas relações podem ser favoráveis também por envolverem pessoas percebidas pelos enlutados como *iguais*, possibilitando que se sintam mais à vontade para expressar o que sentem do que quando estão entre familiares (Jessop e McCarthy, 2006).

Há, por outro lado, circunstâncias em que os amigos não oferecem o suporte social de que o jovem necessita. Alguns autores que estudam luto nesta faixa etária (Sharpe et al, 2006) afirmam que muitos jovens percebem seus pares como incapazes de lhes prover ajuda ao longo do tempo de luto. Isso acaba abalando a

amizade e faz com que esses jovens, além de sofrerem pela morte de uma pessoa querida, sofram também pela percepção de que perderam seus amigos. Jessop e McCarthy (2006) mencionam casos de jovens enlutados que tiveram experiências negativas nas relações com seus pares. Em certas situações, estes amigos criaram apelidos ofensivos ou praticaram o bullying em relação àquele que estava em luto. Em suas pesquisas, estes estudiosos perceberam haver entre os jovens enlutados uma queixa de que seus amigos têm dificuldades para entender o que lhes está acontecendo ou que esses amigos não sabem o que dizer neste momento delicado (Jessop e McCarthy, 2006). O estudo de Domingos e Maluf (2003) também revelou as dificuldades dos jovens enlutados em relação a seus pares. Muitos dos pesquisados, que estavam em luto, mencionaram que tiveram dificuldades em interagir com seus amigos. Para eles, suas constantes variações de humor, apatia e raiva expressa indiscriminadamente foram fatores que levaram ao afastamento dos colegas. A dificuldade e a incompreensão dos amigos e de familiares muitas vezes levaram ao isolamento, de maneira que a solidão pode ser um problema para o jovem enlutado (Jessop e McCarthy, 2006).

Ao longo deste capítulo, apresentei a elaboração de luto como um processo psicológico que, como disse antes, tem relação com o processo social que descrevi no capítulo anterior. Buscarei, a seguir, integrar os dois aspectos – social e psicológico – do enlutamento contemporâneo. Para fazer isso, relacionarei as particularidades da concepção de morte predominante no século XX com a maneira como o luto é elaborado em nossos dias.

### **3.5. O luto e a morte interdita**

A relação entre as características da morte interdita e o modo de elaborar o luto a partir do século XX foi feita por autores como Bowlby (1985), Worden (1998), Parkes (1998), Kovács (2007) e Kübler-Ross (1981/2000). Estes estudiosos não apenas percebem o luto contemporâneo como consequência da concepção de morte atual, como preocupam-se com os impactos psicológicos que esse tipo de luto pode gerar. Vejamos.

Como já mencionei, o modo de conceber a morte predominante no século XX (Ariès, 1977) levou a sociedade ocidental a tentar afastar a morte de seu

cotidiano. Esse tipo de atitude pode ser percebido, dentre outras maneiras, na recomendação implícita para que as emoções sejam expressas de maneira contida, na ideia de que conversar sobre a morte é algo mórbido e no incentivo para que os enlutados pensem em outros assuntos, evitando pensar no morto. Nas palavras de Kovács (2007),

*“A sociedade atual condena a manifestação de sentimentos como se estes fossem sinais de fraqueza. Os rituais de nosso tempo clamam pela rapidez, e ocultação para que se tenha a ideia de que a morte não ocorreu. As crianças devem ser afastadas da situação com a intenção primeira de que não sofram, mas na verdade porque os adultos não sabem o que fazer nesta situação”* (Kovács, 2007, p.218).

Vemos que esta autora concorda com as ideias de Ariès (1977) de que a concepção de morte do século XX fez com que os rituais relativos ao falecimento fossem reduzidos ou mesmo impedidos. Ela atenta, no entanto, para o fato de que os rituais são muito importantes para a reorganização da vida emocional daqueles que perderam um ente querido. Para Kovács (2007), a não-expressão do luto, comum na sociedade ocidental de hoje, pode levar a diversas consequências psicológicas relacionadas ao luto mal elaborado. Entre estas consequências estão, por exemplo, o retorno da sensação infantil de onipotência relacionada à crença de ser responsável pela morte de outra pessoa.

Kübler-Ross (1981/2000) é outra autora que se mostra preocupada com a “proibição” da expressão do luto. Ela menciona o trabalho que fazia junto a pacientes que haviam recebido um diagnóstico de doença grave (a maioria estava em estado terminal) e seus familiares. Os últimos eram atendidos desde o momento em que recebiam a notícia sobre a gravidade da doença até o período de luto, após o falecimento. A autora enfatiza a necessidade de os enlutados externarem os sentimentos que experimentam quando da perda de um ente querido. Para ela, bem como para diversos outros autores (Bowlby, 1985; Worden, 1998; Rando, 1993; Kovács, 1992), fazer isso favorece um luto considerado saudável, que resulta no restabelecimento do enlutado ao fim do processo. Para Kübler-Ross, tentar reprimir ou oprimir o que é sentido pode ser prejudicial à elaboração do luto:

*“Quando perdemos alguém, sobretudo quando tivemos muito pouco tempo para nos preparar, ficamos com raiva, zangados, desesperados; deveriam*

*deixar que extravasássemos estas sensações”* (Kübler-Ross, 1981/2000, p. 182).

A autora pensa que hoje em dia os sentimentos não são externados, já que, logo após o funeral, a maior parte das pessoas se retira, deixando “sozinhos” aqueles que tinham maior proximidade afetiva com o falecido. Por esta razão, os enlutados muitas vezes não têm com quem compartilhar o que sentem. A experiência de trabalho de Kübler-Ross com familiares enlutados mostra, no entanto que, neste momento, estas pessoas necessitam, mais do que nunca, do apoio das demais:

*“É nesta ocasião [os dias que seguem o funeral] que os familiares se sentiriam gratos se houvesse alguém com quem pudessem conversar, especialmente se esse alguém tiver tido contato recente com o falecido, podendo, assim, contar fatos pitorescos dos bons momentos vividos antes de ele morrer. Isto ajuda o parente a superar o choque e o pesar, preparando-o para uma aceitação gradual”* (Kübler-Ross, 1981/2000, p. 182).

Para Parkes (1998b), a perda de pessoas queridas costuma gerar tanto sofrimento que o assunto deveria ter maior espaço no treinamento de profissionais de saúde. Isso porque são eles quem geralmente presenciam o primeiro momento de luto dos familiares dos pacientes falecidos. São esses profissionais, portanto, que poderiam oferecer um primeiro acolhimento para estas pessoas impactadas pela perda. No entanto, segundo o autor, pouco espaço é dado ao tema do luto no treinamento da equipe de saúde. Entre as explicações para isso está a suposição de que a perda é irreversível e intratável, não havendo nada a se fazer para evitá-la ou impedi-la. O autor pensa que esta situação é lamentável, já que “justamente quando eles mais precisam de nós, nossos pacientes e seus parentes enlutados não nos encontram”<sup>14</sup> (Parkes, 1998b, p. 856). Parkes afirma ainda que a repressão excessiva dos sentimentos relacionados ao luto é prejudicial e pode levar ao luto patológico. O enlutamento “obsessivo”, por outro lado, no qual a pessoa exclui tudo o que pode em sua vida e se dedica apenas ao morto, também pode ter consequências patológicas. Em sua visão, o ideal é o equilíbrio entre a evitação e a obsessão, que possibilita que o enlutado aos poucos elabore a perda.

---

<sup>14</sup> “(...) Just when they need us most, our patients and their grieving relatives find that we back away” (tradução minha).

O luto contemporâneo é influenciado pela ideia de que ir a velórios ou enterros pode ser uma experiência insuportável, por causar uma dor intensa. Em muitos casos, pessoas próximas do morto deixam de estar nestas ocasiões, geralmente estimuladas por aqueles que temem que essas pessoas “não aguentem” a emoção da despedida. Isso acontece com relativa frequência quando se trata, por exemplo, de crianças enlutadas pela morte de um dos pais, ou de jovens que perderam um amigo que faleceu bruscamente. No entanto, estar presente nos rituais de despedida pode ser importante para que a morte comece a ser percebida como real. É, portanto, importante para a elaboração do luto. Não estar presente nessas ocasiões pode dificultar a aceitação do falecimento, podendo levar à busca de outros meios para que isso aconteça (Kovács, 2007).

A própria duração do luto atual é consequência das características da morte interdita. Há atualmente um longo percurso até que o enlutado se recupere do sofrimento causado pela perda de um ente querido. Esse prolongamento é uma novidade aparentemente gerada pela concepção de morte como um tabu. Por ser algo interdito, aceitar a morte torna-se uma tarefa complexa e demorada. Em períodos anteriores, quando a morte não gerava tanto sofrimento, o falecimento de uma pessoa querida era aceito mais rapidamente. Nestas épocas, os diversos rituais funerários eram suficientes para amenizar o pesar, havendo uma resignação rápida. Hoje, pelo contrário, os ritos são mais breves, e mais tempo é necessário para a recuperação do enlutado.

A morte interdita gera uma maneira específica de apoiar o jovem enlutado. Esta maneira, no entanto, na maior parte das vezes mostra-se insuficiente. Domingos e Maluf (2003) citam vários estudos ao afirmarem que a família e a escola não têm oferecido ao jovem enlutado o suporte que ele necessita. Em sua pesquisa, adolescentes mostram considerar ineficaz o suporte da família diante da perda. Para eles, o apoio poderia ter sido melhor se o ambiente familiar fosse mais acolhedor e tolerante ao seu luto e se encorajasse a expressão dos afetos. De maneira análoga, a escola foi percebida pelos adolescentes como pouco eficaz e muitas vezes ausente como suporte para seu luto. No entanto, muitos reconheceram que houve o apoio de professores para a resolução de questões de ordem prática (prorrogação de avaliações, por exemplo), e que alguns deles os encorajavam com frases como “não fique assim”, “seja forte”, pautadas no senso comum.

Em relação aos cuidados oferecidos aos enlutados, Kovács (2007) menciona que há algumas propostas de trabalhos que visam favorecer a realização das tarefas do luto (Bowlby, 1998). A autora cita certas atividades que podem colaborar para a elaboração do luto, como fazer visitas aos cemitérios, escrever cartas aos mortos, olhar fotos de épocas diversas, conversar com parentes sobre a perda. Na visão de Kovács, fazer isso favoreceria o desenvolvimento do luto. Parkes (1987/1988) sugere o desenvolvimento de instituições que trabalhem especificamente com pessoas enlutadas, auxiliando-as a se restabelecerem após a perda de um ente querido. O autor cita o exemplo do Cruse, instituição britânica de cuidado do enlutado, além de serviços israelenses e africanos, criados para ajudar pessoas que perderam entes queridos em guerras.

Pelo que apresentei até aqui, é clara a relação entre uma determinada concepção de morte, os sentimentos e comportamentos que ela gera e a maneira como o luto é elaborado. O modo como a sociedade ocidental do século XX passou a perceber a morte gerou, portanto, o tipo de luto que descrevi neste capítulo. Mas será o luto ainda o mesmo na primeira década do século XXI? Será a concepção de morte predominante a mesma? Na virada do século, presenciamos importantes transformações sociais e psicológicas geradas pela difusão e popularização de novas tecnologias de comunicação, como a Internet, que modificaram as relações entre as pessoas de maneira marcante. Terão essas transformações afetado também as relações entre vivos e mortos? Para começar a responder essa pergunta, é preciso identificar primeiro quais foram as mudanças provocadas pela Rede nas relações humanas. Isso será feito no próximo capítulo.

## 4

### Novas tecnologias gerando uma nova realidade

Para entender uma situação desconhecida, lançamos mão de elementos conhecidos e por causa disso não conseguimos entendê-la.

Proust

Nos capítulos anteriores, analisei de maneira detalhada o modo como o contexto social gera determinadas concepções de morte, determinados comportamentos e tipos de luto quando do falecimento de uma pessoa. Vimos, através da obra de Ariès (1977) que, no tempo da “morte domada”, o tipo de vida comunal que havia na Europa fazia com que, lá, a morte fosse um acontecimento público. Por esta razão, devia-se morrer entre parentes, amigos, vizinhos e até desconhecidos, considerados fundamentais nos últimos momentos de vida de qualquer um. Após o período da “morte domada”, tivemos alterações de contexto que levaram aos períodos da “morte de si” e da “morte do outro”. Muito tempo depois, já na virada do século XIX para o XX, surgiu a associação da morte com doença e agonia, que levou ao período da “morte interdita”. O falecimento de uma pessoa deixou, então, de ser visto como parte da ordem natural das coisas e passou a ser pensado como algo indesejável, fonte de intenso sofrimento. Vimos ainda que, a cada maneira de conceber a morte, corresponde um tipo de luto. Assim, este último modo de pensar a morte gerou o tipo de luto que descrevi no capítulo anterior. As características das fases ou tarefas, bem como outras particularidades do enlutamento contemporâneo, revelam que, no século XX, o luto é mais duradouro do que aqueles existentes em tempos anteriores. O luto da “morte interdita” envolve tristeza, descrença, raiva, desânimo e o desejo de reaver a pessoa perdida.

Se transformações do contexto social dão origem a diferentes maneiras de lidar com falecimentos e de elaborar o luto, o que podemos pensar sobre a morte no século XXI? É evidente que uma simples mudança de século não é suficiente para alterar a realidade. Ocorre que, na virada do século XX para o XXI, tivemos, por todo o mundo, importantes transformações sociais, que aconteceram a partir



da difusão de novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Entre essas novas tecnologias, a Internet, que será meu objeto de estudo, colaborou de maneira significativa para a alteração da realidade em que vivíamos. Por esta razão, pergunto: terão as mudanças proporcionadas pelo uso da Internet modificado a maneira como percebemos a morte e lidamos com ela? Antes de responder esta pergunta, se faz necessário ter clareza da dimensão das mudanças que a Internet proporcionou. Por este motivo, farei uma revisão de algumas das principais transformações ocorridas nesta virada de século.

#### 4.1.

#### **As transformações geradas pelo uso da Internet**

Não é difícil perceber que a popularização da Internet, ocorrida principalmente nos últimos 20 anos, transformou o cotidiano de pessoas de toda parte do mundo. Essas mudanças foram tão significativas que pode-se dizer que a Rede afetou, de maneira direta ou indireta, a realidade de todos. Observando o cotidiano de hoje percebe-se com facilidade que, em quase tudo, há a influência do uso da Internet. Esta influência é visível em nossa rotina no que concerne, por exemplo, à maneira como nos comunicamos uns com os outros, recebemos notícias e buscamos informações. Se compararmos com os recursos que havia no passado, vemos que a Internet fez a comunicação interpessoal, o acesso às notícias e a busca por informações ganharem uma velocidade que antes era impensável. No caso das notícias, a mudança é especialmente notável. Antes, tínhamos conhecimento sobre o que acontecia em nosso país ou no mundo através dos noticiários da televisão e do rádio. Tínhamos, portanto, que esperar pelo horário desses noticiários, sendo poucas as chances de termos acesso às notícias de outra maneira. Hoje a Internet faz com que possamos saber o que está acontecendo por toda a parte – independentemente da distância física – em tempo real, sem que precisemos esperar pelos noticiários.

O uso da Internet proporcionou, contudo, mudanças que vão muito além da simples aceleração da comunicação. A Rede gerou também um tipo de mudança ainda mais complexo: aquele relativo ao modo como nos relacionamos uns com os outros. Essa mudança já podia ser percebida nos primórdios da Internet, ou seja, antes de sua popularização, com o surgimento dos *emails*. Isso

porque os *emails* possibilitaram que uma mensagem escrita chegasse a um ou vários destinatários quase instantaneamente, não importando a distância geográfica que houvesse entre eles. Essa possibilidade alterou a realidade, por exemplo, de inúmeras famílias que têm pessoas residindo em diferentes partes do mundo. Estas pessoas passaram a poder ter um contato muito mais frequente do que tinham antes. Isso porque as opções que havia, antes da chegada da Internet, eram as cartas – sistema bastante demorado, especialmente quando há grande distância – e o telefone – sistema rápido, porém caro, se comparado com a Internet. Os *emails* eram, portanto, um meio rápido e barato, que possibilitaram o a aproximação entre pessoas que estavam fisicamente distantes.

As relações entre as pessoas continuaram se transformando conforme surgiam novos ambientes na Internet. O surgimento dos *chats* (como o IRC ou os webchats), sistemas que permitem a conversa, por escrito, entre seus usuários, foi um desses ambientes. Eles eram bastante simples, se comparados com os recursos existentes hoje, mas fizeram com que fosse possível conhecer e se relacionar, através do “bate-papo” *online*, com pessoas que estavam em qualquer parte do mundo. Assim, a distância física entre duas ou mais pessoas e o fato de não elas se conhecerem pessoalmente deixaram de ser entraves para que relacionamentos de amizade e até amorosos acontecessem.

Além do *email* e dos *chats*, aos poucos surgiram também outros recursos, na Rede, onde a interação entre as pessoas podia acontecer. Entre eles, estavam ambientes como os *sites* de paquera, os programas de bate-papo em tempo real (como o MSN), os jogos *on-line* e, mais recentemente, os *sites* de redes sociais.

Nestes e em outros ambientes, o uso da Internet revelou seu potencial de gerar diferentes tipos novos de relações. Estas novas relações vêm sendo investigadas por alguns autores contemporâneos dedicados a estudar determinados ambientes em especial. Os *sites* de paquera, por exemplo, estudados por Ramalho (2005), mostram que a Internet é um novo meio de se buscar parceiros amorosos. Os *blogs*<sup>15</sup> fizeram surgir um novo tipo de relação entre leitores e escritores, conforme apontaram Di Luccio e Nicolaci-da-Costa (2007). O uso da Internet alterou ainda o relacionamento entre professores e alunos, como estudou Abreu (2006).

---

<sup>15</sup> Detalharei adiante o que são *blogs* e quais são suas características.

Estes e outros estudos apontam, portanto, que as relações nos tempos da Internet são bem diferentes daquelas que havia antes. Se tradicionalmente as relações de todo o tipo poderiam se dar, por exemplo, em casa, no trabalho, na escola, na praia, no restaurante e em diversos locais de lazer, a Rede é, hoje, um novo ambiente onde elas podem acontecer. A possibilidade de, através da Internet, paquerar, namorar, fazer e manter amizades, além de estudar, se informar, ter notícias e tantas outras coisas mostra que a Rede é, hoje, mais um ambiente onde se desenrolam muitos dos aspectos da vida das pessoas. Como apontou Nicolacida-Costa (2006), a Internet se tornou, por esta razão, uma nova “plataforma de vida”, já que, nela, grande parte da vida humana pode ser vivida.

Como plataforma de vida, a Internet é composta por diversos tipos de ferramentas, como os emails, e ambientes, como aqueles de *chats*, os *sites* de paquera etc. Os diferentes ambientes que existem na Internet geralmente têm como uma característica em comum o fato de serem criados e utilizados para as mais diversas manifestações de *vida*, manifestações essas que podem compreender desde transações bancárias, compras e busca de informações sobre assuntos diversos até encontros, paixões e amizades virtuais.

Se a Internet é uma plataforma de vida, e se, na vida de qualquer pessoa, há experiências como decepções, perdas, separações, mortes e lutos, é razoável que, na vida “*online*”, também haja espaços para manifestações relativas a estes tipos de vivências. De todos eles, os que interessam ao presente trabalho são as perdas por morte e os lutos decorrentes destas perdas. Vejamos, então, qual o lugar de ambos na Internet.

#### **4.2. O lugar da morte na plataforma de vida**

Venho observando ultimamente que há, na Rede, certos espaços onde se dão manifestações relativas à morte e ao luto. Estes espaços geralmente surgem quando diferentes ambientes da Internet – ambientes de *vida*, como mencionei – são apropriados, pelos usuários, para tais manifestações. Isso significa que ambientes que originalmente tinham uma finalidade passam a ser utilizados pelas pessoas com outros fins bastante diferentes. Descreverei agora o que venho

percebendo em três ambientes distintos: *sites* em geral, *blogs* e *sites* de relacionamentos.

#### **4.2.1. Sites em geral**

Entre os diferentes ambientes de vida que existem na Internet, estão os *sites* dos mais diferentes tipos, como os de bancos, lojas, jornais, revistas, universidades, museus etc. Estes são apenas alguns exemplos da variedade que há na Rede. Esta variedade indica que os *sites* podem ser usados com finalidades diversas, como pagar contas, fazer comprar, ler notícias, ter informações, entre outras coisas.

Nos últimos tempos, no entanto, venho observando o surgimento de *sites* que têm um fim bastante diferente destes que mencionei e de outros com os quais me deparei no cotidiano. São *sites* que abrigam diversos memoriais em homenagem a pessoas que faleceram. Nesses *sites*, uma pessoa (geralmente parente do morto) cadastra o nome do falecido, a data do falecimento e outras informações sobre a pessoa que morreu. A partir desse cadastro, o falecido ganha um espaço (virtual), chamado de “memorial” ou de “altar”. Nele, a pessoa que fez o cadastro deve criar um título para identificar o memorial, escolher uma imagem, criar um texto de abertura e definir algumas características da aparência da página (como cor do fundo e borda).

Após criado, o memorial será mais um entre diversos outros que o *site* abriga. Ele poderá ser visitado por qualquer pessoa, que pode encontrá-lo através de mecanismos simples de busca. Ao entrar nesse espaço, o visitante pode deixar mensagens em homenagem ao morto, condolências a seus familiares e acender “velas virtuais”.

O “Portal Angels” ([http://www.portalangels.com/altar\\_virtual/](http://www.portalangels.com/altar_virtual/)) é um desses *sites*. Nele, existe um espaço em que as pessoas podem criar “altares virtuais”. Na parte de cima do “altar”, geralmente há uma mensagem de abertura, deixada por quem criou o perfil e, abaixo da imagem, também escolhida por seu criador, as “velas virtuais” e as mensagens deixadas por visitantes. O “altar” de William ([http://www.portalangels.com/altar\\_virtual/altar.php?id=58&pagina=2](http://www.portalangels.com/altar_virtual/altar.php?id=58&pagina=2)) ilustra o que estou dizendo:

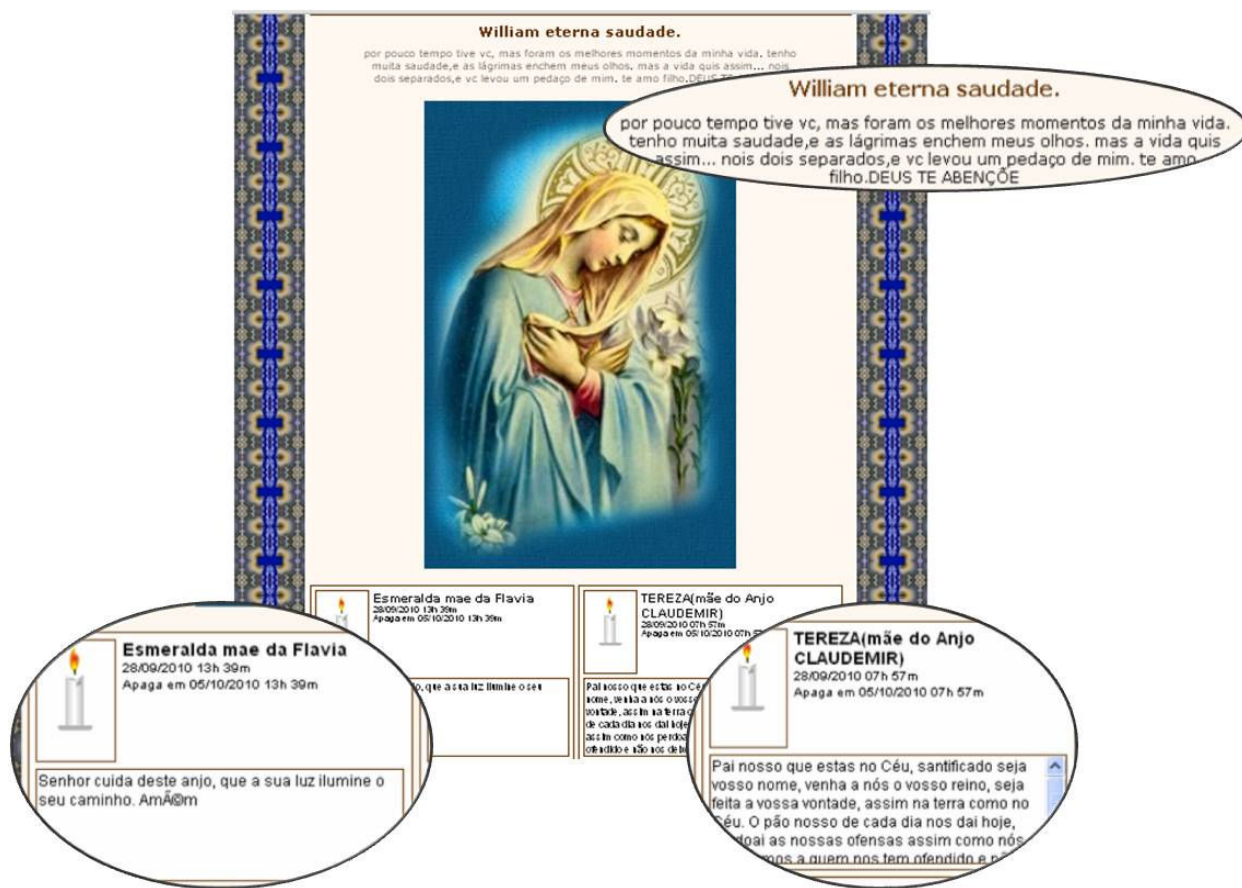


Figura 01 – Exemplo de altar virtual do Site “Portal Angels”.

#### 4.2.2. Blogs

Um outro tipo de *site* bastante popular são os chamados *blogs*. Os *blogs* comportam não apenas textos, mas também imagens, vídeos e *links* para outros *sites*, sendo que as publicações acontecem com a frequência que seu autor desejar. Nos *blogs*, quase sempre há um espaço para comentários dos leitores.

Os *blogs* são *sites* cuja criação e manutenção são bastante simples, independentemente, por este motivo, de qualquer tipo de conhecimento técnico. A facilidade com que são criados gerou, nos últimos anos, uma multiplicação de *sites* deste tipo. Com isso, de simples “diários”, como eram vistos no início, os *blogs* ganharam também outros usos. Atualmente há *blogs* jornalísticos, de humor, literários, esportivos, entre outros (Di Luccio e Nicolaci-da-Costa, 2010).

Nos últimos tempos, um outro tipo de *blog* vem surgindo: os *blogs* que homenageiam pessoas que já faleceram. Neles, os autores, que costumam ser

parentes ou amigos dos falecidos, postam fotos dos mesmos e publicam vídeos e textos que lhes são dedicados. É comum haver também um espaço para que visitantes do *site* deixem mensagens manifestando sua dor e expressando suas condolências pelo falecimento. Um exemplo de *blog* que homenageia um falecido é o que foi feito por Heloisa Bergamo em homenagem à sua filha Jacqueline, que tinha transtorno bipolar e se suicidou aos 14 anos. Neste *blog* (<http://jackbergamo.blogspot.com/>), a mãe postou informações sobre o transtorno bipolar, contou a história da filha, inseriu diversas fotos e vídeos da menina e postou o texto de uma reportagem publicada pela revista Época, sobre o caso de Jacqueline:

## JACQUELINE BERGAMO

**quarta-feira, 3 de junho de 2009**  
**REVISTA ÉPOCA**



A pedagoga Heloisa Bergamo tinha em mãos duas cartas de psiquiatras pedindo a internação de sua filha, Jacqueline, de 14 anos. Era outubro de 2005 e durante quatro dias Heloisa percorreu hospitais de São Paulo em busca de uma vaga. Havia quase um ano e meio que ela esperava 24 horas por dia os pensamentos da filha. Na medida em que isso é possível — é em que só as mães são capazes. Em junho de 2004, a menina alegre, cheia de amigos e que estava aprendendo a tocar viola e pandeiro começara a mudar de comportamento. Tornou-se fechada. Não queria mais ir à escola. Dizia que ninguém gostava dela. Eram os primeiros sintomas do transtorno bipolar, um distúrbio psiquiátrico em que a pessoa alterna momentos de euforia ou irritação com depressão profunda. É durante essas variações de humor, causadas por um desequilíbrio na química cerebral, que até 30% dos doentes tentam tirar a própria vida. Metade acaba conseguindo. Heloisa sabotara todos os planos de Jacque de "salvar o mundo". Era essa frase que a adolescente repetia quando mais uma crise começava, em uma lógica que talvez nem ela mesma entendesse. Heloisa impedira as tentativas de Jacque de saltar do carro em movimento. Seu lugar era no banco da frente, ao lado da mãe, que dirigia vigiando o fecho do cinto de segurança. Interceptara as incontáveis corridas da filha de sua casa, no centro de São Paulo, em direção à Avenida Nove de Julho, uma das mais movimentadas da cidade. Nos carros e ônibus que passavam em alta velocidade, Jacque via uma oportunidade de "salvação". No apartamento recém-alugado pela família, o encanto de Jacque — como aquele dos manujos pelas sereias, explica a mãe — era pelas janelas. As redes de proteção.

**JACQUELINE LUIZA BERGAMO DA GUIA**



Jack Bergamo  
SAO PAULO, SP,  
Brasil

Amada, muito amada!!! Sou Anjo.

[Visualizar meu perfil completo](#)



**Historia Da Jacqueline**

*Linda Menina, Ótima Filha, Carinhosa, Amorosa, Companheira. Ótima Aluna, Ótimas Notas. Amigos, Os Melhores. Responsável, Muito Querida Por Todos. Aos 13 Anos, Em Junho De 2004, Começou Ficar Triste, Dizia Que Não Queria Ir À Escola... Logo Veio As Férias De Julho, Ficou Em Casa, Não Percebi Nada De Anormal. Em Agosto Começaram As Aulas, E Então Ela Estava Triste. Também Em Agosto Trabalhamos Na Festa De Nossa Senhora Achropita, Ela Também É Voluntária Desde Pequena. No Dia Da Procissão Ela Travou, Seus Olhos Estavam Parados, Não Queria Nem Falar. Isso Aconteceu Em Um Domingo, Na Segunda Feira Levei-A Ao Médico. No Pronto Socorro, Foi Atendida E Diagnosticada Com Depressão, Nos Encaminharam Para O Setor De Medicina Preventiva, Porém Essa Consulta Demorou +- 15 Dias Para Ser Agendada.*

Figura 02 – Blog em homenagem à Jacqueline Bergamo.

### 4.2.3. Sites de relacionamento

Surgidos na primeira década do século XXI, os *sites* de relacionamento, ou *sites* de redes sociais<sup>16</sup>, rapidamente se tornaram populares, principalmente entre os jovens. Estes ambientes possibilitam a criação e a manutenção de redes de relações entre pessoas. Para utilizá-los, o usuário cria seu “perfil” – uma espécie de página pessoal em que insere dados sobre si próprio – e pode interagir com outros de diferentes maneiras, como por exemplo, através de mensagens e do compartilhamento de álbuns de fotografias *online*.

As redes criadas nesses ambientes são constituídas por pessoas com as quais pode haver variados graus de proximidade. Nelas, podem estar o amigo íntimo, o colega de turma com quem não há muita conversa, o vizinho que se mudou do prédio há anos, parentes, e muitos outros. O mais comum, na visão de Almeida e Eugenio (2006), é os jovens de hoje utilizarem os *sites* de relacionamento como uma forma de reiterar permanentemente os vínculos com seus pares (Almeida e Eugenio, 2006). Dessa forma, esses *sites* são mais um “ponto de encontro” de pessoas que costumam estar juntas também em seu cotidiano *offline*.

Os *sites* de redes sociais são extremamente populares entre o público brasileiro. Estima-se que 86% dos usuários brasileiros da Internet estejam cadastrados neles, passando cerca de cinco horas por mês nesses *sites*<sup>17</sup>. Existe na Internet uma grande quantidade de ambientes desse tipo, como Orkut, Facebook, MySpace e LinkedIn, porém o público brasileiro “elegeu” o Orkut como seu favorito. Para se ter uma ideia, mais de 23 milhões de usuários do Orkut se declaram brasileiros<sup>18</sup> (nacionalidade predominante no *site*), enquanto que o Facebook, segunda rede social mais usada no Brasil, conta com menos de 5 milhões de usuários desta nacionalidade<sup>19</sup>. Mesmo que esses dados possam não

<sup>16</sup> Tradução de “*social network sites*”

<sup>17</sup> Segundo dados Ibope Nielsen Online, publicados no *site* G1: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2010/06/orkut-segue-lider-no-brasil-twitter-e-facebook-empatam.html> (acesso em 08/07/2010).

<sup>18</sup> Dados de janeiro de 2008, em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u361596.shtml>, acesso em 03/09/2009.

<sup>19</sup> Dados do *site*: <http://www.facebakers.com/countries-with-facebook/BR/> (acesso em 08/07/2010).

retratar a realidade de maneira exata (pois cada um tem a liberdade de indicar a nacionalidade que quiser e de criar quantos perfis desejar), são números que não deixam dúvidas quanto à popularidade do Orkut.

Por ser o Orkut o principal *site* de redes sociais acessado pelos brasileiros, e por ter sido o ambiente no qual mais observo a apropriação, pelos usuários, para um fim certamente diferente do originalmente pensado por seus desenvolvedores, me concentrarei nele. Vejamos então como o Orkut funciona.

#### 4.2.3.1. Como funciona o Orkut

Para participar do Orkut, é necessário fazer um cadastro que gera o perfil do usuário. O perfil é uma espécie de “eu virtual”, composto pelos dados que seu titular fornece. Estes dados incluem, entre outras coisas, o apelido que a pessoa escolhe para ser reconhecida no *site*, além de informações como idade, tipo de relacionamento que mantém, religião, profissão e grau de escolaridade. Alguns destes dados são pedidos na tela que aparece logo quando o usuário se cadastra:

The image shows a screenshot of the Orkut registration page, titled "Configurações do orkut". The page has a light blue header with a close button (X) in the top right corner. Below the header, there are five tabs: "Perfil" (selected), "Privacidade", "Gerais", "Notificações", and "Atualizações".

The main content area is divided into several sections:

- Perfil:** Includes a "alterar foto" button and a placeholder image of a person's silhouette. Below this are input fields for "nome (obrigatório)", "sobrenome (obrigatório)", "cidade", and "país" (a dropdown menu currently showing "Brasil").
- Privacidade:** A lock icon and the text "somente amigos podem ver as informações abaixo".
- endereço:** A large empty text input field.
- e-mail:** Shows "mariana@fas.org.br" with an "alterar" link.
- telefone:** A blue box with a mobile phone icon and the text: "Confirme seu número de celular para postar atualizações ilimitadas do seu celular para todos os seus amigos no orkut. ?". Below this are input fields for the phone number and dropdown menus for "Celular confirmar", "Residencial", and "Comercial".
- relacionamento:** A dropdown menu.
- aniversário:** Fields for month (dropdown showing "janeiro"), day (dropdown showing "2"), and year (dropdown showing "1993"), followed by an "ocultar" link. Below this is a checkbox "mostrar minha idade (18 anos)".
- sexo:** Radio buttons for "feminino" (selected) and "masculino".
- mensagens instantâneas:** Two input fields and two dropdown menus.

At the bottom of the form, there are "salvar" and "cancelar" buttons.

Figura 03 – Página de cadastro no Orkut.



Ao compor seu perfil, cada pessoa pode escolher o que deseja informar e o que prefere omitir. O titular do perfil poderá definir também seus dados poderão ser vistos por qualquer um que visitá-lo ou restritos apenas a determinados usuários. Todos os dados (incluindo o apelido escolhido) podem ser alterados a qualquer momento por seu titular, que pode fazer isso quantas vezes desejar.

Todo perfil tem uma página principal, que é aquela que aparece assim que ele é acessado tanto pelo titular como por visitantes. Nesta página, há um espaço central, onde o usuário geralmente escreve uma mensagem de apresentação àqueles que visitarem seu perfil. É comum as pessoas preencherem esse espaço com poemas, textos de autores famosos ou letras de músicas de que gostam. A tela a seguir é um exemplo da página principal de um perfil no Orkut<sup>20</sup>:



Figura 04 – Exemplo de página principal de um perfil no Orkut.

A principal finalidade do Orkut é criar uma rede de contatos, composta por outras pessoas que também têm perfis no Orkut. Essa rede de contatos é chamada pelo *site* de “amigos”. Para adicionar “amigos” ao perfil, é necessário pedir permissão ao usuário a ser adicionado, através de um mecanismo do *site*. Ao pedir para adicionar alguém, a pessoa pode acrescentar ao pedido uma curta mensagem para o “amigo” a ser adicionado. Nesta mensagem, geralmente aquele que pede

<sup>2020</sup> Exporei aqui, como exemplos, apenas perfis que são públicos.

para adicionar o novo “amigo” escreve se apresentando, caso julgue necessário fazer isso.

Para muitos jovens que fazem parte do Orkut, ter uma extensa lista de amigos é sinônimo de prestígio e popularidade. Por isso, o *site* é chamado de “catálogo de amigos” por alguns deles (Almeida e Eugenio, 2006). Para se ter uma ideia, os jovens em geral costumam ter mais de 300 “amigos” adicionados a seus perfis.

Além dos dados pessoais e da lista de “amigos”, o perfil é composto também pelas fotografias que seus usuários incluem. Uma delas é a “principal”, que serve como meio de identificar a pessoa, e aparece sempre junto com o nome que ela escolheu para usar no Orkut:



Figura 05 – Exemplo foto principal de um perfil no Orkut.

Outras fotografias podem ser dispostas em “álbuns” virtuais, que poderão ser vistos por todos os usuários ou acessíveis apenas aos “amigos”, conforme definido pelo titular do perfil. Nesses álbuns, geralmente há diversas fotos em que os jovens aparecem sorridentes, juntos a amigos em festas, em viagens, com a família e em outras situações análogas.

No Orkut, o usuário pode escolher “comunidades” das quais deseja ser membro. Comunidades são agrupamentos de pessoas de acordo com temas específicos, cuja motivação pode ser, dentre inúmeras outras, a preferência por uma banda de música, um escritor, um local, um ideal, ou mesmo o simples gosto ou rejeição por algo (“eu odeio acordar cedo” e “eu odeio lavar louça” são exemplos deste último tipo de comunidade). As comunidades são espaços cujo intuito é permitir a troca de mensagens entre seus membros. São, portanto, fóruns de discussão sobre assuntos diversos, geralmente relacionados ao tema da comunidade. O uso das comunidades como fóruns de discussão, no entanto, não é o mais comum entre jovens. Em geral elas funcionam simplesmente como um meio de expressar os gostos do usuário. Para Rónai (2005), as comunidades compõem um “mosaico virtual da personalidade, uma colcha de afinidade que

sinaliza, para outros orkuteiros, o tipo de pessoa que se é – ou, pelo menos, que se gostaria de ser” (Rónai, 2005). Almeida e Eugenio (2006) têm uma opinião semelhante sobre o assunto. Para elas, as comunidades funcionam como “bottons”, usados para demonstrar gostos e preferências.

Embora os usuários do Orkut possam se comunicar de vários modos, o meio que mais utilizam são os chamados *scraps*<sup>21</sup>. *Scraps* são recados que ficam expostos em um espaço que todos os perfis têm. Essas mensagens ficam expostas assim que são escritas (não sendo necessária a aprovação do destinatário) e podem ser vistas por todos que entrarem no perfil. Há, contudo, a opção de restringir o acesso a esse tipo de mensagem, impedindo sua leitura por pessoas que não estão na lista de “amigos”. Além disso, o dono do perfil pode apagá-los a qualquer momento. Este espaço se caracteriza pela lógica da conversação e, como acontece geralmente na conversa entre jovens, nele, a linguagem é informal e cotidiana (Albuquerque, 2007). Há *scraps* em que vemos, por exemplo, comentários sobre acontecimentos, convites para festas e mensagens de parabéns nos aniversários. A seguir há alguns exemplos deste tipo de mensagens:



**Allana Chris !!!!** - 25/09/2010 - Amigos

para

adorei recebe-los aqui em casa!!!

voltem qndo quiserem

bjos



**Renatinha Ferreira** - 28/04/2010 - Amigos

para

Migona, não deu para ir no niver...mais nao vai faltar oportunidade para de dar um bj e um abraço...ok?!?!

Grande bj e saudades!

<sup>21</sup> Empregarei os termos “*scraps*”, “recados” e “mensagens” para me referir ao mesmo tipo de comunicação escrita.



Figura 06 – Exemplos de *scraps* enviados em um perfil no Orkut.

O Orkut é usado principalmente pelo público jovem. A faixa etária predominantemente declarada por seus usuários é entre 18 e 25 anos (53,48%<sup>22</sup>). Ao entrar em perfis de jovens no Orkut, percebe-se que ele retrata bem diversos aspectos da vida de seus titulares. Através dos dados pessoais, das fotos, dos depoimentos (mensagens que só podem ser exibidas se aceitas pelo titular), *scraps* e comunidades, as pessoas revelam quem são, mostram com quem se relacionam, exibem seus gostos e preferências, contam o que fazem no dia-a-dia, os lugares que frequentam, conversam com amigos e conhecidos. O *site*, acessado geralmente mais de uma vez por dia, é usado para trocar mensagens e fazer atualizações nos perfis. Entre essas atualizações estão, por exemplo, a inclusão de novas fotos, amigos e comunidades e a alteração do texto de abertura do perfil.

Percebo, portanto, que, assim como a vida dos jovens, o Orkut é um ambiente extremamente dinâmico e cheio de vida. Esse dinamismo se deve tanto às alterações que são feitas nos perfis como também ao fato de que as atualizações dos amigos são mostradas na página inicial de cada usuário. Os usuários são avisados, por exemplo, quando seus amigos acrescentam fotos a seus álbuns, quando inserem um novo vídeo e quando recebem um depoimento. Além disso, o Orkut avisa, também na tela inicial do perfil, quando os amigos estão fazendo aniversário e quais outros aniversários estão próximos. Tudo isso faz com que a página inicial do perfil esteja em constante transformação.

O Orkut pode, portanto, ser visto como um “espelho” *online*, que reflete diversas áreas da vida de seus usuários, todas elas servindo de pano de fundo para que se relacionem entre si. Assim como vi novos usos para *sites* em geral e *blogs*, percebo que um novo uso vem sendo feito também do Orkut; um uso que causa surpresa por subverter a expectativa de relacionamentos entre usuários que

<sup>22</sup> Dados fornecidos pelo próprio site em 29 de junho de 2010.

obviamente devem estar vivos. Refiro-me às mensagens que são enviadas aos perfis de usuários mortos, perfis estes que por uma ou outra razão permanecem ativos. Vejamos como isso acontece.

#### 4.3.

#### **Perfis que “sobrevivem” apesar da morte de seus titulares**

Qualquer usuário do Orkut pode, a qualquer momento, retirar seu perfil do *site*. O procedimento para isto é bastante simples e, em alguns minutos, o titular do perfil, usando seu nome de usuário e senha, pode apagá-lo. Este recurso revela que, ao criar o Orkut, seus desenvolvedores evidentemente pensaram na possibilidade de uma pessoa não querer mais fazer parte do *site*. Mas o que acontece quando um usuário do Orkut vem a falecer sem que ninguém, além dele, saiba sua senha e, conseqüentemente, possa retirar seu perfil? Para estes casos, o Orkut não oferece saída.

Por esta razão, quando uma pessoa inscrita no Orkut morre, seu perfil geralmente “sobrevive”, ou seja, mantém-se ativo, independentemente do tempo passado após o falecimento. Sendo assim, continua sendo possível deixar mensagens, visualizar as fotos, os dados pessoais etc. Por isso, em um primeiro momento, perfis de pessoas que já estão mortas em geral se assemelham bastante ao de outras que permanecem vivas. Nas palavras de Albuquerque (2007):

*“Em inúmeros aspectos, os mortos orkutianos se parecem muito com os vivos. Suas fotografias frequentemente apresentam pessoas cheias de vida, flagradas em festas, viagens e na companhia de amigos”* (Albuquerque, 2007, p. 7).

Os perfis de pessoas mortas se tornam diferentes daqueles cujos titulares estão vivos quando algum conhecido possui a senha de acesso e os “administra”, geralmente escrevendo um recado, na página principal, mencionando o falecimento. Foi o que aconteceu no perfil de “Marco Antonio<sup>23</sup>”. Sua esposa à época do falecimento alterou seu apelido no Orkut, acrescentando, a seu nome, a data do falecimento, a palavra “falecido” e desenhos cruces. Além disso, inseriu os dizeres “eternamente off-line” e escreveu uma mensagem de abertura no perfil:

---

<sup>23</sup> Nos casos em que o perfil é público, podendo ser acessado sem restrições por qualquer pessoa, manteremos o nome original de seu titular.

orkut<sup>BETA</sup> início perfil recados comunidades usar esse tema

Marco Antonio †† 10/08/2007 †† Falecido ignorar | denunciar

Eternamente off-line  
local: Rio de Janeiro, Brasil

todas as atualizações recados (3243) fotos (6) vídeos (7) aplicativos (0) ▼

**About Marco Antonio**  
Nascido em 03/10/1964.  
Falecido em 10/08/2007.  
(Da forma mais bela de Deus levar, Ele se foi dormindo, dormindo os sono do justo, era um servo de Deus, pois dias antes do acontecido ele aceitou Jesus Cristo como seu salvador!!)  
Saudades Eternas...  
Os planos que foram embora O sonho q se perdeu O q era festa e agora É luto do q já morreu Ñ podes pensar q este é o teu fim Ñ é o q DEUS planejou Levante-se do chão! Erga um clamor! Restitui! Eu qr de volta o q é meu Sara-me! E põe teu azeite em minha dor Restitui! E leva-me às águas tranqüilas Lava-me! E refrigera minh´alma Restitui... E o tempo q roubado foi Ñ poderá se comparar A tudo aquilo q o senhor Tem preparado ao q clamar Creia porque o poder de um clamor pode ressuscitar...

Figura 07 – Exemplo de perfil de usuário falecido no Orkut.

Há também casos em que ninguém gerencia o perfil. Ele é simplesmente deixado ativo, com a mesma aparência de quando a pessoa estava viva. Isso, aparentemente, foi o que aconteceu com o perfil de Marconis Gomes, cuja morte foi relatada por sua irmã em uma comunidade do Orkut:

orkut<sup>BETA</sup> início perfil scraps comunidades usar esse tema

marconis gomes adicionar como amigo ignorar | denunciar

local: joaquim nabuco, Brasil

todas as atualizações scraps (796) fotos (3) vídeos (0) aplicativos (0) ▼

**Sobre marconis**  
UMA PESSOA EXTREMAMENTE SINCERA QUE ODEIA MENTIRAS.

Figura 08 – Exemplo de perfil de usuário falecido no Orkut.

Seja o perfil de uma pessoa falecida administrado por alguém ou não, venho observando que um mesmo fenômeno costuma acontecer. Ao terem a notícia do falecimento de um usuário do Orkut, muitos outros usuários têm um tipo de reação inesperado, porém cada vez mais frequente: escrevem mensagens como se o falecido pudesse lê-las. Assim sendo, após a morte, os perfis de pessoas mortas passam a receber uma grande quantidade de recados. Examinemos, então, como são esses recados e quem os escreve.

#### 4.3.1. “Teclando” com os mortos via Orkut

Nos dias seguintes ao falecimento de um usuário do Orkut, seu perfil costuma receber uma grande quantidade de *scraps*. Para se ter a dimensão exata do que acontece, há perfis que chegam a receber mais de 400 mensagens apenas na semana em que o falecimento ocorreu. Quase todos os recados possuem uma característica em comum: a escrita na segunda pessoa do singular. Assim, a maioria dos *scraps* não se parece com tradicionais homenagens ao morto, como as mensagens escritas em coroas de flores. Os recados também não se assemelham aos deixados em comunidades que são criadas para se homenagear pessoas mortas<sup>24</sup>. No caso dos *scraps* dirigidos aos perfis de usuários que já faleceram, o *destinatário é o próprio morto*, com quem se “fala” *diretamente*. Nos recados, é usada a linguagem cotidiana, informal, característica do Orkut, sendo o falecido tratado por apelidos e nomes carinhosos. Os termos utilizados nessas mensagens fazem com que elas sejam semelhantes àquelas que vemos em perfis de pessoas que estão vivas. A lógica da conversação, utilizada na comunicação via Orkut, continua sendo usada mesmo quando o interlocutor está morto (Albuquerque, 2007; Silvestre e Aguilera, 2008). Um exemplo de mensagem desse tipo é a escrita por uma jovem que havia perdido recentemente seu amigo, que faleceu aos 15 anos de idade em um acidente automobilístico:

“poxa rafa..  
nem da pra escrever o que estou sentindo nesse momento...”

<sup>24</sup> Nessas comunidades, geralmente as pessoas deixam mensagens falando sobre a perda que tiveram e outros usuários respondem com palavras de consolo.

foi como se alguém arrancasse um pedaço de mim e jogasse fora... (...)”.

Praticamente todos os *scraps* deixados em perfis de falecidos são escritos desta maneira, sendo a terceira pessoa do singular raramente utilizada. Quando o usuário morreu um pouco mais velho (não era adolescente ou adulto jovem), os recados em terceira pessoa são um pouco mais comuns, ainda que continuem sendo exceção.

Outra subversão de expectativas se refere ao fato de que os *scraps* enviados a perfis de pessoas mortas nas primeiras semanas após o falecimento não são deixados somente por familiares, amigos e conhecidos, abalados pela perda. São também enviados por pessoas que não eram tão próximas e até mesmo por outras que sequer conheciam o falecido, mas se consternaram com a notícia da morte. Em suas mensagens, estas últimas dizem ter se comovido ao saber da morte pela imprensa (quando a morte foi noticiada), através de amigos que eram conhecidos do morto ou mesmo por acaso, ao se depararem com o perfil e perceberem que seu titular estava morto. “Victoria”, por exemplo, escreveu no perfil de uma jovem falecida que não conhecia, mas que era próxima de sua amiga:

“Eu nao te conhecia  
mais xorei [chorei] qndo [quando] fikei [fiquei] sabendo  
uma amiga xoro[chorou], a carol cava, e vendo ela dakele [daquele] jeito  
comecei a xorar[chorar], me puiz [pus] no lugar dela (...)”

Em outros casos, a morte ter se dado de maneira trágica é o que motiva muitos desconhecidos a deixarem mensagens. Isso foi o que aconteceu no perfil de um rapaz de 15 anos que faleceu em um acidente em que morreram também sua mãe e seus quatro irmãos. O acidente fatal foi noticiado em jornais, o que fez com que muitas pessoas que não conheciam o jovem ou sua família enviassem mensagens para seu perfil. “Algurion”, por exemplo, deixou a seguinte mensagem no perfil desse rapaz:

“NOSSA KE [que] TRAGEDIA .....FIKA [fica] NA PAZ VEIO NAUM [não]  
CONHEÇO VCS ...MAIS POXA ...”



Nas primeiras semanas após o falecimento, há também diversos familiares e amigos que escrevem recados. Nestes recados, frequentemente estas pessoas dizem não acreditar no ocorrido, muitas vezes procurando confirmar se a pessoa realmente morreu. Um rapaz que perdeu sua prima, que faleceu aos 19 anos vítima de acidente de carro, escreveu:

“PRIMAAA fala q[ue] eh[é] mentira pra mim  
me liga  
me manda um scrap falanduh [falando] q eh mentira”

Conforme o tempo passa, a quantidade diária de mensagens costuma diminuir sensivelmente. Semanas após a morte, desconhecidos do morto ou pessoas que tinham com ele uma relação mais distante praticamente deixam de escrever. Amigos e familiares que aparentemente eram mais próximos do falecido, por outro lado, continuam deixando *scraps*, ainda que meses ou anos, em alguns casos, tenham se passado. Em suas mensagens (sempre ainda em segunda pessoa), estas pessoas frequentemente expressam sua tristeza diante da ausência do morto e citam lembranças de quando o falecido estava vivo. Uma jovem, por exemplo, fala de suas lembranças ao lado da amiga que havia morrido um mês antes, com 18 anos, vítima de assassinato:

“1 mês sem vc  
=(  
(...)Eu lembro sempre do seu sorrisinho, sua risadinha meiga...  
seus conselhos maluucos ^^  
Seu abraço, tão gostoso  
Sua buxexinha rosadiinha..  
Seu bjinhoo, só um bikiinho  
^^  
E quando a gente saía pra fazer trabalho nas tardes...  
A gente se juntava na ksa da Steffanie pra "fazer trabalho" e alugávamos filme e fazíamos brigadeiro e sohh risaada a taarde inteeira, quase todo diiiiã ð/”

Além das lembranças de momentos passados com o falecido, muitos contam fatos e acontecimentos da vida cotidiana. Amigos e familiares escrevem recados desse modo, como se buscassem manter o morto a par do que lhes acontece. Falam, entre outras coisas, de viagens que fizeram, de lugares onde foram e descrevem homenagens que foram feitas aos falecidos. É o que costuma fazer uma avó que perdeu sua neta de 15 anos, vítima de acidente de carro em que morreram

também duas outras meninas. Em suas mensagens, ela geralmente conta fatos, fala de suas lembranças e da saudade que sente da neta:

“Oi Lindinha  
 Cheguei da missa à pouco. Consegui coordenar melhor meus pensamentos.  
 Agradei muito, pelos momentos maravilhosos e inesquecíveis que passamos  
 juntinho  
 a você ! Momentos ,únicos e especialíssimos (Primeira netinha!)  
 Nossas memórias, como as ondas do mar, continuarão indo e vindo... E é assim  
 que  
 iremos aguardar o "Nosso Encontro Definitivo!"  
 Obrigado Senhor , por teres acolhido no vosso reino , nossas lindinhas !  
 Descansem em Paz!  
 Beijinhos Carinhosos e Saudosos,  
 Vozinho e vozinha”

Observo que em datas especiais, como aniversário de nascimento ou morte, bem como Natal e ano novo, uma quantidade maior de mensagens é deixada, independentemente do tempo transcorrido desde a morte. O aniversário de nascimento, em especial, é a ocasião em que mais recados são escritos. Surpreendentemente, vi que diversas pessoas felicitam seus amigos *mortos* na data em que estes completariam mais um ano de *vida*. Muitos parabenizam o morto, fazem votos de felicidades e até mesmo de saúde, além de fazerem comentários como “hoje tem festa no céu”. Um bom exemplo é a mensagem de aniversário escrita por uma jovem que perdeu seu irmão, que tinha 21 anos quando sofreu um acidente de carro:

“Daniiii  
 Parabensssss td de bommmm q os anjinhos façam uma festa enormee pra  
 vcccc, tdd tddd de bommm pra tiiii meu anjoooo (...).”

Como foi dito antes, o Orkut possui um mecanismo de “avisar” o aniversário de um usuário a toda sua rede de amigos. Assim, provavelmente muitos daqueles que parabenizam o falecido foram avisados pelo próprio Orkut. Ainda que alguns possam não ter se lembrado da data espontaneamente, é interessante observar que é um momento em que uma grande quantidade de pessoas faz questão de escrever algo para o falecido. Independentemente de escreverem ou não em outras épocas do ano, o aniversário é uma ocasião em que grande parte das pessoas que estão na lista de amigos do falecido deixa recados.

As mensagens deixadas em perfis de pessoas mortas, sejam elas escritas em ocasiões especiais ou no cotidiano, apontam para o fato de haver, hoje, um modo novo de agir quando da morte de uma pessoa. Decidi, então, investigar este novo comportamento em profundidade através de uma pesquisa qualitativa, que será descrita no próximo capítulo.

## 5 Pesquisa de campo

A morte é a coisa mais antiga do mundo  
E sempre chega pontualmente na hora incerta...

Mario Quintana

Ao perceber que o Orkut vinha sendo utilizado por muitas pessoas para deixar mensagens em perfis de pessoas mortas, procurei fazer um levantamento sobre os estudos que eventualmente pudessem ter sido publicados sobre o tema. A maioria dos trabalhos que encontrei, no entanto, não tratava exatamente desse tipo de recado, mas versava sobre manifestações relativas à morte em comunidades do Orkut. Albuquerque (2007) e Negrini (2009), por exemplo, investigaram as mensagens enviadas na comunidade “PGM – Profiles de gente morta”. Nesta comunidade, que tem mais de 75 mil usuários associados, seus membros escrevem mensagens com informações de falecimentos dos quais tiveram notícia. Nessas mensagens, fornecem dados sobre o morto (incluindo sempre o link para seu perfil), relatam como e quando a morte aconteceu e copiam informações de notícias publicadas na mídia sobre a morte (quando há). Através de observações das mensagens escritas nesta comunidade, Negrini (2009) percebeu ser este um ambiente em que as discussões sobre a morte são permitidas e legitimadas. Escrever neste espaço, seria, portanto, uma possibilidade de manifestar ideias sobre a morte, que geralmente são interditas nas sociedades ocidentais contemporâneas. Já para Albuquerque (2007), os membros da referida comunidade promovem um tipo de “interpretação sensacionalista da morte” (Albuquerque, 2007, p. 13), já que as mensagens que eles escrevem enfatizam as circunstâncias dramáticas e chocantes da morte.

Enquanto Albuquerque (2007) e Negrini (2009) focaram seus estudos na troca de mensagens entre membros da comunidade “PGM” – Profiles de gente morta”, Peruzzo et al (2007) investigaram os recados escritos em comunidades cujo objetivo é homenagear pessoas que já faleceram. Estas comunidades

costumam ser criadas por alguém que era próximo do morto e têm como associados seus amigos, conhecidos e familiares. Geralmente as mensagens escritas nessas comunidades são deixadas imediatamente após a morte, tornando-se raras em pouco tempo. Ao estudarem diferentes comunidades deste tipo, os autores perceberam que havia mensagens em que as pessoas dirigiam recados aos próprios mortos em segunda pessoa do singular, de maneira análoga à que encontrei em perfis de pessoas mortas. Peruzzo et al levantam algumas possibilidades para este comportamento: a) necessidade de exibição; b) necessidade de ter seu sofrimento reconhecido pelo outro; c) tentativa de manter o vínculo com a pessoa morta. Os autores concluem seu estudo afirmando que a Internet possui um papel importante na elaboração do luto de jovens. Eles deixam claro, contudo, que o fato de não terem realizado entrevistas foi um fator limitante, e que novos trabalhos que envolvam entrevistas com participantes destas comunidades poderiam esclarecer melhor o tema.

A “conversa” com os mortos no Orkut também foi identificada por Silvestre e Aguillera (2006). Estes autores, no entanto, não estudaram comunidades, mas os próprios perfis de pessoas mortas. Eles perceberam que tais mensagens eram dirigidas diretamente ao falecido (em segunda pessoa do singular), contendo a mesma linguagem informal dos recados deixados para pessoas que estão vivas. A partir do que observaram nos perfis de mortos, Silvestre e Aguillera fizeram uma pesquisa, com pessoas em geral, a partir de entrevistas e questionários. A pesquisa tinha como objetivo fazer um levantamento sobre as crenças relativas à vida após a morte e sobre o modo contemporâneo de se perceber a morte. Os autores quiseram também investigar o modo como os pesquisados pensam que lidariam com o perfil, no Orkut, de um conhecido seu que viesse a falecer. Em seus questionários, algumas das perguntas levavam os participantes a imaginarem se apagariam ou não o perfil do falecido e o que sentiriam ao visitá-lo. Por terem um objetivo bastante amplo, os autores concluem seu estudo apontando a necessidade de uma investigação maior para se conhecer mais sobre o luto contemporâneo.

Todos os estudos que encontrei sobre as manifestações de morte no Orkut (em comunidades ou em perfis de pessoas mortas) não tiveram o objetivo de ouvir os autores destas manifestações. Albuquerque (2007), Negrini (2009) e Peruzzo et al (2007) fizeram estudos baseados apenas na observação. Já Silvestre e Aguillera

(2006), embora tenham feito entrevistas e questionários, ouviram pessoas em geral, e não aquelas que deixam mensagens em perfis de pessoas mortas. O fato de estes autores não terem dado voz aos atores deste novo comportamento os obrigou a fazer inferências a partir apenas de suas observações. Por esta razão, eles próprios reconheceram as limitações de suas pesquisas e apontaram a necessidade de novos estudos mais aprofundados sobre o assunto. Este aprofundamento é justamente o que me propus a fazer a partir da pesquisa de campo. Como se trata de um comportamento decorrente da difusão da Internet e da popularização das redes sociais *online*, considero que buscar entendê-lo apenas a partir de referenciais anteriores a estes acontecimentos poderia levar a interpretações inadequadas do que venho observando. Decidi, por isso, buscar a compreensão do fenômeno a partir das ideias daqueles que usam o Orkut para enviar mensagens para perfis de pessoas mortas. Descreverei agora como esta pesquisa foi feita. Iniciarei expondo os objetivos deste estudo de campo e, em seguida, detalharei os procedimentos metodológicos que foram utilizados.

### **5.1. Objetivos**

Na revisão bibliográfica, vimos que, em diferentes períodos da História, transformações sociais geraram maneiras específicas de se pensar a morte e se elaborar o luto. Ao que tudo indica, a nova realidade proporcionada pela difusão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), especialmente a Internet, vem gerando novas maneiras de agir quando da perda de uma pessoa querida. A Rede, como plataforma de vida, tem diferentes ambientes – como memoriais, *blogs* e Orkut – nos quais vemos manifestações relativas a perdas e lutos. Entre essas manifestações, a que mais me chama a atenção, pelas características que descrevi no capítulo anterior, é a escrita de mensagens, na segunda pessoa do singular, em perfis de pessoas mortas no Orkut.

Esse fenômeno, que tenho visto com frequência cada vez maior ultimamente, gerou uma série de perguntas: como será o processo de elaboração do luto das pessoas que escrevem mensagens aos mortos no Orkut? Essa prática modifica o enlutamento de alguma maneira? Estará surgindo um costume diferente de tudo o que já houve antes, ou a Internet é apenas um novo meio de se

fazer algo que, antes, acontecia de outras maneiras? Tendo em vista que este estudo de campo não seria capaz de fornecer respostas a questões de tamanha amplitude, restringi meu objetivo a responder a seguinte pergunta: *por que pessoas em luto enviam mensagens para perfis de pessoas mortas no Orkut?*

Para responder a esta questão, fui a campo em busca daqueles que escrevem essas mensagens, pois seriam estas as pessoas que mais poderiam esclarecer sobre essa nova prática. Investigando as razões que elas têm para fazer isso, pensei que poderia entender melhor o processo de elaboração do luto contemporâneo e identificar semelhanças e diferenças com o que havia no passado.

## **5.2. Metodologia**

As diferentes etapas deste estudo de campo foram feitas com base no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), desenvolvido por Nicolaci-da-Costa (2007). Explicarei, de maneira resumida, os pressupostos deste método.

Todo discurso está pautado nas normas da sociedade da qual o “falante” faz parte. Em qualquer sociedade, há regras e conceitos morais e, por esta razão, há coisas que “podem” e outras que “não podem” ser ditas. Em nossa cultura, aprendemos, por exemplo, que não devemos ser preconceituosos e, por isso, frases que denotem preconceitos devem ser evitadas, ainda que, no íntimo, tenhamos nossos preconceitos. Sendo assim, em nosso discurso, tendemos a evitar dizer o que consideramos inaceitável, anti-ético, preconceituoso, etc. Sem que percebamos, fazemos, então, em nosso cotidiano, uma “censura” ao que dizemos. Esta censura, no entanto, oculta o que realmente pensamos sobre assuntos diversos. O MEDS, como método de investigação, pretende chegar justamente a estes conteúdos, que são exatamente os que mais interessam ao pesquisador, por revelarem como o sujeito pensa.

O MEDS pretende, por meio de entrevistas, tornar visíveis conteúdos que vão além do discurso racional. Para que isso aconteça, é importante que os entrevistados sintam-se à vontade para se expressarem livremente. Isso porque é mais fácil a pessoa não se censurar quando está mais à vontade do que em situações tensas ou artificiais. Por esta razão, as entrevistas do MEDS devem ser

análogas a conversas informais, que levam os participantes a serem mais espontâneos em suas respostas. Se entrevistas em pesquisa podem ter um clima tenso ou formal, levando o entrevistado a responder de determinada maneira por “educação”, no MEDS, pelo contrário, a informalidade faz com que os participantes tendam a revelar até mesmo ideias que consideram “politicamente incorretas”.

Ao longo da exposição da metodologia, fornecerei mais detalhes sobre o MEDS, na medida do necessário.

### **5.2.1. Participantes da pesquisa**

Os participantes da pesquisa foram usuários do Orkut que enviam mensagens para perfis de usuário falecidos. Estas pessoas foram selecionadas de acordo com determinados critérios que estabeleci, e que serão apresentados a seguir. Neste estudo, tive que selecionar não apenas os entrevistados, mas também os perfis dos falecidos nos quais as mensagens são deixadas. Vejamos, então, como escolhi os entrevistados e os perfis dos falecidos.

#### **5.2.1.1. Critérios de seleção dos entrevistados**

Participaram da pesquisa 15 pessoas que escrevem mensagens em perfis de falecidos no Orkut. Não determinei, *a priori*, o número de entrevistados que a pesquisa teria. Em vez disso, me baseei no chamado “ponto de saturação”, momento quando novos entrevistados fornecem informações análogas àquelas que já haviam sido fornecidas em entrevistas anteriores (Nicolaci-da-Costa, 2007).

Em uma pesquisa qualitativa, a seleção dos participantes pode seguir dos princípios básicos: a heterogeneidade ou a homogeneidade de características dos pesquisados. A heterogeneidade é escolhida quando o pesquisador deseja investigar o que pessoas muito diferentes pensam sobre um mesmo assunto. A homogeneidade, por sua vez, é um critério de seleção dos participantes quando o pesquisador busca entender o comportamento de um grupo com características específicas. As pesquisas que seguem as diretrizes do MEDS geralmente buscam a homogeneidade entre seus participantes. Isso porque este tipo de amostra



possibilita investigar conflitos e transformações decorrentes de situações novas que costumam ocorrer com maior incidência dentro de determinados grupos em uma época específica. A homogeneidade buscada pelo MEDS pode ser ampla ou fundamental. No primeiro tipo de homogeneidade, é estabelecida uma determinada combinação de características que os participantes devem ter em comum. Pode-se, por exemplo, desejar entrevistar mulheres com idades entre 18 e 25 anos, estudantes universitárias, residentes na zona sul do Rio de Janeiro. Na homogeneidade fundamental, em contrapartida, o pesquisador estabelece como critério de seleção a existência de uma ou poucas características em comum entre os pesquisados, como, por exemplo, um determinado hábito ou uma particularidade que todos devem ter.

Para este estudo, optei pela amostra com homogeneidade fundamental, que atendia aos objetivos de minha pesquisa. Isso porque meu interesse era investigar o novo comportamento de se deixar mensagens em perfis de pessoas mortas no Orkut. Por esta razão, o gênero, idade, local de moradia e outras características dos participantes eram irrelevantes, de modo que restringir demais o perfil poderia empobrecer o estudo. Estabeleci, então, que o que os entrevistados deveriam ter em comum era o fato de serem escritores habituais de mensagens em perfis de pessoas mortas no Orkut, e terem deixado ao menos uma mensagem deste tipo nos últimos quatro meses. Determinei este tempo por pensar que pessoas que deixaram de escrever recados nestes perfis há mais tempo poderiam falar sobre o assunto com certo distanciamento, já que este seria um hábito do passado. Quis, então, evitar o distanciamento, por pensar que ele poderia fazer com que as entrevistas com estas pessoas que deixaram de escrever há mais de quatro meses destoassem muito de outras feitas com aqueles que continuam escrevendo ou deixaram de escrever há menos tempo. Caso isso acontecesse, seria difícil fazer comparações entre entrevistas tão diferentes. Pensei, então, que seriam mais comparáveis os dados de entrevistas daqueles que deixaram de escrever há quatro meses ou menos e de outros que permanecem deixando recados.

### **5.2.1.2. Critérios de seleção dos perfis dos falecidos**

Para selecionar os perfis dos falecidos onde buscaria os entrevistados (procedimento que será descrito adiante), também optei por minimizar as

restrições tanto quanto possível. Por esta razão, o único critério que usei foi o titular do perfil ter falecido há mais de um ano. Optei por este tempo de falecimento porque, como mencionei no capítulo anterior, observei que, no momento imediatamente após a morte, uma grande quantidade de pessoas deixa uma mensagem, porém não volta a escrever. Minha ideia, portanto, foi investigar as pessoas que *continuaram* escrevendo, mesmo quando meses já haviam se passado após o falecimento. Um ano seria também tempo suficiente para que o impacto inicial tivesse passado e fosse possível entender como o entrevistado lidou com a perda em um momento subsequente. Além disso, ao longo de um ano o enlutado atravessa momentos diversos que incluem datas importantes sem a presença do falecido. Ter relatos de como os participantes experimentaram estes momentos seria algo que enriqueceria a pesquisa. Ao estabelecer esse período, pensei ainda que ele me daria elementos para fazer um paralelo entre o luto tradicional e o luto daqueles que escrevem mensagens no Orkut.

Com este único critério de seleção dos perfis de falecidos, optei por não restringir a escolha a perfis de acordo com o gênero, a idade ou o tipo de morte de seu titular.

### **5.2.2. Considerações sobre o anonimato dos participantes**

Preservar a identidade dos participantes de pesquisas científicas é um procedimento ético tradicionalmente adotado pelos pesquisadores. Geralmente esse cuidado é tomado modificando-se o nome do entrevistado e alterando-se ou omitindo-se trechos de seu discurso que poderiam facilitar sua identificação por qualquer pessoa que o conhecesse. Nesta pesquisa, não foi necessário adotar os dois últimos procedimentos, já que não encontrei, nas falas dos entrevistados, elementos que pudessem levar à sua identificação por terceiros.

Tive, no entanto, o cuidado de modificar todos os nomes daqueles que entrevistei. Embora no Orkut e no MSN muitas pessoas usem apelidos em lugar de seu nome real, o que poderia, de antemão, dificultar a identificação, considerei prudente modificá-los assim mesmo. Isso porque manter os apelidos permitiria que qualquer um, através de mecanismos de buscas do Orkut ou do MSN, pudesse eventualmente chegar aos entrevistados.

Além de alterar os nomes dos entrevistados, tive também a cautela de modificar os nomes ou apelidos dos falecidos nos perfis dos quais os participantes escrevem. Fiz esta mudança ainda que todos os perfis fossem públicos e, por esta razão, pudessem ser visualizados por qualquer usuário do Orkut. Mesmo assim, preferi ocultar os nomes reais. Procedi desta maneira, pois, caso mudasse apenas a identidade dos entrevistados, eles poderiam, ainda assim, ser identificados se fossem revelados os nomes dos falecidos. Se mudasse o nome de uma mãe que escreve mensagens para seu filho morto, por exemplo, mas não fizesse o mesmo com o nome do filho, qualquer um poderia vir a encontrar a mãe através do perfil do filho. Desse modo, para evitar a possibilidade de expor os entrevistados, preferi modificar tanto seus nomes como também os dos falecidos.

### **5.2.3. Como cheguei aos entrevistados**

O percurso até que eu chegasse aos entrevistados pode ser dividido em duas partes: a busca de perfis de falecidos e a procura de pessoas que escrevem nestes perfis.

Em primeiro lugar, procurei perfis que continuavam ativos após o falecimento de seus titulares. Encontrei esses perfis através de mensagens postadas nas comunidades “PGM - Profiles de Gente Morta”, “Mortos do Orkut” e “Já perdi alguém querido”. No fórum de discussões destas comunidades, localizei mensagens com referências a falecimentos acontecidos há pelo menos um ano. Acessei, então, o *link*, que havia nestas mensagens, para o perfil do falecido, e assim cheguei a seu mural de recados. Quando não havia restrições à visualização de recados apenas por “amigos” do perfil, eu observava os últimos *scraps* que haviam sido deixados. Ao ver mensagens que tinham sido deixadas nos últimos 4 meses, e, ao perceber que a mesma pessoa já havia escrito antes, entrava em seu perfil.

Ao entrar no perfil do usuário que deixou mensagens para o falecido, eu tentava adicioná-lo à lista de amigos de meu perfil pessoal, enviando uma mensagem como a seguinte:

“Olá, tudo bem? Encontrei você através do perfil do Fulano e gostaria muito de poder falar com você. Posso te add [adicionar]?”.

Optei por usar uma linguagem informal, com abreviaturas (“add” no lugar de “adicionar”, por exemplo) e outros códigos usados no Orkut, para que me aproximasse de meus possíveis entrevistados da maneira mais natural possível, o que poderia fazer com que eu tivesse mais sucesso.

Em vez de tentar adicionar possíveis participantes da pesquisa à lista de “amigos”, eu poderia ter enviado, antes, um *scrap* explicando minhas intenções. Julguei, no entanto, que isso não seria o mais adequado, pois o *scrap*, sendo público, poderia expor a pessoa. Preferi, então, tentar tê-la como “amiga”, já que, assim, eu poderia enviar um depoimento (que é privado) me apresentando e pedindo uma entrevista. Assim, quando tinha o aceite, o que quase sempre acontecia, eu escrevia um depoimento, como o seguinte, descrevendo melhor o que desejava:

“Olá, Fulano. Obrigada por me add [adicionar]. Deixa eu explicar: sou psicóloga e faço doutorado pela PUC-Rio. Estou estudando pessoas que perderam amigos ou familiares queridos, e que deixam mensagens pra eles no Orkut. Entrei no perfil do Beltrano [o falecido] e vi mensagens suas lá. Gostaria muito de poder conversar com você sobre isso, pode ser? Caso possa, peço que você, por favor, me passe seu MSN, ou que me adicione lá: [endereço usado no MSN] Obrigada!!”

Utilizei, portanto, os depoimentos como uma maneira de escrever uma mensagem privada, à qual outras pessoas não teriam acesso, e que o destinatário veria assim que entrasse em seu perfil. Desta maneira, não expunha meu possível entrevistado e me assegurava de que ele leria minha mensagem.

Quando a pessoa se dispunha a ser entrevistada, geralmente ela mesma me adicionava no MSN, ambiente no qual a entrevista viria a acontecer. Explicarei a seguir as razões por termos optado pela coleta de dados desta maneira.

#### **5.2.4. Coleta de dados**

Os dados foram coletados através de um total de 15 entrevistas, todas realizadas on-line. Para isso, foi usado o MSN Messenger, o programa de bate-papo em tempo real mais utilizado atualmente. A escolha deste meio para as entrevistas se deu principalmente devido a um fator: a familiaridade que os

entrevistados tinham com este ambiente. Por ser este o MSN um ambiente “natural” para os entrevistados, nele, eles estariam à vontade para discorrer livremente sobre o que eu tinha a lhes perguntar. Conforme apontaram Nicolaci-da-Costa, Romão-Dias & Di Luccio (2009), a difusão da Internet, nos últimos 20 anos, fez com que determinados ambientes on-line se tornassem tão “naturais” como outros off-line. Por esta razão, conversar no MSN é, hoje, para muitas pessoas, tão natural como conversar pelo telefone ou mesmo face a face. Meus entrevistados estão entre essas pessoas. Todos eles mostraram-se familiarizados com o MSN e com a linguagem utilizada na comunicação on-line, que é quase sempre bastante informal, com muitos neologismos, abreviações e *emoticons* (combinações de caracteres que denotam emoções).

Quando comparadas às entrevistas tradicionais feitas pelo MEDS, as entrevistas on-line revelam-se diferentes em alguns aspectos. Estes aspectos foram descritos minuciosamente por Nicolaci-da-Costa, Romão-Dias & Di Luccio (2009). Apresentarei aqui apenas aqueles que se relacionam com esta pesquisa.

#### **5.2.4.1.**

##### **A marcação das entrevistas**

O primeiro desses aspectos diz respeito à marcação das entrevistas. Entrevistas tradicionais geralmente são pré-agendadas, com alguma antecedência, em horários convenientes a entrevistador e entrevistado. Em minha pesquisa, a grande maioria das entrevistas não aconteceu em dia e horário pré-agendados com os participantes. Isso porque os entrevistados mostraram-se resistentes à pré-marcação, preferindo “combinar” apenas que nos falaríamos quando ambos estivéssemos on-line no MSN e tivéssemos disponibilidade. Percebi, então, que seria pouco natural e infrutífero insistir no agendamento. Fazer isso seria romper com a naturalidade do ambiente, já que geralmente os entrevistados não marcam hora para entrar no MSN. Assim, preferi me manter conectada ao MSN durante grande parte do dia, aguardando que algum entrevistado ficasse on-line. Quando isso acontecia, eu iniciava a conversa, perguntando sobre a disponibilidade para a entrevista naquele momento. Se o participante estivesse disponível, começava a entrevistá-lo.

#### **5.2.4.2. Interrupções**

Outra peculiaridade da entrevista on-line, em comparação às tradicionais, é a maior facilidade de o entrevistado interrompê-la e retomá-la em outro momento. Isto pode acontecer especialmente quando uma pessoa está no MSN e, ao mesmo tempo, está fazendo outras coisas. Assim sendo, estar on-line nem sempre significa estar disponível para conversar.

#### **5.2.4.3. Registro das entrevistas**

Em pesquisas que utilizam entrevistas tradicionais, estas últimas costumam ser gravadas para que, posteriormente, o material coletado seja transcrito. No caso das entrevistas on-line, evidentemente não há necessidade de transcrição, já que a conversa se dá por escrito. Assim sendo, o único procedimento que fiz foi configurar o MSN para que o próprio programa salvasse as conversas em um arquivo de texto.

As entrevistas foram realizadas com base em um roteiro previamente elaborado. Passarei, então, à descrição de como este roteiro foi construído.

#### **5.2.4.4. A construção do roteiro de entrevistas**

Para coletar os dados de que necessitava, utilizei como instrumento um roteiro de entrevistas semi-estruturado elaborado de acordo com MEDS. Seguindo este método, passei por algumas etapas até que chegasse à construção do roteiro definitivo. Em primeiro lugar, conversei, informalmente e sem perguntas pré-estabelecidas, com algumas pessoas que escreviam mensagens em perfis de pessoas mortas no Orkut. A partir das ideias que surgiram nessas conversas, pude elaborar um roteiro-piloto. Este roteiro foi testado em três entrevistas-piloto. Depois de cada uma dessas três entrevistas, acrescentei ou retirei perguntas e reformulei outras até que a entrevista fluísse com a naturalidade desejada. Com os ajustes após a terceira entrevista, cheguei, finalmente, ao roteiro definitivo.

O roteiro definitivo continha duas partes. A primeira, simples e objetiva, contemplava dados gerais dos entrevistados, como sua idade, cidade onde morava

e sua ocupação. Havia também as seguintes perguntas, que possibilitavam conhecer a relação que o entrevistado tinha com o falecido: idade com que a pessoa morreu; há quanto tempo o falecimento se deu; tipo de relação que havia com o morto.

A segunda parte do roteiro era composta de perguntas abertas sobre o costume de se dirigir mensagens, no Orkut, a uma pessoa morta. Mais uma vez, visando preservar a naturalidade da entrevista, em vez de perguntas, a segunda parte do roteiro contava com itens. Ao utilizar itens, e não perguntas, pude seguir o fluxo do raciocínio do entrevistado, fazendo perguntas contextualizadas que faziam com que a entrevista soasse como uma conversa informal. Assim como qualquer conversa informal não segue uma ordem pré-estabelecida, os itens do roteiro não foram abordados sempre na mesma ordem. Em cada entrevista, eles eram colocados respeitando o ritmo e o estilo do entrevistado. Quando, por exemplo, uma pessoa espontaneamente abordava, no início da entrevista, um item que seria perguntado apenas no final, eu seguia seu pensamento e modificava a ordem originalmente pensada.

Embora as entrevistas tenham sido diferentes no que se refere à sequência de perguntas, busquei contemplar, em todas elas, a totalidade dos itens do roteiro. A preocupação em não deixar nenhum deles de fora se justifica, pois, ao final, para que pudesse analisar e comparar as entrevistas, seria necessário que, em todas elas, eu tivesse explorado os mesmos assuntos.

Em muitos momentos das entrevistas, as respostas dos participantes eram aprofundadas através de perguntas como “por quê?” ou “você pode me explicar um pouco mais?”. Estas e outras perguntas análogas tinham o objetivo de fazer com que o entrevistado fornecesse maiores detalhes sobre o que estava falando ou esclarecesse algo que eu não tinha compreendido bem.

A segunda parte do roteiro foi dividida em quatro blocos. O primeiro deles, que chamei de “*O início x hoje*”, visava fornecer conhecimento sobre possíveis diferenças e semelhanças entre escrever mensagens aos mortos no período imediatamente depois do falecimento e à época da entrevista, pelo menos um ano após o acontecido. Neste bloco, havia itens sobre a época em que o entrevistado começou a deixar mensagens no perfil do falecido. Estes itens eram os seguintes: como soube da morte; como reagiu; como começou a escrever; quando entrou no perfil depois da morte; por que entrou no perfil; o que fez quando entrou; como

foi ver o perfil; se leu os recados que havia no perfil, o que sentiu ao lê-los; deixou mensagem; o que escreveu; como foi deixar uma mensagem nesse primeiro momento. Perguntei também sobre os hábitos que os participantes têm hoje em dia. Para abordar este assunto, havia os seguintes itens: como é entrar no perfil hoje; razões para entrar; frequência com que entra; o que faz quando entra; razões para escrever; quando escreve; frequência de escrita; escrita em datas especiais; mudança de frequência com o tempo; épocas em que a entrada/escrita são mais frequentes; sentimentos ao escrever hoje; o que pensa sobre outros lerem o que escreve; o que pensa sobre as mensagens dos outros.

O segundo bloco da segunda parte, que intitulei “*O aniversário*”, versava exclusivamente sobre a maneira como o entrevistado lidou com a data em que o falecido completaria mais um ano de vida. Esse item foi incluído já que, nas conversas informais e nas entrevistas-piloto, esse assunto costumava ser abordado espontaneamente, sendo considerado importante pelos interlocutores. Para entender melhor o que os entrevistados pensavam sobre o aniversário do falecido, abordei os seguintes assuntos: como lidou com o aviso do aniversário pelo Orkut; o que pensa das mensagens deixadas nos aniversários; se escreveu mensagens, as razões para isso; sentimentos ao escrever no aniversário; diferenças com o passar dos anos (quando mais de um aniversário já se passou).

O terceiro bloco, por intitulado de “*Sobre o Orkut*”, tinha o objetivo de investigar as ideias dos entrevistados sobre seu próprio hábito de escrever para pessoas mortas, estimulando-os a pensar no futuro e a imaginar como teriam experimentado a perda de um ente querido caso não existisse a possibilidade de deixar mensagens no Orkut. Este bloco contava com os seguintes itens: o que pensa sobre escrever mensagens em perfis de pessoas mortas; acha que algum dia vai deixar de entrar/escrever no perfil do falecido; ideias sobre deletar o morto do Orkut; outros lugares (MSN, celular, por exemplo) onde o morto ainda está; como seria se não existisse o Orkut; vivências de outras perdas sem o Orkut; como seria o aniversário do morto sem o Orkut.

No quarto e último bloco do roteiro, que chamei de “*Rituais antigos, crenças e superação da perda*”, havia itens que tinham como objetivo contrapor os rituais antigos (como funerais e missas, por exemplo) ao hábito de se escrever no Orkut, buscando semelhanças e diferenças entre ambos. Estes itens eram os seguintes: presença em rituais como enterro, missas e outros; além de escrever no



Orkut, faz algo fora da Internet (como visitar cemitérios, por exemplo); diferenças entre rituais antigos e escrever no Orkut; conversas sobre o morto.

Utilizando o roteiro descrito, dei início a 19 entrevistas. Destas, consegui completar 6 sem interrupções. Outras 6 foram concluídas em outros momentos. Na grande maioria destes últimos casos, os participantes pediram para que interrompêssemos a entrevista, pois tinham outros afazeres. Houve também dois participantes – uma mãe de um rapaz falecido e um amigo de uma moça falecida - que pediram que interrompêssemos por estarem bastante mobilizado com o tema da conversa. Além destas 12 entrevistas completas, houve 07 outras que não foram concluídas. Isso aconteceu porque os entrevistados ou não voltaram a ficar on-line no MSN ou continuaram conversando em outros momentos, porém novas interrupções não permitiram a conclusão. Destes casos, 03 entrevistas estavam bastante adiantadas, tendo a maior parte do roteiro sido contemplada. Por esta razão, estas 03 entrevistas foram aproveitadas. Assim sendo, das entrevistas submetidas à análise na próxima seção, 12 foram terminadas e 03 foram interrompidas próximas do fim.

Parei as entrevistas quando percebi que havia chegado ao “ponto de saturação”, ao qual me referi anteriormente. O “ponto de saturação” foi, portanto, meu parâmetro para perceber que já possuía informações suficientes para iniciar a análise dos dados. A maneira como fiz essa análise será descrita a seguir.

#### **5.2.5. Análise dos dados**

De posse dos arquivos de texto que continham as entrevistas realizadas, pude passar, finalmente, à análise dos dados. Assim como aconteceu nas etapas anteriores da pesquisa, a análise das entrevistas também foi feita com base no MEDS.

De acordo com este método, a análise é feita em duas etapas. Na primeira delas, chamada de “inter-participantes”, são analisadas as respostas do grupo como um todo. Nesta etapa, as respostas a cada pergunta são sistematicamente comparadas umas com as outras, em busca pontos em comum entre elas. A partir da identificação das recorrências, emergem categorias nas quais estas respostas são agrupadas. Estas categorias, por sua vez, permitem que o pesquisador tenha

uma visão panorâmica do conjunto de depoimentos e identifique, assim, as principais ideias apresentadas pelos participantes.

A partir das categorias que emergiram da análise “inter-participantes”, pode-se passar à segunda etapa, que é a análise “intra-participante”. Nela, analisa-se individualmente o discurso de cada entrevistado em busca de inconsistências, incoerências e possíveis sentimentos contraditórios. Quando essas inconsistências e/ou contradições são encontradas no discurso de um participante, elas geram uma nova categoria de análise. Volta-se, então, à análise “inter-participantes”, para verificar se esta é uma categoria comum aos demais entrevistados, ou se trata-se de uma peculiaridade apenas de um participante. Essa alternância entre os dois tipos de análise é feita tantas vezes quanto forem necessárias, até que se compreenda bem quais são as categorias predominantes no grupo como um todo e quais são aquelas presentes no discurso de somente um participante ou de uma minoria deles. Ao final da análise, restam apenas as categorias que melhor representam os resultados obtidos. Passemos, então, aos resultados da análise. Antes, contudo, apresentarei os entrevistados.

## 6 O uso do Orkut por pessoas enlutadas

Saudade é solidão acompanhada, é quando o amor ainda não foi embora, mas o amado já...  
Pablo Neruda

Como mencionei no capítulo anterior, para os efeitos da presente pesquisa, precisei primeiramente selecionar perfis de pessoas falecidas no Orkut. Somente depois disso, pude passar à seleção das pessoas que seriam entrevistadas. Por esta razão, antes de expor os principais resultados obtidos a partir da análise das entrevistas, apresentarei brevemente os entrevistados e os falecidos nos perfis dos quais eles deixam ou deixavam mensagens.

### 6.1. Apresentando falecidos e entrevistados

Selecionei 13 perfis nos quais identifiquei mensagens escritas mais de um ano após a morte de seu titular. Nove destes perfis pertenciam a rapazes e quatro deles eram de moças. Todos eles eram adolescentes ou adultos jovens quando morreram: nove pessoas morreram com idades entre 12 e 20 anos, e quatro com idades entre 21 e 28 anos. A causa da morte da grande maioria – 10 dos falecidos – foram acidentes de trânsito. De todos os falecimentos, seis ocorreram há um período que varia entre 1 e 2 anos, enquanto sete outras mortes se deram de 2 a 4 anos atrás.

Entre os entrevistados, havia oito que eram do sexo feminino e sete do sexo masculino. A equivalência entre gêneros foi casual, já que, como disse antes, não selecionei participantes de acordo com esta característica. Da mesma maneira, casualmente o tipo de relação que havia com o morto também se equiparou: sete dos entrevistados eram amigos dos falecidos, enquanto oito eram seus parentes. Entre os parentes, havia quatro mães, um pai, uma avó e dois primos. As idades

dos participantes variaram entre 15 e 70 anos, sendo que oito deles tinham entre 15 e 25 anos, enquanto sete outros tinham mais de 40 anos.

Apresentarei a seguir mais detalhes sobre os falecidos e sobre os entrevistados, apontando o tipo de relação que eles tinham.

### **6.1.1.**

#### **Mais detalhes sobre os falecidos e os entrevistados**

Reiterando o que foi dito no capítulo anterior, foram modificados tanto os nomes (ou apelidos) dos falecidos como os dos entrevistados, para não expor a identidade deles. Apresentarei os falecidos e os entrevistados mencionando sempre um falecido e, em seguida, a(s) pessoa(s) que deixa(m) mensagens em seu perfil, intercalando, portanto, falecidos e entrevistados.

Rafael tinha 21 anos quando faleceu vítima de acidente de carro, há 4 anos e 10 meses, em Santa Catarina. Sua mãe, Leila, de 49 anos, tem dois outros filhos, porém diz que Rafael era o mais próximo dela. Entrevistamos Leila, que escreve no perfil de Rafael com regularidade até os dias de hoje.

Julia e Kate eram amigas e tinham 15 anos quando faleceram no mesmo acidente de carro, há 4 anos e meio, na Grande São Paulo. Neste acidente faleceu ainda uma outra amiga das duas. Olga, de 70 anos, era avó de Julia. Ela morava em outra cidade, mas era muito próxima da neta, já tendo inclusive morado com ela no passado. Luiz, de 19 anos, conhecia as três meninas que faleceram e era muito amigo da Kate, com quem chegou a “ficar” por um mês. Olga e Luiz escrevem nos perfis de Julia e Kate, respectivamente, e ambos foram entrevistados.

Os irmãos Graça – Pedro, Tiago e Rodrigo – tinham 15, 14 e 12 anos quando faleceram, há 3 anos e 5 meses, em um trágico acidente de carro em uma estrada do estado de São Paulo. Este acidente matou também a mãe dos três rapazes e dois outros irmãos deles por parte de mãe. Marcelo, que tem 44 anos, é o pai de Pedro, Tiago e Rodrigo. Ele era separado da mãe de seus filhos havia anos, não morando com eles. Carmem, de 51 anos é mãe de um amigo de Pedro, e considerava os irmãos Graça como filhos, já que eles passavam férias em sua casa. Milton, que tem 18 anos, e Paulo, que tem 17, eram amigos de Pedro. Os

dois o conheceram na escola e tinham com ele uma relação muito próxima. Marcelo escreve nos perfis dos três filhos, assim como Carmem. Já Milton e Paulo escrevem apenas no perfil de Pedro. Entrevistei Marcelo, Carmem, Milton e Paulo.

Bia tinha 19 anos quando faleceu, em Curitiba, há 3 anos, em um acidente de trânsito no qual morreu também o rapaz que estava com ela. Seu primo Marcos, que tem 17 anos, mora em outra cidade do estado do Paraná. Os dois sempre viveram em cidades diferentes, mas se sentiam próximos por se comunicarem muito via Internet. Marcos escreve no perfil de Bia, e por isso o entrevistei.

Bruninho faleceu quando tinha 20 anos, há 2 anos. Ele vivia no Rio de Janeiro, onde sofreu um acidente de carro em que morreu também um amigo. Márcio, de 23 anos, era amigo de ambos os rapazes, porém mais próximo de Bruninho. Entrevistei Márcio, que escreve no perfil de Bruninho.

Bruna tinha 16 anos ao falecer, há 1 ano e 8 meses, em Curitiba, vítima do câncer contra o qual lutava havia anos. Sua mãe, Juliana, de 40 anos, descreve a relação que tinha com a filha dizendo que elas eram “mais do que amigas”, pois não havia segredos entre elas. Carlinhos, de 19 anos, era muito amigo de Bruna, embora nunca a tenha conhecido pessoalmente. Carlinhos chegou até a moça através do Orkut de uma amiga que também tinha câncer e fazia tratamento com Bruna. Mobilizado com o sofrimento de Bruna, ele entrou em contato com ela, e os dois se tornaram amigos. Carlinhos e Bruna conversavam bastante via Internet, e amizade que os dois tinham é muito valorizada pela mãe da menina. Entrevistei tanto Juliana como Carlinhos, que escrevem no perfil de Bruna.

César tinha 19 anos e vivia em uma cidade em Santa Catarina, quando sofreu um acidente ao tentar consertar uma caixa d’água em casa, há 1 ano e três meses. Beeh, que tem 16 anos, era sua amiga mas, segundo ela, gostava dele “de outro jeito”, pois eles planejavam “ficar”. Beeh, que escreve no perfil de César, foi uma das entrevistadas.

Miguel era dependente químico desde os 15 anos. Aos 18, teve um surto psicótico e ficou internado em um hospital psiquiátrico. Desde então, apresentou sintomas de esquizofrenia e fugiu de casa diversas vezes. Em uma destas ocasiões, sua família recebeu a notícia que ele havia sido baleado na cabeça, estando internado em um hospital, onde veio a falecer, aos 25 anos, há 1 ano e três meses.

Sua mãe, Lucia, tem 47 anos e refere-se à relação que tinha com o filho como “instável”, por causa dos transtornos que Miguel tinha. Entrevistei Lucia, que escreve no perfil de Miguel.

Artur tinha 22 anos e vivia no Paraná, em uma cidade distante de onde seus parentes viviam. Há 1 ano e 2 meses, quando ia visitá-los, sofreu um acidente e faleceu. Sua mãe, Marta, tem 46 anos. Apesar da distância geográfica, ela diz que era muito próxima do filho, com quem conversava muito pela Internet. Marta, que entrevistei, escreve no perfil de Artur.

Felipe tinha 28 anos quando faleceu vítima de acidente de moto em uma estrada no Paraná, há 1 ano e 1 mês. Sua prima Michele tem 17 anos e o considerava um irmão, pois conviveu muitos anos com ele. Entrevistei Michele, que escreve no perfil de Felipe.

Apresentados os falecidos e os entrevistados, passemos agora aos principais resultados que encontrei.

## **6.2. Os resultados da análise**

Como disse no capítulo anterior, busquei meus entrevistados em perfis de pessoas que haviam falecido há pelo menos 1 ano. Ao fazer a análise dos dados que coletei, percebi que, ao longo do tempo decorrido entre a morte e a data da entrevista, a frequência com que os entrevistados visitam esses perfis e escrevem recados havia se modificado de maneira considerável. Nos primeiros meses após o falecimento, os entrevistados visitavam o perfil do(a) falecido(a) e escreviam recados rotineiramente. Carlinhos, por exemplo, diz que entrava todos os dias no perfil de Bruna e escrevia até 6 *scraps* por dia para ela. Carmem acessava o perfil de cada um dos irmãos Graça todos os dias. Conforme o tempo passava, Carlinhos, Carmem e quase todos os demais entrevistados dizem que passaram a fazer menos visitas ao perfil e a escrever menos mensagens.

Percebi ainda que as mudanças de frequência que ocorrem ao longo do tempo são acompanhadas por outras relativas à maneira como os entrevistados se sentem e percebem o perfil do(a) falecido(a). Por esta razão, decidi dividir a análise em três partes. A primeira versará especificamente sobre o que chamei de “Primeiros tempos após a morte”. Nela, mostrarei o que os entrevistados

pensavam sobre visitar e escrever no perfil do morto no período imediatamente posterior ao falecimento. Optei por definir esses “primeiros tempos” de maneira imprecisa, sem estipular uma duração específica para esse período, porque percebi que as ideias e os sentimentos se transformam, porém o tempo que isso leva para acontecer varia bastante. Algumas pessoas, por exemplo, dizem que modificaram a frequência com que entravam e escreviam no perfil dos falecidos nos primeiros meses após a morte. Outras, por sua vez, passaram a escrever menos após o primeiro aniversário de morte. Percebi que, em geral, a mudança leva mais tempo para acontecer entre as pessoas que tinham mais proximidade com o(a) falecido(a), como, por exemplo, as mães, a avó e o pai que foram entrevistados. Alguns destes dizem entrar no perfil do(a) falecido(a) com a mesma frequência até hoje, mesmo que mais de 2 anos já tenham se passado após o falecimento.

Na segunda parte deste capítulo, que chamei de “O passar do tempo traz mudanças”, compararei a maneira como os entrevistados percebiam os perfis dos falecidos e as mensagens que eles próprios escreviam em um primeiro momento com o que pensam hoje em dia. Finalmente, na terceira parte, que chamei de “Como os participantes vêem seu uso do Orkut ao longo do luto”, revelarei algumas das inconsistências que surgiram no discurso dos entrevistados sobre seu uso do Orkut ao longo do processo de luto.

Ao longo de toda a exposição, preservarei os discursos dos participantes tais como eles foram escritos por eles próprios nas entrevistas. Mantereí, portanto, suas eventuais abreviações, bem como erros de ortografia e concordância. Caso haja elementos ininteligíveis nas falas dos entrevistados, farei os esclarecimentos necessários à compreensão do leitor.

## **6.2.1. Primeiros tempos após a morte**

### **6.2.1.1. O perfil do falecido**

Como já mencionei anteriormente, esta pesquisa teve como objetivo principal responder à pergunta: “por que pessoas em luto enviam mensagens a perfis de pessoas mortas, no Orkut?”. Para compreender as razões que levavam

enlutados a escreverem mensagens a parentes ou amigos falecidos, percebi ser essencial entender, antes, o que representavam os perfis dos falecidos para estas pessoas. Por este motivo, iniciarei expondo como os entrevistados encaravam estes perfis nos primeiros tempos após o falecimento.

#### **6.2.1.1.1.**

##### **O perfil era uma forma de ver a pessoa viva, saudável e feliz**

Comecei a entender como os entrevistados percebiam os perfis dos mortos quando perguntei o porquê de eles os terem acessado após o falecimento. Ao explicar suas razões, a maioria dos participantes, que fez isso ainda na semana da morte, evidenciou que visitar os perfis dos falecidos era uma forma de ter a sensação de que seus titulares estavam *vivos*. Isso foi o que Juliana sentiu ao ver o perfil da filha Bruna pela primeira vez:

“[O perfil] era uma forma de manter ela viva acho... de alguma maneira”.

Para Leila, mãe de Rafael, ver o perfil do filho pela primeira vez foi uma tentativa de sentir que a morte não tinha acontecido realmente:

“[Entrei no perfil] pra ver ele mais um pouco (...) queria ver que td [tudo] era mentira e ele ainda estaria vivo / vendo aquele sorriso dele”.

Uma das razões para os entrevistados terem tido a sensação de que seus entes queridos estavam vivos parece estar associada ao fato de que, nos perfis, há muitas fotos em que estes aparecem bem, sorridentes, em momentos felizes. Era essa a impressão que Olga, avó de Julia, tinha ao ver as fotos da neta:

“[Ver o perfil] era senti-la ‘FORTE’ ‘ESPECIAL’ ‘DIFERENTE’ [Por que a sentia assim?] Porque ela nao aparece triste em nenhuma foto”.

Para Lucia, ver o perfil do filho assim que ele faleceu parece ter sido ainda mais impactante, pois trazia não apenas a impressão de que ele estava vivo, mas de que estava bem de saúde. Miguel era dependente químico e esquizofrênico. A imagem dele no Orkut, no entanto, não remetia às dificuldades que o rapaz tinha, mas aos momentos alegres que ele viveu:



“[Ver o perfil era] doloroso / mas ao mesmo tempo trazia o Miguel de volta / saudável / vivo”.

#### 6.2.1.1.2.

#### O perfil era visto como uma “parte do falecido” que “sobreviveu”

No período seguinte à morte, visitar os perfis no Orkut foi uma maneira que os entrevistados encontraram para ver os falecidos *vivos, saudáveis e felizes*. Acontece, no entanto, que visitar seus perfis não era o único meio que eles tinham para vê-los desta forma. Muitos dos participantes têm fotos – digitais ou impressas – dos falecidos e, nestas fotos, eles também estão sorridentes e parecem alegres. Caso quisessem somente rever seus entes queridos, bastaria que olhassem essas fotos. Ao recorrerem ao Orkut, os entrevistados pareciam, portanto, ter também outros motivos. É o que Olga demonstra ao explicar o que a fez entrar no perfil de sua neta logo após o falecimento:

“[Entrei no perfil] porque achei que o Orkut havia sido montado por ela. / e havia ali um pouquinho dela....”.

Lucia mostra pensar como Olga ao enxergar o perfil do filho como parte dele:

“[O perfil] era algo dele / uma pequena parte dele”.

Marcelo, pai dos irmãos Graça, tem ideias análogas às de Olga e Lucia. Ao refletir sobre suas motivações para entrar no perfil de seus filhos, ele diz:

“hummm na verdade a vantagem do orkut (ou de qq rede de relacionamentos nesse sentido) é pq foi uma coisa[coisa] criada por eles / é como se fosse uma herança [herança] / durante a vida ELES mexeram lá, postaram fotos, vídeos, comentários pessoais, trocaram mensagens com amigos”.

Olga, Lucia e Marcelo parecem traduzir o que acontecia também com os demais participantes. Eles recorriam ao Orkut para ter contato com perfis construídos pelos próprios falecidos. Os perfis têm, por isso, a “cara” dos falecidos, com as fotos que eles/elas inseriram, as mensagens que escreveram e as comunidades que escolheram para fazer parte. Essas características faziam com que os perfis fossem percebidos como uma “parte” dos falecidos que parecia ter

“sobrevivido”. Eram, portanto, muito diferentes de simples retratos. Diferentemente do que os entrevistados sentiam ao verem fotos, visitar os perfis proporcionava a sensação de proximidade com os falecidos. É o que revela Lucia:

“no orkut me sinto mais perto dele / é como se ele estivesse lá...em algum lugar...aqui”.

Para Marcelo, o Orkut era usado por ser “*uma ferramenta mais próxima*”, que o fazia se sentir mais perto de seus filhos, mortos em um único trágico acidente.

Esta sensação de proximidade era buscada nos primeiros tempos após a morte e só era conseguida através do Orkut. Olhar uma foto não bastava, assim como rituais tradicionais, como missas ou idas ao cemitério, também não eram suficientes para os entrevistados se sentirem perto dos falecidos. Marta e Lucia expressam com clareza a diferença entre o que sentem ao ir ao cemitério e ao visitar o Orkut de seus filhos. Sobre ir ao cemitério, Marta, mãe de Artur, diz:

“nao é um lugar onde gosto de ir / acho que ele nao esta la (...) / como fico revoltada e triste / nao sinto ele muito proximo de min / la”.

Lucia, mãe de Miguel, mostra ter uma impressão bastante análoga sobre o cemitério:

“cemitério é algo que não gosto de visitar / nem antes, nem agora / por que lá ele não estava / lá estava só oque representa dor / sofrimento / tristeza / é o fim que fica lá / e fim é nada. / e o Miguel não é ‘nada’ / então ele está longe de lá”.

As falas de Lucia, Marta e Marcelo parecem representar o pensamento da maioria dos entrevistados: o cemitério não lhes transmitia uma ideia de proximidade com os mortos, enquanto que no Orkut essa proximidade era sentida. Os mortos “não estavam” no cemitério, onde havia apenas a morte, mas “estavam” em seus perfis no Orkut. Nos perfis, os entrevistados sentiam haver um pouco da vida daqueles que se foram, já que são uma construção deles próprios. Entrar no perfil era como estar um pouco com o(a) falecido(a). Não entrar, conseqüentemente, seria como se distanciar, como expressa Marta, mãe de Artur, ao explicar que visita no perfil do filho todos os dias até hoje:

“parece que se eu nao olhar [o perfil] não vou ver ele naquele dia”.

### 6.2.1.1.3.

#### Descrença x realidade da morte ao visitar o perfil

A sensação de proximidade com o(a) falecido(a), que muitos tinham ao visitar o perfil dele no período seguinte à morte, gerava a impressão de que o falecimento não tinha realmente acontecido. Luiz fala da sensação de descrença que experimentou quando entrou pela primeira vez no perfil de sua amiga Kate:

“era muito estranho / parece que tudo tinha sido um sonho”.

Michele também falou sobre sua sensação inicial de descrença ao ver perfil de seu primo Felipe:

“aaain doeeu de maais [demais] neh [né]/ mas na qela hra [naquela hora] pra mim q nao era ele q tinha morrido / q era um engaano / q tinham ligado errado [avisando a morte] / passado trote”.

Embora, para alguns, acessar o perfil gerasse descrença, para outros, pelo contrário, visitar o perfil do(a) falecido(a) trazia à tona a realidade da morte. Isso acontecia com alguns participantes que, ao verem as fotos da pessoa viva e as mensagens que lhes eram enviadas, eram impactados pela lembrança de que ela estava morta e não responderia mais. Esta lembrança causava dor e sofrimento, como diz Leila, ao relatar como reagiu ao entrar no perfil de seu filho Rafael:

“chorava mto [muito], e dizia q era mentira”.

Para Marcos, ver o perfil da prima Bia também tornava a morte mais real em seu pensamento:

“[entrar no Orkut de Bia era] complicado pq ai pensamento de ‘puuts ela morreu meu’ batia na cabeça”.

Para Marta, o perfil de seu filho trazia sensação de proximidade, porém a falta de resposta dele fazia com que ela se desse conta da realidade da perda. O impacto que sentia diante desta realidade era de tal ordem que ela preferiu ficar meses sem acessar o Orkut. Marta explica:

“parece que eu ia conversar com ele (...) fiquei tempo sem usar o computador / pois como falava o dia todo com ele /dai fiquei [fiquei] sem usar o msn e o orkut / pois

eu tinha e a esperança de ele entrar / dai eu ligava ele nao entrava tinha vontade de quev brar [quebrar] tudo”.

Para Leila, visitar o perfil do filho também tornava a morte mais real, o que despertava um sofrimento intenso. Esse sofrimento fez com que sua família a “proibisse” de usar o Orkut durante meses, por seu marido e seus filhos acreditarem que usar o *site* para ver o perfil de Rafael estava lhe fazendo mal.

Assim como Leila, Marcos e Marta, muitos outros entrevistados ressaltaram que visitar os perfis dos falecidos trazia a realidade da morte à tona, e que esta realidade gerava intensa dor. Mas, diante de tanto sofrimento, por que razão estas pessoas continuaram entrando nestes perfis e deixando mensagens neles? Vejamos.

#### **6.2.1.1.4.**

##### **Ver os perfis trazia sofrimento, mas também conforto**

Apesar do sofrimento que tinham ao ver os perfis dos falecidos logo após a morte, nenhum dos entrevistados deixou de visitá-los. Leila, por exemplo, mesmo durante a “proibição” da família, confessa que entrava algumas vezes no perfil de Rafael, pois se sentia bem vendo as fotos dele. Ela e outros entrevistados revelam que, ao mesmo tempo em que causava dor, visitar o Orkut de seus entes queridos trazia um tipo de conforto. Essa ambivalência de sentimentos é bem expressa por Carmem. Ao revelar o que sentia ao ver os perfis dos três irmãos Graça, ela mostra, em uma mesma frase, que tinha emoções aparentemente contraditórias:

“eu chorava muito / me sentia bem quando eu os via”.

Um dos motivos que os entrevistados apontaram para a sensação de conforto, ainda que houvesse dor, é revelado por Beeh, ao explicar como foi ver as fotos que havia no perfil de seu amigo César:

“fasia [fazia] eu lembra[r] dele das coisa boas dele”.

Lembrar das coisas boas era, portanto, uma razão para que ela quisesse voltar ao perfil do amigo. No entanto, quando perguntamos se ela se sentia bem vendo estas fotos, ela revela ter os sentimentos contraditórios experimentados também por outros entrevistados:

“mais ou menos por um lado eu sentia um poquinho dele mas por outro lado lembrava k [que] ele tinha morrido”.

Vemos, então, que, se, por um lado, o sofrimento decorria da percepção de que a morte havia acontecido realmente, por outro, os participantes da pesquisa sentiam-se confortados pelas boas lembranças que os perfis despertavam e pela sensação de estarem perto dos falecidos.

Outra fonte importante de consolo revelada pelos participantes eram as mensagens que foram escritas nos perfis após o falecimento. Os parentes contam que se sentiam bem ao lerem essas mensagens por perceberem, através delas, o quanto os falecidos eram queridos. O fato de todos os familiares mais próximos (mães, pai e avó) referirem-se a isto mostra que estes recados eram muito importantes para eles. Olga, ao falar sobre o que sentiu ao ver as mensagens escritas para a neta, diz:

“Eu percebi que ela realmente era boa amiga”.

Leila, ao ler os recados deixados no perfil do filho Rafael, diz ter percebido

“que ele tinha mtos amigos que gostava dele / e ainda gostam (...)”. [O que sentiu ao ler isso?]: “[foi] mto bom / pois sei q ele sempre foi bem amado”.

Marcelo, pai dos irmãos Graça, refere-se textualmente à sensação de conforto que a leitura das mensagens enviadas aos filhos lhe proporcionou:

“sempre conforta saber o quanto de amigos eles tinham... o quanto eram queridos”.

No caso de Marta, a sensação de conforto chegou a demovê-la da ideia, que teve assim que seu filho Artur morreu, de tirar o perfil do rapaz do Orkut. Ela poderia fazer isto, já que tem sua senha, porém acabou mudando de ideia, conforme explica:

“achei que [excluir o perfil] seria um descanso pra ele / pensei que se ficasse ali todo mundo mexendo não seria bom / mas com o tempo / vi que amigos dele / amigos da gente diz que entram pra matar a saudade (...)”.

Ao ler estas mensagens sentiu-se confortada e decidiu manter o perfil do filho:

“ler sobre ele é muito bom / senti realmente que ele era a pessoa que eu acreditava ser”.

Se os familiares sentiram-se confortados ao perceberem que seus parentes eram muito queridos, para alguns dos amigos dos falecidos o conforto era sentido por outra razão. Ao lerem os recados deixados nos perfis, eles percebiam que havia outras pessoas que sentiam o mesmo que eles, e experimentavam conforto por saberem disso. É o que Carlinhos, que diz já ter lido todos os recados deixados no perfil da amiga Bruna, fala quando explica por que gosta de ler esses recados:

“eu leio pra saber se as pessas[peçoas] q as escrevem sente[m] ou sentiram tanto quanto eu”.

Márcio parece ter tido os mesmos motivos de Carlinhos para ler as mensagens que eram escritas no perfil de Bruninho. Mesmo se mostrando confuso, ele revela:

“nao sei explicar! Acho que e [é] para ver o que as pessoas sentem e acham disso tudo”.

Percebi, então, que o conforto que os participantes experimentavam quando olhavam os perfis dos falecidos era maior do que o sofrimento que os perfis geravam. Esta parece ser uma importante razão para que eles voltassem a acessar o Orkut com esse fim. Outro motivo para que continuassem fazendo isso é que os perfis faziam os entrevistados se sentirem mais próximos daqueles que tinham partido. Ao contrário do que acontecia quando iam ao cemitério, no Orkut a sensação era a de que os falecidos “estavam ali”. Isso porque os perfis são algo que foi feito pelos próprios falecidos, sendo percebidos como uma parte deles que sobreviveu. Esta era uma importante razão para que os entrevistados dirigissem mensagens a esses perfis nos primeiros tempos após a morte. Vejamos.

### **6.2.1.2. Por que escreviam nos perfis?**

#### **6.2.1.2.1. Escrever dava a sensação de continuar tendo acesso aos falecidos**

Por serem os perfis percebidos como “um pouco dos falecidos” ou uma “herança” deixada por eles, muitos dos entrevistados afirmam que deixar recados era uma forma de terem a sensação de que continuavam tendo acesso a eles. Luiz,

por exemplo, explica por que deixou uma mensagem para a amiga Kate logo após o falecimento desta:

“ah, sei lá / apenas quis, era o unico meio de falar com ela / era como se ela tivesse lendo / sei lá”.

Milton também escreveu mensagem para Pedro, logo depois do falecimento do amigo, por ver no recado a única maneira de se comunicar com ele:

“escrever lá era a unica forma q eu tinha para sei láh converssar com ele sabe...”.

Se a morte torna a comunicação impossível, escrever no perfil do Orkut parece transmitir a impressão de subverter essa impossibilidade. Esta impressão é bem expressa por Lucia, ao descrever como foi escrever a primeira mensagem para o filho após o falecimento:

“[Escrever foi] doloroso, difícil, chorei muito / Mas ao mesmo tempo era como se ele fosse receber o recado / como se ele ainda estivesse lá em algum lugar / é como se ele não estivesse morto / ou como se por essa via, mesmo ele estando em ‘outro’ lugar, estivessemos nos comunicando (...) me senti ligada a ele”.

Marcelo também sentia como se estivesse “falando” com seus três filhos ao lhes dirigir mensagens, como ele revela:

“eu soluçava de tanto chorar na hora de deixar mensagens no orkut pq simplesmente parecia que eu estava falando diretamente com cada um deles”.

Embora soubessem, racionalmente, que seus entes queridos estavam mortos, escrever estas mensagens dava aos entrevistados a sensação de usarem um recurso de comunicação com os falecidos. Algumas mães revelam que eventualmente buscavam também outros recursos, como “conversar” com as fotos de seus filhos mortos. Elas dizem, todavia, que, quando faziam isso, tinham uma sensação diferente daquela que tinham quando escreviam no Orkut. Sobre isso, Lucia, que até hoje, 1 ano e 3 meses depois da morte do filho, ainda deixa mensagens no perfil dele, explica a diferença:

“a foto é estática / no orkut não vejo assim / há possibilidade de comunicação / pelo menos imaginária / não sei bem (...) é diferente ver ele aqui ou ver nas fotos que eu tenho no meu orkut ou na minha casa / diferente por que aqui acho que dá para ter a fantasia de que ele ainda está”.

Ao comparar escrever no Orkut com “conversar” com as fotos do filho, Marta também percebe diferenças entre ambos:

“a internet era o nosso meio de comicação[comunicação] / do dia a dia / nos viamos na ueb[web] / conversamvamos[conversávamos] o dia todo / era diferente / acho que daí a necessidade de tbe [também] usar a net”.

Vemos que há, então, um outro motivo, além do fato de os perfis serem sentidos como uma “parte” dos falecidos, para que os entrevistados lhes escrevessem mensagens. O fato de o Orkut ser um recurso que permite a comunicação entre as pessoas fez com que, nos primeiros tempos após a morte, os participantes tivessem a sensação de que essa comunicação continuava sendo possível. Através do Orkut, os entrevistados tinham a impressão de estarem mais próximos de seus entes queridos e de poderem se comunicar com eles. Essas possibilidades não eram percebidas em recursos “tradicionais” (como ir ao cemitério e ver fotos).

#### **6.2.1.2.2. Escrever era uma forma de “desabafo”**

A sensação de estarem próximos dos falecidos e de poderem se comunicar com eles era sem dúvida uma importante razão para que os entrevistados dirigissem mensagens aos perfis de seus entes queridos. Este, no entanto, não era o único motivo que tinham para fazerem isso. Em seu discurso, Juliana esclarece este outro motivo:

“Era uma forma de dizer q sentia sua falta / de que a amava muito (...) Era bom e ao mesmo tempo dificil / chora[va] muito / ao ler e ao escrever tb (...) [Por que era bom?] bom q achava q era uma forma de me expressar... / de dizer o q estava sentindo”.

Escrever no Orkut foi, então, um modo que Juliana encontrou para se expressar. Marcos escrevia mensagens para sua prima Bia com o mesmo fim. Ele expressa o sentimento que tinha ao deixar recados através de uma interessante metáfora:

“meio q descongestionava os sentimentos”.

Paulo usa um termo semelhante para explicar por que escrevia mensagens para seu amigo Pedro:

“Eu nunca fui de ficar falando o que eu sinto nem de ficar expondo o que eu penso e tal, só que chega uma hora em que o que tava entalado na garganta precisa sair”.



Marcelo revela que escrever era uma forma de se sentir confortado:

“[Escrevia] numa tradição de auto-piedade típica de católicos rsrs [risos] a gente quer expor o sentimento e talvez ser afagado (...) de certa forma me confortava (eu acho) em saber que as pessoas leriam as mensagens”.

Os participantes mostram, então, que escrever mensagens era uma forma de “desabafo”, proporcionando um alívio momentâneo para o sofrimento. A sensação de estar “entalado” ou “congestionado” e a consequente necessidade de “desabafar” escrevendo recados no Orkut parecem estar relacionadas ao fato de a maioria dos participantes não conversar com ninguém, ou conversar em raras ocasiões, sobre a experiência de perda. Poucos entrevistados dizem que falam com amigos ou familiares sobre os sentimentos que experimentam em decorrência da perda. Alguns deles dizem que evitam o assunto por considerarem que ele traz tristeza às outras pessoas. Olga, por exemplo, embora diga conversar com amigas de sua faixa etária (e que também têm netos) sobre Julia, prefere não fazer isso, por pensar que o tema gera tristeza nestas amigas. Ela diz:

“Eu não procuro falar / Porque as avós ficam muito tristes”.

Michele evita conversar com os familiares sobre o falecimento de seu primo Felipe, por considerar que o assunto os deixa tristes:

“Com os parentes sem condicao de fala[r] / eles ficam muito maal”.

Outros entrevistados procuram não falar sobre o morto e os sentimentos gerados pela perda, pois eles próprios ficam tristes. Por esta razão Lucia só conversa sobre o assunto com seu terapeuta. Beeh também evita falar sobre César. Ela explica:

“é pior fica[r] falando dele sempre me dexa triste”.

Marcos também revela que raramente conversa com alguém sobre a morte de sua prima Bia. Ao longo dos três anos passados após a morte, ele diz que conversar foi um recurso que usou apenas “em último caso”:

“Não gosto mto de converssa[conversar] sobre meus sentimentos / só qdo [quando] precisava mesmo”.

Vemos, portanto, que os participantes evitavam tocar no assunto do falecimento com seus conhecidos, seja por medo de deixá-los tristes, por não quererem, eles próprios, ficar tristes ou por não gostar de conversar sobre sentimentos. Escrever *scraps* era, então, uma forma de fazer algo que os entrevistados deixavam de fazer de outras maneiras. Márcio explicita que, ao deixar mensagens, se sentia como se estivesse conversando sobre a dor que experimentava com pessoas que compreenderiam seu sentimento:

“Acho legal / elas [as outras pessoas] saberem o que eu sinto (...) e como se eu fosse poder desabafar com outras pessoa[s] que estão passando a mesma situação que eu”.

### **6.2.1.2.3. O “desabafo” em datas especiais**

Antes de realizar a pesquisa, eu havia observado que, em datas consideradas especiais, os perfis dos falecidos costumam receber mais mensagens do que em dias comuns. Assim como tantas outras pessoas, os entrevistados também escreveram nestas datas. Eles revelam que o dia em que os falecidos completariam mais um ano de vida, a data da morte e o Natal são ocasiões quando costumam fazer questão de deixar mensagens em seus perfis.

Marcelo, por exemplo, diz que, por pelo menos um ano após a morte dos filhos, escrevia sempre no perfil de cada um deles na data em que o falecimento completava mais um mês, nos seus aniversários e no Natal. Olga, por sua vez, falou que escrevia sempre no dia 05 de cada mês, dia em que Julia havia falecido. Leila até hoje faz questão de escrever no perfil de seu filho em ocasiões que considera especiais, como o dia do falecimento, Páscoa, Natal e aniversário. A razão para Marcelo, Olga, Leila e quase todos os outros entrevistados fazerem questão de escrever nestas datas é revelada por Marta:

“Sabe [em] todas as datas especiais[especiais] é muito difícil / acho que sempre escrevi em datas de mês sem ele / qdo fez um ano / mas no fundo / datas [datas] são datas / é difícil todo dia”.

A fala de Marta explicita o que parece se passar também com os demais entrevistados. Se todos os dias sem a pessoa falecida são difíceis, as datas especiais parecem intensificar a dor. É como se o sentimento de todos os dias “transbordasse” nestas ocasiões. Marta fala, com suas palavras, sobre essa sensação de “transbordamento”:

“[Nas datas especiais] a dor no peito é maior / sabe tem dias que apreço que vai explodir / daí preciso desabafar / falar dele falar com ele”.

Escrever nestas datas seria, então, uma maneira de dar vazão a este sentimento que não “escoa” de outras maneiras. O “desabafo”, nas datas especiais, parece, portanto, ser algo necessário.

#### **6.2.1.2.4. A data de aniversário do falecido**

Entre as datas especiais, a que mais chamou minha atenção antes da realização das entrevistas foi o dia em que os falecidos completariam mais um ano de vida. Isso aconteceu porque observei que, nesta data, são numerosas as mensagens de pessoas que felicitam os mortos por seu aniversário. Na pesquisa, os participantes revelam que também deixaram recados deste tipo no dia do aniversário dos falecidos, especialmente no primeiro que passou após a morte. Embora quase todos tenham deixado uma mensagem nesta ocasião, a maioria parece nunca ter pensado nas razões para escrever nesta data. Ao serem indagados sobre os motivos para deixarem mensagens no dia do aniversário de uma pessoa que está morta, muitos se mostram confusos e têm dificuldades em produzir uma resposta. A resposta desconcertada de Carlinhos parece representar bem a surpresa dos entrevistados quando solicitados a pensar no assunto:

“[escrevia] pra sie lah. [sei lá] / boa pergunta / nao sei responder”.

Outros entrevistados revelam de maneiras diferentes que nunca refletiram sobre a contradição que há em se desejar feliz aniversário a uma pessoa que está morta. Alguns deles mostram que não pensavam nesta contradição dizendo que escreviam simplesmente porque tentavam continuar agindo do modo como

sempre agiram. Milton, aparentemente ignorando que o amigo Pedro estava morto, afirma que escreveu no seu aniversário por ser este um “costume”:

“haha nao tem como responder isso / é sentimento / é como perguntar, pq voce da presente no aniversario da pessoa / pq é um costume / nao sei responder”.

Já Leila, mesmo 4 anos após o falecimento de Rafael, continua escrevendo nos aniversários de seu filho porque é assim que sempre fez e é o que faz com seus dois outros filhos:

“mtas [muitas] vezes eu esperava dar meia noite [para escrever uma mensagem]/ pq era oque eu sempre fazia, meia noite dava os parabens pra ele / ou mandava msgs no celular / e é o que faço com meus dois outros filho[s], sempre a meia noite mando msgs [mensagens]”.

Lucia, ao explicar por que escreveu no aniversário de Miguel, fala como se, nesta data, o filho estivesse apenas impossibilitado de se comunicar de outra forma:

“[Escrevi] por que era niver dele e eu não poderia ligar para falar com ele / aí eu escrevi”.

Ao ser indagada sobre o fato de seu filho na realidade não estar completando mais um ano de vida, Lucia surpreendentemente responde:

“estava sim [completando mais um ano]/ era o aniversário dele sim / eu queria que ele soubesse que eu o amava / queria desejar felicidades / como sempre fiz”.

Ao pedirmos que explicasse as razões para pensar que Miguel estaria completando mais um ano, Lucia nos diz:

“foi assim que senti / era o dia do niver dele e isso não mudou”.

Os motivos que muitos participantes alegam para que escrevessem mensagens como se os falecidos completassem mais um ano de vida revela que o aniversário é uma data que traz à tona uma forte ilusão de que a pessoa está viva. Esta ilusão tem alguns motivos aparentes: um deles é o fato, que já mencionamos, de que o perfil parece ser “um pouco do(a) falecido(a)” e os participantes sentem como se ele estivesse ali. Esta sensação parece se intensificar devido ao mecanismo, do Orkut, de avisar quando o aniversário de um usuário está próximo. Quando são avisados de qualquer aniversário, os entrevistados costumam deixar uma mensagem para a pessoa que faz anos. Sem refletirem a respeito, acabam

procedendo da mesma maneira com os amigos ou parentes falecidos. Agem, portanto, como se eles não tivessem morrido, embora racionalmente saibam disso. Um outro motivo para a ilusão de que a pessoa está viva se intensificar é o fato de, na maioria dos casos, se tratar do primeiro aniversário após a morte. Por ser o primeiro ano que têm a experiência de passar por esta data sem que o amigo/parente esteja vivo, o impacto parece ser maior. Os aniversários seguintes, como veremos adiante, geram reações diferentes. Isso porque o passar do tempo faz com que os entrevistados passem a perceber o perfil de maneira diferente. Vejamos como isso acontece.

### **6.2.2. O passar do tempo traz mudanças**

Conforme o tempo transcorria, os participantes passavam a deixar recados cada vez com menos frequência. Essa mudança fez com que, hoje, o hábito de escrever no perfil dos falecidos seja notavelmente menos frequente do que nos tempos imediatamente após a morte. Hoje, Lucia, um ano e três meses após o falecimento do filho, diz continuar entrando no perfil dele, porém escreve pouco hoje em dia:

“sempre entro / algumas [vezes] escrevo, mas normalmente só entro e vejo”.

Já Carmem, três anos e cinco meses depois do falecimento dos irmãos Graça, diz escrever menos recados para os meninos e explica o porquê:

“antes eu entrava[entrava] para matar um pouco a saudade, hj [hoje] já me acostumei com a falta deles [Por que entra hoje em dia?] entro apenas para ver, só isso”.

O passar do tempo parece fazer com que *escrever* seja menos necessário, bastando, para muitos, simplesmente visitar o perfil, olhar as fotos e ler as mensagens deixadas. Fazer isso – até mesmo com uma frequência menor que a do início – parece ser suficiente para amenizar as saudades sentidas. Paulo, amigo de Pedro, mostra perceber isso com clareza ao dizer:

“As lembranças[lembranças] que eu tenho dele, estão na minha cabeça, e não preciso escrever par[a] lembrar delas, nem pra nada. Sendo assim, escrevendo ou não, ele sempre vai estar comigo”.

O tempo necessário para que os entrevistados sentissem menos necessidade de escrever e de visitar os perfis parece ser proporcional à relação que havia com o morto. Percebi que a maioria dos amigos precisou de menos tempo para que esta mudança acontecesse do que parentes mais próximos dos falecidos. Assim sendo, enquanto alguns dos amigos dizem que em alguns meses passaram a fazer poucas visitas e a deixar recados ocasionais, os parentes mais próximos levaram pelo menos um ano acessando o perfil e deixando *scraps* regularmente. Dos três parentes mais próximos entrevistados que perderam seus familiares há mais de três anos (Leila, mãe de Rafael; Marcelo, pai dos três irmãos Graça; Olga, avó de Julia), dois deles (Marcelo e Olga) revelam que a mudança de hábitos se deu apenas depois de o falecimento completar dois anos.

Apesar destas diferenças relativas ao tempo, muitos dos participantes disseram ter percebido que mudaram seus hábitos de acessar o perfil do(a) falecido(a) e deixar mensagens a partir de quando a morte completou um ano. Diversos deles revelam que isso aconteceu porque foi a partir de então que passaram a estar mais conformados com a perda. Ao falarem sobre isso, uma mesma expressão se repete em discursos de diferentes pessoas: “caiu a ficha”. Luiz, amigo de Kate, usa este termo e aponta o primeiro aniversário de morte como um marco de mudança:

“depois do primeiro ano [a ficha] cai realmente / quando voce começa a entender né”.

Marcelo explicita a diferença que o decorrer do tempo gerou ao contrastar o que sente hoje com o que sentia logo que seus filhos faleceram:

“[Entrar e escrever no Orkut] na verdade é um escape muito momentâneo / uma forma de manter contato e (pra mim) perceber o quanto as pessoas ainda mantêm contato com eles (...) passado tanto tempo... eu quase não vou mais lá / meio que caiu a ficha que era apenas um escape”.

“Cair a ficha” é, portanto, quando a morte passa a ser percebida como um fato real e irreversível. Alguns dos participantes associam esta percepção ao fato de os falecidos não responderem as mensagens que lhes são enviadas nem atualizar mais seus perfis. É o que Marcelo fala:

“com o passar do tempo... vc percebe que eles não ‘entram’ mais nos orkuts.. e aí fica realmente o pensamento... as saudades.. as recordações (...)”

Para Luiz, a falta de resposta por parte de Kate colaborou para que se percebesse a morte de sua amiga como algo real, o que o levou a ir se conformando:

“ah, se[você] vai esquecendo, se [você] vai se contentando que essa msg nao vai ter resposta / que as perguntas de pq [porque] nao voltam, ai se só começa a ter um carinho, e nao mais a dor / se [você] troca a dor pelo carinho”

A mudança de sentimento explicitada por Luiz, e associada ao momento quando “cai a ficha”, parece apontar para uma maior resignação com a perda. Hoje, quase todos os entrevistados revelam-se conformados com o fato de que o ente querido não voltará mais. Beeh explica isso da seguinte maneira:

“antes era no comeso [começo] agora eu já aseite [aceitei] a morte dele (...) sinto saudades e (...) queria k ele tivesse aki[aqui] no comeso [começo] era igual so k [só que] eu chorava agora ja faz tempo k ele morreu e eu sei k ele nao vai voltar”.

Após um ano, os entrevistados se revelam, portanto, mais acostumados com a perda. Embora ela ainda gere tristeza e dor, todos parecem experimentar esses sentimentos de maneira menos intensa do que no começo. A amenização da tristeza parece ser consequência da percepção de que a vida precisa continuar apesar do falecimento. Ao falar sobre este assunto, Olga menciona o sofrimento de toda a família pela perda de sua neta Julia:

“A vida tem que continuar para todos. / São filhos, noras, netinhos / Há mta gente envolvida na dor.”

Luiz descreve como sua vida continuou apesar da morte de sua amiga Kate. Ele associa a mudança na frequência com que visitava o perfil dela e deixava recados durante o primeiro ano após a morte ao fato de ter começado a namorar:

“ah, nos primeiros 2 meses, eu ficava direto no orkut dela / dos 3 aos 6 meses eu comecei a namorar / e ai eu diminui / mas continuava vendo / depois do primeiro ano, quando ela vez[fez] aniversario, eu vi ela bem menos vezes”.

Juliana revela que conseguiu continuar sua vida, apesar da morte da filha, ao atribuir a rarefação de suas mensagens à falta de tempo:

“talvez pq agora estou menos em casa / pq demorei pra voltar trabalhar / então fica[va] em casa, todos os dias / agora talvez pela correria mesmo”.

Ela parou de trabalhar quando a filha adoeceu e, depois do falecimento, levou um ano para retornar, pois, em suas palavras, “não tinha condições pra

voltar”. O fato de hoje ela se sentir apta a voltar a trabalhar, aparentemente revela que “a ficha caiu”, sendo os sentimentos experimentados mais amenos. Ela confirma essa impressão ao dizer:

“no começo acho q era muita dor / dói ainda, mas agora já está amenizando”.

#### **6.2.2.1.**

#### **Os aniversários após o primeiro ano de morte**

A percepção de que a dor sentida abranda após o falecimento completar um ano parece se confirmar nos aniversários a partir de então. Se o primeiro ano que os entrevistados passam sem os entes queridos no dia em que eles fariam aniversário é marcante e gera uma forte ilusão de que os falecidos podem ler as mensagens que deixam, nos anos seguintes eles percebem a data de modo muito diferente. Os participantes passam a lidar com o aniversário com maior naturalidade e, por consequência, esta se torna uma data menos dolorosa. Essa maior naturalidade pode ser notada antes mesmo do dia do aniversário, quando o Orkut começa a sinalizar a proximidade da data. Assim, se, para Carlinhos, foi doloroso ver o aviso do Orkut no primeiro aniversário após o falecimento de sua amiga Bruna, no segundo ano isso foi “normal”. Ele explica:

“porque ano passado jah [já] pssei[passei] por isto”.

Carlinhos explica ainda que a diferença entre o primeiro e o segundo aniversário sem a Bruna foi marcante, já que ela faleceu pouco antes do dia em que faria anos:

“a sim [foi diferente] / ano passado tudo tava mais recente, falei mais coisas, tive mais ideias, sofri mais”.

Hoje, três anos após o falecimento de sua prima, Marcos também percebe a proximidade do aniversário dela de maneira mais amena:

“antes era complicado / agora nem tanto / agora já se passo[u] mto tempo e estou conformado”.

Olga também revela estar mais conformada com o falecimento de sua neta, há mais de 4 anos. Ela explica o que sente a cada aniversário através de uma metáfora interessante:



“A cada ano vamos colocando um novo curativo na ferida”.

O discurso dos entrevistados nos mostra que, nos aniversários após o primeiro ano de falecimento, já há maior conformidade em relação à morte. Muitos continuam escrevendo por pensar que a data é especial, porém ela deixa de despertar emoções intensas como no primeiro ano.

#### **6.2.2.2.**

#### **Os perfis passam a ser “lugares” de lembranças**

Vimos até aqui que, com o passar do tempo, os entrevistados entram e escrevem menos nos perfis dos falecidos. Especialmente após o primeiro aniversário de morte, os participantes dizem-se mais conformados com a realidade e mais acostumados com a perda, que deixa de despertar tanta dor. Por esta razão, os aniversários ao longo dos anos geram sentimentos mais brandos e a dor parece gradualmente se curar. Em seu discurso, Juliana traduz bem a transformação de sentimentos revelada também por outros participantes:

“talvez agora [haja] mais saudades do que sofrimento”.

Mesmo sem sofrer tanto quanto no início, grande parte dos entrevistados revela que acha que nunca vai deixar de acessar o perfil dos falecidos. Muitos dizem que podem até deixar de escrever definitivamente, mas não pretendem deixar de fazer visitas ocasionais ao perfil. Beeh explica a razão que tem para pensar assim:

“(...) ver o orkut dele faz[faz] diminuir a saudade dele (...) posso ate para[r] de escrever mas de entra[r] nao”.

Para Marcelo, visitar eventualmente os perfis dos filhos é uma maneira de rever fotos e mensagens deixadas:

“na verdade já não entro h´[há] meses [nos perfis]/ mas estão lá e a qq [qualquer] momento posso ir lá rever aquelas fotos, aqueles comentários...”.

Paulo diz ocasionalmente voltar ao perfil de seu amigo Pedro apenas para se lembrar dos bons momentos passados com ele:

“Só dou uma passada, pra lembrar dos bons tempos (...) Acho bom quando entro no perfil dele, lembro dos velhos tempos”.

Os entrevistados mostram, portanto, que a diminuição do sofrimento pela perda faz com que eles passem a perceber os perfis dos falecidos de outra maneira. Eles parecem não sentir mais estes perfis como uma “parte” ou uma “herança” deixada pelos falecidos. Os perfis dos mortos deixam, então, de ser uma representação quase concreta deles (o que causa dor e alívio ao mesmo tempo) e se tornam um lugar de boas lembranças (gerando prazer). Visitá-los deixa de causar tristeza e sofrimento, já que vê-los passa a remeter apenas aos momentos agradáveis passados com os falecidos. Por esta razão, a maioria dos entrevistados afirma veementemente que nunca excluirá o(a) morto(a) de seus contatos do Orkut. Se o perfil do(a) falecido(a) se torna um lugar de memória, excluí-lo seria equivalente a deixar de ter essa memória. Paulo mostra pensar desta maneira ao explicar por que não apaga Pedro de seus contatos:

“Digamos que ... assim eu não esqueço dele”.

Para Leila, excluir o perfil do filho seria como tirá-lo definitivamente de sua vida:

“[excluí-lo] seria como deletar ele da minha vida”.

### **6.2.3. Como os participantes vêem seu uso do Orkut ao longo do luto**

O discurso dos entrevistados me fez perceber que, em um momento inicial, o Orkut era um recurso que colaborava para o alívio do sofrimento causado pela morte de uma pessoa querida. Isso porque o perfil do(a) falecido(a) era percebido como “um pouco dele(a)”, o que fazia com que os participantes se sentissem próximos do morto. Ao escrever mensagens nos primeiros tempos do luto, os entrevistados se sentiam falando com o(a) falecido(a) e, ao mesmo tempo, “desabafando”, amenizando a dor que experimentavam. Com o passar do tempo, os entrevistados se mostram mais conformados com a perda, que deixa de gerar tanto sofrimento como no início. Neste momento, o perfil deixa de ser um representante quase concreto do(a) falecido(a) e se torna um lugar de recordações

agradáveis sobre o morto, que pode ser lembrado sem dor. De maneira bastante sintética, essa foi a percepção que tive após analisar as entrevistas que fiz. Notei, no entanto, que havia algumas inconsistências entre a maneira como os entrevistados percebiam o uso que eles próprios faziam do Orkut e o que eles demonstraram em diversos momentos das entrevistas. Abordarei nesta seção essas inconsistências. A primeira delas diz respeito à razão pela qual os participantes escreviam mensagens em perfis de pessoas mortas.

### 6.2.3.1.

#### **Por que, afinal, os participantes escreviam mensagens?**

Diversos participantes explicitaram a ideia de que escrever mensagens gerava a sensação de que se comunicavam com os falecidos. Seria este, então, o principal motivo para que eles deixassem mensagens para os falecidos? Em certos pontos das entrevistas, há participantes que afirmam ter a convicção de que os mortos podem ler suas mensagens. É o caso de Juliana, que diz:

“tenho certeza q sim [que Bruna lê as mensagens]/ pq ela está aqui / entre nós / como tenho certeza q ela está lendo o q estamos conversando”.

Leila também diz ter certeza de que seu filho Rafael pode ler as mensagens que deixa para ele. Já Lucia vai além e diz crer que Miguel as responde através das sensações que ela experimenta:

“me sinto mais feliz / sinto alegria no meu coração / sinto que ele esta bem”.

Se Juliana, Leila e Lucia estão certas de que seus filhos lêem os recados que elas lhes escrevem, há outros participantes que se mostram confusos sobre o assunto. Eles revelam ter dúvidas sobre a possibilidade de os mortos poderem ou não ler os *scraps* deixados no Orkut. Este é o caso de Michele, que dá respostas contraditórias sobre o assunto. Espontaneamente, ela diz que acha que o primo Felipe lê tudo o que ela escreve. Depois, diz que não escreve como se ele estivesse vivo:

“pra mim quando eu mando recado no orkut dele, nao como se eu tivesse mandado recado pra orkut de uma pessoa viva ainda”.

Ela confessa sua confusão e, quando perguntada diretamente sobre Felipe ler ou não suas mensagens, responde:

“nao sei. Eu acredito q ele sempre ta a do meu laado, por pensamento sabe / mas nao acredito q ele leia”.

Milton, em uma mesma frase, mostra que tem ideias confusas sobre Pedro poder ler suas mensagens. Ele diz:

“sinceramente achoque nao / mais espero q oq eu escreva conciga chegar ate ele”.

Seja uma esperança remota, como a de Milton, uma crença confusa, como a de Michele, ou uma certeza, como a de Juliana, Leila e Lucia, a ideia de que os falecidos podem ler as mensagens do Orkut, expressa pela maioria, parece gerar algumas inconsistências em relação a outras falas dos entrevistados. Ora, se a maioria dos participantes diz acreditar que suas mensagens escritas no Orkut chegam aos mortos, haveria pouco sentido em deixar de escrevê-las e permanecer apenas visitando o perfil para ver fotos e ler mensagens. Não me parece, portanto, que a crença que os mortos receberão suas mensagens seja o motivo principal para que os entrevistados dirijam-lhes mensagens.

Marta parece dar pistas sobre as razões que os entrevistados têm para escrever. Ela, que não acredita que seu filho possa ler suas mensagens, explica por que, ainda assim, as escreve:

“como crista[cristã] tenho que pensar que [Artur] nao [lê suas mensagens]/ mas no fundo o coracao de mae / acha que le / entao prefiro me enganar / e achar que ele le / que ele me escuta / e uma forma de amenizar minha dor”.

Em seu discurso, escrever mensagens tem muito mais a função de amenizar a dor do que de fazer suas palavras chegarem ao filho. Olga parece pensar de maneira análoga a Marta. Ela revela que poderia “se comunicar” com sua neta Julia apenas através de orações e que escreve mensagens por outra razão:

“Se eu orasse só para mim (silêncio) não teria ajudado nem sido ajudada”.

Percebi, então, que, embora muitos participantes digam que acreditam ou esperam que suas mensagens cheguem aos falecidos, não é este o principal motivo que os leva a escrever. Escrever parece ser mais um meio de aliviar o sofrimento e de ter a *sensação* de falar com o morto do que uma maneira de tentar fazer mensagens chegarem a ele (como fazem aqueles que buscam o espiritismo, por exemplo). Por isso, os participantes escrevem mensagens durante o tempo em que o sofrimento é maior e necessitam ter alívio. Mas será que os participantes

percebem que o Orkut os ajudou, de alguma maneira, a obter esse alívio? Vejamos o que eles dizem sobre isso.

### 6.2.3.2.

#### Visitar o perfil e escrever recados ajudou a lidar com a perda

A maioria dos participantes considera que escrever mensagens no perfil de seus entes queridos os ajudou a lidar com a perda. Para eles, o Orkut foi um recurso importante especialmente no momento inicial do luto. A importância que os entrevistados atribuem ao Orkut é nítida quando comparam a experiência de perder uma pessoa que tinha um perfil à de perder outras que não tinham. Olga, por exemplo, que tem 70 anos e já havia tido outras perdas importantes ao longo de sua vida, divide suas experiências em dois tipos, que define como “perdas veladas” e “perdas repartidas”. Para ela, nas primeiras, os sentimentos experimentados não são compartilhados, enquanto que, nas segundas, pelo contrário, o sofrimento é verbalizado. Olga vê uma diferença fundamental entre as recuperações dos dois tipos de perda, como ela explica:

“Quando você enfrenta[enfrenta] problemas que não pode verbalizá-los[verbalizá-los] a cura é mais lenta”.

Para Olga, a morte de Julia foi uma experiência de “perda repartida”, pois a entrevistada usou o Orkut como um meio de expressar o que sentia:

“Consegui falar todo o tempo, escrever ... tudo ...”.

Carmem também faz uma comparação interessante. Ela era amiga de Silvia, mãe dos três irmãos que faleceram, morta no mesmo acidente. Silvia não tinha um perfil no Orkut e, para Carmem, não ter a possibilidade de enviar mensagens para a amiga tornou a perda dela mais difícil de ser superada do que a dos três rapazes:

“nossa Mariana vc não tem noção de como isso me deixou triste porque não tinha como vê-la [vê-la] assim como via os meninos (...) eu chorei muito porque não tinha como deixr mensagem”.

Outras pessoas revelam a importância que atribuem ao Orkut ao longo de seu luto ao serem estimuladas a pensar como teriam feito caso o *site* não existisse,

ou caso o(a) falecido(a) não tivesse um perfil. Ao refletirem sobre isso, alguns mostram-se confusos ao vislumbrarem essa possibilidade, e a maioria diz que buscaria modos alternativos de ter a sensação de se comunicarem com os falecidos. Lucia tenta imaginar o que faria se não houvesse o Orkut:

“Não pensei nisso ainda...provavelmente eu procuraria outra forma de lidar com a minha dor / de alivia-la...por que é isso que eu faço quando procuro por ele aqui / alívio a[s] saudades / fico perto dele / eu provavelmente pensaria em uma forma...talvez com fotos”.

Luiz diz que, se Kate não tivesse um perfil no Orkut, ele teria “*um meio a menos de se aproximar dela*”. Apesar disso, ele não acha que seria difícil encontrar modos alternativos de “aproximação”:

“ah, seria estranho / mais acho que isso nao seria tão difícil / moro muito proximo da casa dela / se eu quisesse ver fotos, iria na casa dela / além disso, eu tinha fotos delas / tínhamos fotos juntos / tenho cartas / tenho outras maneiras[maneiras] de ver ela”.

Marta acha que recorreria às cartas, caso não pudesse deixar recados, no Orkut, para seu filho Artur:

“acho que se nao tivesse orkut internet acho que eu iria escrever cartas / ou em algum lugar coisas pra ele (...) acho que da mesma forma seria uma forma de falar com ele”.

O fato de tantas pessoas pensarem que buscariam meios alternativos para terem a sensação de contactar seus amigos ou parentes mortos indica que escrever mensagens no Orkut foi, para elas, realmente importante.

### **6.2.3.3.**

#### **A ajuda obtida no Orkut x a ajuda da fé**

Embora a maioria dos entrevistados considere que escrever no Orkut foi uma fonte de alívio durante o luto, quando eu perguntava sobre o que mais os ajudou a lidar com a morte de seus entes queridos nenhum deles mencionava esta prática. A maior parte dos entrevistados revelou que a fé e a religião foram os principais responsáveis por sua recuperação. Para eles, suas crenças trouxeram alívio principalmente por lhes assegurarem que os falecidos estariam em um lugar melhor. Para Carmem, a certeza de que os irmãos Graça “estão com Deus” foi o

que mais a confortou. Lucia, que diz ter sido ajudada pela religião, se expressa da seguinte maneira:

“Foi a minha fé[que mais ajudou] / acreditar que ele não acabou, que está com Deus”.

Ao ser perguntada sobre o que mais a ajudou a superar a perda de sua neta, Olga nos respondeu:

“Minha fé na vida após a morte”.

Quando comparam o alívio que tinham ao escreverem mensagens no Orkut à ajuda que sentiam ter na religião, esta última se revela mais relevante. Luiz, por exemplo, diz:

“Rezar com certeza era mais forte”.

Marcelo também compara a fé a escrever no Orkut, considerando a primeira mais importante:

“não tem comparação / o orkut era apenas um instrumento / eu nao parei o orkut pra começar a ir à igreja / a Igreja, a fé é indubitavelmente o alicerce da força”.

Assim, o discurso dos participantes mostra que, tanto escrevendo mensagens no Orkut como através da religião, eles obtinham alívio para seu sofrimento. Há, no entanto, uma diferença aparentemente sutil entre a maneira como eles percebem a ajuda que receberam da fé e da religião, e a que obtiveram escrevendo mensagens para os falecidos no Orkut. A diferença está no fato de que a religião era um conforto por assegurar que o morto estaria “em um lugar melhor”, “junto a Deus”. Escrevendo no Orkut, os participantes conseguiam um outro tipo de alívio, que resultava de poderem expressar seus sentimentos. Além disso, também eram confortantes a sensação de que continuavam tendo um contato quase concreto com os falecidos e a possibilidade de revê-los sempre que desejavam.

Embora tanto a religião como as mensagens escritas no Orkut trouxessem alívio, aquele obtido a partir da primeira parece ser mais valorizado pelos participantes. Em alguns casos pontuais, os entrevistados chegaram até mesmo a se referir ao Orkut como um meio pouco importante, quase desprezível. Marcelo, o pai que perdeu 3 filhos de uma só vez, por exemplo, diz que escrever no Orkut

foi importante em um primeiro momento. Já, em outro ponto da entrevista, afirma que fazer isso não o ajudou em nada:

“nao quero que vc fique com a impressão que o orkut me ajudou a ter forças de forma alguma / o orkut era um instrumento de catarsis”.

Milton também argumenta que escrever no Orkut não foi muito importante para ele, ao dizer que fazer isso “*não fez muita diferença*”. Ele completa, então, seu raciocínio:

“O Orkut só facilita o jeito de desabafar e ‘conversar’ com a pessoa”.

Os discursos de Milton e Marcelo parecem ser uma versão “exagerada” do que aparece na fala dos outros participantes de modo indireto (quando estes não mencionam o Orkut como uma fonte de ajuda com seu sofrimento). Estes dois participantes parecem explicitar por que o alívio conseguido pela religião é mais valorizado do que aquele atingido escrevendo-se mensagens no Orkut. Em seus discursos, o “desprezo” não é simplesmente pelo Orkut como um recurso para lidarem com suas perdas, mas, principalmente, pela própria necessidade “desabafar”. Marcelo vê no Orkut um “instrumento de catarsis”, mas não acha isso importante, embora essa “catarsis” fosse frequente e, aparentemente, necessária, especialmente nos primeiros tempos após a perda de seus filhos. Já Milton pensa que escrever “só” facilita a maneira de se expressar, como se fazer isso não fosse importante. Milton e Marcelo parecem revelar que os entrevistados têm uma escala de valores que atribui maior importância à certeza de que o(a) falecido(a) “está com Deus” do que ao alívio do próprio sofrimento que experimentavam. Por esta razão, embora o Orkut seja reconhecido como uma fonte de ajuda, alívio e conforto durante o luto, a religião e a fé aparecem nos discursos como os recursos mais importantes.



## 7 Conclusão

Dai palavras à dor. Quando a tristeza perde a fala, sibila ao coração, provocando de pronto uma explosão.

William Shakespeare - Macbeth

No capítulo anterior, apresentei os principais resultados que obtive após a análise das entrevistas que realizei. Neste capítulo, discutirei estes resultados e os relacionarei ao conteúdo teórico deste estudo.

### 7.1. A importância dos rituais

No capítulo 2, “A sociedade diante da morte”, vimos que o falecimento de um indivíduo é um acontecimento que abala seu grupo social. O abalo se deve ao fato de a morte de uma pessoa transmitir à sociedade como um todo a impressão de estar ameaçada de extinção (Durkheim, 1912/1996; Hertz, 1907/2004; Rodrigues, 2006; Jankélevitch, 1966). Diante desta ameaça, o grupo precisa se mobilizar para sobreviver apesar da perda que sofreu. A mobilização se dá principalmente através de rituais como missas de sétimo dia e outros análogos. Estas são ocasiões que promovem a união dos “sobreviventes” e colaboram para a gradual restauração da estabilidade da sociedade de modo geral (Van Gennep, 1909/1978; Hertz, 1907/2004, Malinowski, 1925/2004).

Além de promoverem o restabelecimento de uma sociedade abalada pelo falecimento de um indivíduo, os rituais têm também a função de fazer com que a morte seja reconhecida socialmente. Esse reconhecimento é necessário porque, assim que uma pessoa falece, a sociedade não consegue pensá-la, imediatamente, como morta. Por conseguinte, o grupo precisa de tempo para que seja capaz de aceitar a morte de um de seus membros como um fato concreto. O tempo necessário para que isto aconteça corresponde ao período ao longo do qual são feitos os rituais de passagem. Estes rituais são percebidos por aqueles que os

executam como um meio que têm de ajudar a alma do falecido a chegar à sua “morada final”. Ao prestarem este tipo de “ajuda”, através de missas, orações e cerimônias fúnebres, o grupo social gradualmente passa a reconhecer o falecimento como um fato real e irreversível.

A comoção que a morte gera na sociedade tem seu correspondente do ponto de vista individual. Em termos psicológicos, perder uma pessoa querida é uma experiência que causa impacto e gera sofrimento. Um dos sinais do abalo que a morte de um ente querido provoca é a sensação imediata de descrença na realidade da morte. Esta descrença traduz a dificuldade de reconhecer o falecimento assim que ele acontece, dificuldade esta que geralmente é proporcional à força do vínculo que havia com a pessoa que morreu. Assim sendo, a morte de um ente querido pode provocar maior ou menor desorganização psíquica. Somente ao longo de um tempo variável é que se dará a recuperação da estabilidade perdida e a aceitação da morte como um fato real. Quando isso acontece, pode-se considerar que o luto foi elaborado. Para que a elaboração seja conseguida, é essencial que os sentimentos experimentados sejam externados. Se, por qualquer razão, o enlutado não puder expressar seu sofrimento, o luto pode se prolongar e a pessoa pode não elaborá-lo, não se tornando capaz de criar novos vínculos e se envolver em novas atividades. Se externar a dor pela perda de alguém é fundamental para a elaboração do luto, e se rituais são ocasiões durante as quais os enlutados podem fazer isso, vemos que eles são necessários também do ponto de vista psicológico.

## **7.2. Os rituais e a morte interdita**

Embora sejam importantes social e psicologicamente, os rituais relativos à morte passaram a ser reduzidos ao estritamente “necessário” ao longo do século XX, século da “morte interdita” (Ariès, 1977). Nos séculos precedentes, estes rituais eram numerosos e começavam ainda no leito do enfermo, antes mesmo que a morte acontecesse. Nesta época, a dor experimentada quando do falecimento de uma pessoa querida era sentida como tolerável e os ritos eram suficientes para amenizá-la. No século XX, no entanto, a morte de um ente querido passou a gerar sentimentos considerados insuportáveis. Por esta razão, passou-se a evitar o

contato prolongado com tudo o que remetesse a este acontecimento. Como os rituais associados à morte faziam lembrar a pessoa que faleceu, eles tornaram-se breves e pouco numerosos, comparados com o que havia antes. Como consequência, os funerais passaram a se restringir apenas a um curto velório e um enterro. Em decorrência da intensidade do sofrimento que a morte passou a provocar, surgiu a ideia de que pensar ou falar na morte ou no morto em excesso podem fazer mal ao enlutado, por trazer à tona uma dor extrema. Passou-se, por isso, a se aconselhar que estas pessoas se distraíssem, evitando pensar no falecido ou conversar sobre ele.

A evitação dos rituais, de pensamentos e conversas sobre o falecimento são, portanto, uma tentativa de os enlutados não experimentarem sentimentos considerados insuportáveis. Acontece, no entanto, que agir desta maneira não faz com que as emoções decorrentes de uma perda significativa se tornem mais brandas e tampouco desapareçam. Assim sendo, surge a pergunta: se a morte do século XX gera tanto sofrimento, como este sofrimento é mitigado? Se a dor pela perda de uma pessoa querida é sentida como insuportável, como ela pode abrandar, visto que os rituais parecem não ser suficientes para amenizar a dor, como acontecia no passado? A pesquisa que fiz forneceu algumas respostas para estas perguntas. Passemos, então, a estas respostas.

### **7.3. Surge um novo comportamento**

Uma solução para o “impasse” de a morte gerar uma dor insuportável que não pode ser externada parece ter surgido no início do século XXI, a partir de um tipo específico de uso da Internet. Ao longo da primeira década deste século, a Internet se tornou uma plataforma na qual se desenrola boa parte da vida humana. Nesta plataforma, assim como é possível comprar, paquerar e fazer novas amizades, pode-se também manifestar a dor decorrente da morte de uma pessoa querida. Estas manifestações podem ser vistas em *sites* que albergam memoriais, em *blogs* em homenagem a falecidos e na escrita de recados, no Orkut, para pessoas que faleceram. Esta última maneira de externar o sofrimento gerado pela perda de alguém querido foi a que mais nos chamou a atenção. Isso porque o Orkut, um *site* que tem como objetivo favorecer o *relacionamento* entre pessoas

que estão *vivas*, ser utilizado como um meio de “se relacionar” com pessoas falecidas, é surpreendente, por ser este certamente um fim muito diferente daquele pensado originalmente por seus desenvolvedores.

A “invenção” deste novo modo de utilizar o Orkut parece ser uma consequência da visão de morte predominante no século XX. Os entrevistados mostraram isso ao dizerem que dificilmente conversavam com seus conhecidos sobre a morte do ente querido. Por esta razão, embora experimentassem uma dor intensa pela perda, essa dor era manifestada em raras ocasiões. Ao deixarem recados em perfis de falecidos, eles parecem ter encontrado no Orkut um meio de aliviar a dor que sentiam, e que não conseguiam amenizar de outras maneiras. Assim sendo, o que antes era feito exclusivamente através dos rituais hoje pode ser feito também pelo Orkut.

O uso que os entrevistados e tantas outras pessoas fazem do Orkut como um meio de escrever mensagens para pessoas que estão mortas parece ser um modo de atender à necessidade social que os rituais não cumprem de maneira suficiente hoje em dia. Se atualmente há poucas e breves ocasiões em que os enlutados se reúnem e se fortalecem como grupo diante da ameaça que a morte simboliza, muitos destes enlutados conseguem ter a sensação de união escrevendo mensagens no Orkut e lendo os recados que outras pessoas deixam. O perfil do falecido parece ser, então, uma espécie de “ponto de encontro”, onde aqueles que estão sofrendo a perda de alguém querido se sentem agregados e fortalecidos, “sobrevivendo” à ameaça da morte.

Escrever no Orkut parece atender também a uma necessidade psicológica. Esta necessidade consiste em externar os sentimentos experimentados quando da morte de alguém querido. Fazer isso é fundamental para a elaboração do luto, porém, como vimos, hoje em dia os enlutados são frequentemente incentivados a não falar do morto ou da dor que estão sentindo (Bowlby, 1985; Worden, 1998; Parkes, 1998; Kovács, 2007; Kübler-Ross, 1981/2000). Assim sendo, esta necessidade acaba não sendo suficientemente satisfeita. Por este motivo, os entrevistados, assim como muitas outras pessoas, parecem ter encontrado no Orkut um meio de manifestar sua dor. Deixar mensagens é, então, um modo de expressar o que de outra forma pouco é expresso.

Ao fazerem isso, os participantes parecem também encontrar uma saída para a falta de apoio dos profissionais de saúde. Se, como afirma Parkes (1998b), estes

profissionais não são capazes de acolher os enlutados logo após a perda, muitos dos enlutados encontram no Orkut esse acolhimento. Quando “desabafam”, como se falassem com os próprios falecidos, os entrevistados parecem se sentir aliviados como se sentiriam caso tivessem conversado com alguém face a face. De maneira semelhante, quando lêem as mensagens que outras pessoas escrevem, os entrevistados têm contato com os sentimentos de pessoas que conviveram com o falecido, que tinham apreço por ele e que também estão sofrendo com sua perda. Lendo estes recados, os entrevistados sentem-se acolhidos por saberem que outras pessoas têm sentimentos análogos aos deles.

#### **7.4.**

#### **Escrever no Orkut substituiu os rituais tradicionais?**

Se escrever no Orkut do falecido é um novo comportamento, consequente do fato de que, a partir da morte interdita, os rituais deixaram de dar conta da dor experimentada pelos enlutados, isso significa que o novo comportamento tenha substituído os antigos rituais? Creio que seja muito cedo para termos a certeza de uma resposta, pois o comportamento que venho observando é demasiadamente recente. Seriam necessários mais alguns anos para observar se escrever recados para pessoas mortas no Orkut – ou *sites* de relacionamento análogos – se tornará um costume relacionado ao falecimento de alguém querido, ou se esta é apenas uma reação em um momento pontual da história que, com o tempo, deixará de existir. Da mesma maneira, seria necessário mais tempo e novos estudos para entendermos melhor as transformações pelas quais os rituais tradicionais estão passando e quais suas funções nos dias de hoje.

Embora não possamos ter certezas, não me parece que escrever no Orkut tenha substituído outros rituais. Isso porque os entrevistados disseram que, ao longo do tempo em que escreviam recados no Orkut, eles foram ao enterro dos falecidos, às missas em sua homenagem e oraram por eles. Percebi, então, que os recados no Orkut coexistiam com outros comportamentos mais tradicionais. O que observei é que escrever mensagens tem uma função distinta dos rituais, embora tanto os primeiros como os segundos pareçam promover algum tipo de alívio para a dor experimentada. A diferença está no fato de os recursos ligados à religião trazerem alívio por transmitirem a certeza de que o falecido está “em um

lugar melhor”, enquanto que, ao escrever mensagens no Orkut, os participantes obtinham alívio por conseguirem externar um sentimento que, no cotidiano, estava contido. Assim sendo, deixar *scraps* pode ser visto como um *complemento* para os rituais tradicionais. Esse complemento é necessário já que os rituais não parecem ser suficientes para abrandar o sofrimento decorrente da perda. Uma das causas da insuficiência dos rituais é o fato de eles serem ocasiões pontuais e breves. O Orkut, por outro lado pode ser acessado tanto quanto o enlutado desejar, e podem ser escritas tantas mensagens quanto ele quiser.

### 7.5.

#### **Escrever no Orkut revela haver luto patológico?**

Antes mesmo de fazer entrevistas, percebi que, ao deixarem mensagens em perfis de mortos no Orkut, as pessoas expressam sua dor pela perda de uma pessoa querida de um modo peculiar. Essas mensagens são escritas sempre em *segunda pessoa do singular*, o que faz parecer que muitos usuários do Orkut estão “conversando” com outros que estão mortos. Essa “conversa” com um interlocutor que está morto e que, conseqüentemente, não responderá, pode parecer, à primeira vista, uma manifestação patológica do luto. Ao conhecer as condições nas quais as mortes se deram e as relações que os entrevistados tinham com os falecidos, a impressão de haver aspectos patológicos parece ter ainda mais sentido. Isso porque, nos discursos dos entrevistados, identifiquei muitos dos fatores de risco – aqueles que podem funcionar como complicadores do luto – apontados por Bowlby (1985), Parkes (1998) e Rando (2003). Entre estes fatores estão a perda de filhos jovens, a perda de amigos próximos, a morte repentina e o fato de o enlutado ser jovem.

Embora as características das mensagens escritas e os fatores de risco possam sugerir haver um luto patológico, não foi isso o que percebi quando fiz uma investigação detalhada e ouvimos as pessoas que deixavam recados em perfis de falecidos. Nas entrevistas, realizadas mais de um ano após os falecimentos, todos os participantes revelaram ter hoje sentimentos mais brandos em relação à perda. Em seu discurso, eles mostram ter se acostumado a viver sem seu ente querido. Por esta razão, hoje estas pessoas visitam os perfis dos falecidos e escrevem mensagens com uma regularidade significativamente menor do que

faziam nos primeiros tempos após a morte. Apenas Leila, que perdeu seu filho Rafael há 4 anos, diz sentir como se o rapaz tivesse falecido há pouco tempo. Em diferentes momentos de seu discurso, no entanto, ela revela que não visita mais o perfil dele com tanta frequência e que não sente tanta necessidade de escrever mensagens. Assim sendo, mesmo esta mãe parece ter conseguido dar seguimento à sua vida e não parece ter desenvolvido nenhum tipo de luto patológico. Todos os participantes, portanto, aparentemente caminham no sentido da elaboração da perda que experimentaram. Nos termos de Freud (1917/1988), todos parecem ter conseguido redistribuir a libido antes dirigida ao objeto que não existe mais. Usando o referencial de Bowlby (1985) e Worden (1998), é possível dizer que há indicativos de que as diferentes etapas do luto foram ou estão sendo superadas. Vejamos, então, como identifiquei a evolução do luto nesta pesquisa. Para isso, retomarei algumas das ideias propostas por Freud (1917/1988), Bowlby (1985) e Worden (1998) e as associarei ao que as entrevistas revelaram.

## **7.6.**

### **Dados que apontam para a elaboração do luto dos entrevistados**

De acordo com as ideias de Freud (1917/1988), Bowlby (1985) e Worden (1998), em um momento imediatamente após a perda os enlutados costumam ter a sensação de que o falecimento não aconteceu realmente. Embora tenham conhecimento racional de que a pessoa morreu e não mais retornará, isto só pode ser aceito do ponto de vista emocional aos poucos. Por esta razão, as viúvas do estudo mencionado por Bowlby (1985) diziam que “simplesmente não podia[m] acreditar” no falecimento de seus maridos. Percebi a descrença dos entrevistados em discursos análogos ao citado. Ao entrarem nos perfis dos falecidos pela primeira vez, muitos dos entrevistados revelam ter tido a sensação de que a morte não havia acontecido realmente. Outros, por sua vez, não podiam aceitar que o falecimento era real, e ver os perfis de seus entes queridos trazia à tona essa realidade. Em todos os casos, os entrevistados revelaram que, nos primeiros tempos após a morte, era difícil aceitar que seus amigos/parentes haviam morrido.

Para Bowlby e Worden, conforme o tempo passa, começam a se alternar momentos em que o enlutado parece aceitar o falecimento com outros em que ele continua tendo dificuldades em crer na realidade. A esperança que restou de ter o

falecido de volta gera o comportamento de busca, que faz com o que a pessoa em luto faça tentativas desesperadas de contactá-lo de alguma maneira. As viúvas citadas por Bowlby, por exemplo, iam ao cemitério “procurando” seus maridos, ou tentavam se comunicar com eles através da religião. No caso dos entrevistados, o comportamento de busca consistia em visitar os perfis dos falecidos repetidas vezes e deixar muitas mensagens neles nos primeiros tempos após a morte. Se as viúvas do estudo de Bowlby iam ao cemitério por terem a impressão de que seus maridos ali estavam, meus entrevistados revelaram ter sensação análoga ao acessarem os perfis de seus entes queridos. Se indo ao cemitério, fazendo orações, vendo fotos e acendendo velas não se sentiam perto dos falecidos, através do Orkut era esta a sensação que experimentavam.

Ainda segundo Bowlby e Worden, aos poucos a morte começa a ser percebida com mais concretude e começa a ser aceita como um acontecimento irreversível. Embora essa percepção e a maior aceitação da morte gerem tristeza e angústia, ambas apontam para a elaboração do luto. Esta elaboração se dá quando o enlutado se mostra adaptado à perda e pode encontrar um novo lugar para o falecido em sua vida emocional. Neste momento, a pessoa em luto percebe que sua vida precisa continuar apesar do falecimento e consegue se lembrar do morto de modo mais tranquilo, sem que intensos sentimentos eclodam. No caso de meus entrevistados, percebi em seu discurso alguns indicativos que apontam para a elaboração do luto. O primeiro destes indicativos é a rarefação das muitas mensagens escritas nos meses seguintes à morte. A rarefação parece revelar que os participantes passam a sentir menos necessidade de escrever e, por esta razão, passam a simplesmente visitar o perfil do falecido, sem deixar recados. Outro dado que aponta para a elaboração do luto é o uso da expressão “caiu a ficha” por muitos dos participantes. Quando falam sobre “cair a ficha”, os entrevistados revelam que, após certo tempo, estão conformados com a perda e que suas vidas precisam continuar após a morte de seu ente querido. A perda deixa, então, de gerar sentimentos intensos como gerava logo após a morte, e os participantes podem se lembrar do falecido sem que o sofrimento venha à tona. Há, portanto, alguns elementos que sugerem que os participantes conseguiram elaborar o luto ou caminham neste sentido.

Quando os participantes se referem ao perfil do falecido como um lugar de memórias agradáveis, eles parecem confirmar a impressão de que o luto foi ou



está sendo elaborado. Se antes eles experimentavam, ao mesmo tempo, dor e conforto ao visitarem e escreverem no perfil de seus entes queridos, passado um tempo os entrevistados voltam ao perfil apenas para lembrarem-se dos momentos bons vivenciados ao lado de seus amigos/parentes falecidos. Eles revelam, portanto, que foram capazes de retirar a libido antes investida no objeto e dirigi-la para outros fins (Freud, 1917/1988). Ao fazerem isso, puderam reposicionar emocionalmente os mortos e podem, por isso, continuar suas vidas apesar da perda. Vemos, portanto, que o Orkut é utilizado de uma maneira enquanto a morte “não está completa”, ainda no período de liminaridade, ou seja, enquanto o luto está sendo elaborado, e passa a ter outra representação quando a morte é aceita e o luto parece estar terminado.

### **7.6.1. As reações de aniversário**

Se os entrevistados mostram que seu luto foi ou está sendo elaborado, por que o primeiro aniversário após a morte desperta, mesmo naqueles que já se dizem mais conformados, uma forte ilusão de que o ente querido está vivo? Por que os participantes e diversas outras pessoas dirigem mensagens aos falecidos felicitando-os como se eles estivessem vivos?

As características das mensagens escritas nos aniversários e os sentimentos que estas datas despertam nos enlutados revela que, no Orkut, os entrevistados manifestam as “reações de aniversário”, descritas por Cassorla (1991), ou uma das “Subsequent Temporary Upsurges of Grief” (STUG Reactions), de Rando (1993). Como vimos no capítulo 3, essas reações acontecem em datas especiais (como aniversário, Natal, data da morte) quando a ausência do ente querido é sentida de maneira mais marcante. O retorno de reações relativas à morte é considerado normal nessas ocasiões, ainda que o luto já tenha sido elaborado. Assim sendo, o fato de os entrevistados deixarem mensagens no aniversário como se o falecimento não tivesse sido real não significa que haja uma negação da morte ou o luto patológico. Isso porque estas são reações pontuais, que acontecem apenas em datas específicas, e não de forma contínua. Ademais, os aniversários que se seguem ao primeiro parecem prover elementos que apontam para o luto não-patológico. Nestas ocasiões subsequentes, ainda que muitos dos entrevistados

tenham escrito mensagens, vários são os que dizem que seu sentimento ao fazer isso era de menos sofrimento e de maior conformidade do que no primeiro ano.

### 7.7.

#### O que há de novo?

Se, no discurso dos entrevistados, pude identificar as diferentes etapas do luto e as reações de aniversário, e temos indicativos de que o luto foi ou está sendo elaborado, pode-se dizer que tudo permanece igual ao que era antes da difusão da Internet? Não exatamente. Esta pesquisa apontou algumas modificações, que apresentarei a seguir.

Em primeiro lugar, é importante retomar o que é o Orkut e com que fim ele costuma ser usado. Trata-se de um *site* de *relacionamentos*, ou seja, um ambiente usado para formar redes de relações entre pessoas que evidentemente estão *vivas*. O Orkut é um *site* que tem a interação entre as pessoas como uma de suas características mais marcantes. Nele, as pessoas conversam através de mensagens, compartilham fotos, fazem atualizações no perfil, adicionam novos amigos, entre tantas outras coisas. Um ambiente como este ser usado para escrever recados para pessoas que estão mortas é algo totalmente novo.

É importante reiterar que a novidade não está na tentativa de se comunicar com os mortos, já que sempre houve maneiras de pessoas enlutadas se sentirem em contato com falecidos. Entre estas maneiras estão a ida a cemitérios, as orações, as sessões espíritas, os ritos de candomblé, entre outros. O contato com os mortos é feito quase sempre através do sistema ritual ou em ambientes considerados sagrados. O que há original em enviar mensagens para perfis de pessoas mortas é que os participantes utilizam um ambiente profano, que foi construído pelo próprio falecido e através do qual ele se comunicava com seus amigos e parentes antes de morrer. Tudo isso faz com que este seja o meio que mais gera a sensação de que o falecido está próximo. Por esta razão os entrevistados dizem sentir o perfil como “um pouquinho do falecido” ou uma “herança” dele.

Embora os meios tradicionais sejam valorizados e considerados “poderosos”, nenhum deles tem estas características que o perfil do Orkut tem. Estas características fazem com que o perfil do morto transmita uma impressão de

proximidade com ele maior do que outros meios. Quando vão ao cemitério, os entrevistados não sentem que o falecido “está ali”. Quando oram, pedem pela alma do falecido, mas não se sentem em contato com ele. Escrevendo no Orkut, pelo contrário, os participantes têm a sensação de estarem conversando diretamente com seus entes queridos.

Outra diferença entre os ambientes sagrados e o Orkut é o objetivo pelo qual cada um destes recursos é buscado. Quando procuram sessões espíritas, rituais de candomblé e outros análogos, as pessoas geralmente estão em busca de uma comunicação real com o falecido. Acreditando que ele está em “outro mundo”, a religião é muitas vezes procurada como um meio de se ter contato com o falecido neste “lugar”. Em contextos religiosos, é comum as pessoas não apenas acreditarem na capacidade de “falar” com o falecido, mas também na de este último “responder”. Através de médiuns, por exemplo, muitas pessoas têm a notícia de que o morto “está bem”, “está perto de Deus” etc. No Orkut, embora haja a sensação de proximidade com o morto e a impressão de que o contato é possível, os entrevistados revelaram que não escrevem com o intuito de serem realmente lidos pelos falecidos. Ao deixarem mensagens, eles têm muito mais o objetivo de “desabafar” do que de se comunicar com os falecidos. Este objetivo parece se confirmar quando os participantes nos dizem que, hoje, escrevem menos mensagens, pois já se acostumaram com a perda. Penso que, caso acreditassem ser o Orkut um meio real de comunicação com os mortos, mesmo acostumados com a perda eles poderiam tentar continuar em contato com seus entes queridos.

## **7.8. Pensando além**

Com este estudo, pude responder muitas das perguntas que fiz quando observei o interessante fenômeno que acontecia diante de meus olhos. Ao “ouvir” aqueles que escrevem mensagens em perfis de pessoas mortas, pude entender melhor as razões que tantas pessoas têm para se comportarem desta maneira quando da perda de um ente querido. Além de dar as respostas que eu buscava, a pesquisa também despertou novas reflexões sobre o tema que estudei. Gostaria, então, de concluir compartilhando com o leitor algumas destas reflexões.

### 7.8.1. Há algo semelhante em outros países?

Em meu estudo, me propus a entender o que leva tantos brasileiros a dirigirem mensagens a perfis de pessoas mortas no Orkut. Para que me ativesse ao meu objetivo, evitei fazer comparações com o que pudesse estar se passando em outros países. Isto, no entanto, não evitou que eu tivesse a curiosidade de saber se algo análogo estaria acontecendo fora do Brasil ou se este seria um comportamento exclusivo das pessoas de nosso país. Minha curiosidade surgiu a partir da leitura de DaMatta (1991), que se refere ao modo como o brasileiro de se relaciona com a morte e os mortos. Para este autor, a sociedade brasileira, por ser uma “sociedade relacional”, tem como o sujeito social não o indivíduo, mas as relações entre as pessoas. A importância dada aos vínculos faz com que a morte não seja suficiente para extinguir as relações que existiam. Por esta razão, “fala-se” com os mortos de maneiras diversas: através de médiuns, de orações ou de sonhos. Nessas “conversas”, os mortos também se comunicam, e fazem isso através de avisos, presságios, sinais acidentais e coincidências, interpretados como algo que eles estariam dizendo aos vivos (DaMatta, 1991).

Em uma cultura onde há o costume de se “falar” com os mortos, parece fazer sentido que, em tempos de Internet, essa “conversa” migre para o ambiente das redes sociais. Mas será que, em outras sociedades relacionais, o mesmo vem acontecendo? E em culturas mais individualistas, haverá algo análogo ao que observei em meu estudo? Ainda que responder estas perguntas não fosse meu objetivo, tentei encontrar dados que ao menos me dessem elementos para começar a refletir sobre o assunto.

Ao ir em busca de algum tipo de resposta para estas perguntas, descobri que na Índia, segundo país que mais acessa o Orkut, algo aparentemente análogo acontece. Tive conhecimento de duas histórias, amplamente divulgadas pela mídia local, de jovens que foram assassinados, e cujos perfis no Orkut passaram a receber muitos recados. As características destes recados, no entanto, parecem muito diferentes daquelas que encontrei nesta pesquisa. Isso porque eram recados escritos, em sua maioria, por desconhecidos dos falecidos. O grande número de mensagens escritas por pessoas que não conheciam os mortos parece estar associado ao fato de ambos os casos terem vindo a público e terem gerado uma

grande comoção. Além disso, a maioria das mensagens deixadas parece mais “impessoal” do que as escritas pelos brasileiros que estudei. Para entender melhor se o que aconteceu na Índia era algo pontual ou um comportamento que se repete com frequência, seria necessária uma investigação mais detalhada. Uma nova investigação também tornaria visíveis as semelhanças e diferenças entre o que acontece naquele país e no Brasil.

Para sabermos o que se passa em outros países, é preciso investigar também outros *sites* análogos ao Orkut. Isso porque em diversos países, como os Estados Unidos e aqueles situados na Europa, o *site* de redes sociais mais popular não é o Orkut, mas o Facebook. Questionei-me, assim, se algo semelhante ao que estudei aconteceria, em outros países, neste último ambiente. Ao refletir sobre o assunto, nos deparei com um “grupo” (que é o equivalente às “comunidades”, do Orkut) chamado “Ashton’s Memorial”. Trata-se de um espaço dedicado a uma jovem que faleceu há mais de três anos e que recebe, até hoje, diversas mensagens de amigos e parentes da moça. Assim como observei nos perfis de falecidos no Orkut, muitas destas mensagens também eram escritas em segunda pessoa. Também de maneira análoga ao que se passa no Orkut, parentes e amigos de Ashton deixam recados nos quais contam acontecimentos, falam da falta que sentem da moça nas datas comemorativas e desejam feliz aniversário no dia em que ela completaria mais um ano. Entre as pessoas que escrevem ainda hoje, estão a mãe e o irmão da falecida. Embora as mensagens dirigidas ao “Ashton’s Memorial” a princípio pareçam ter características semelhantes às deixadas nos perfis que estudei, seria necessária uma investigação mais detalhada para entender se as motivações daqueles que as escrevem são análogas às dos meus entrevistados. Além disso, mais estudos seriam fundamentais para sabermos se existem outros “memoriais” análogos ao de Ashton no Facebook e o que estes memoriais representam para os enlutados.

O trabalho de Williams e Merten (2009) parece lançar alguma luz sobre o que acontece em outras redes sociais fora do Brasil. Em sua pesquisa, estes autores americanos estudaram as mensagens que adolescentes enviam, para seus amigos que faleceram, em redes sociais como Facebook, MySpace e Xanga. Sem especificar exatamente em qual (ou quais) destes *sites* o estudo se deu, eles relatam que encontraram mensagens, em segunda pessoa, em que os jovens falam de seus sentimentos, comentam sobre acontecimentos gerais e lembram situações

vividas com o morto. O estudo destes autores utilizou como meio de coleta de dados a observação das mensagens escritas por adolescentes enlutados. Por não ter havido entrevistas, não é possível sabermos o que estes adolescentes pensam sobre as mensagens que escrevem e quais as motivações que têm para escrevê-las. Por esta razão, embora as mensagens escritas guardem semelhanças com aquelas que encontrei em perfis de falecidos, não é possível dizer que meus participantes e os adolescentes da pesquisa de Williams e Merten tenham as mesmas razões para deixarem mensagens.

### **7.8.2. O que esperar daqui para frente?**

Quando comecei meu estudo, quatro anos atrás, a popularidade do Orkut no Brasil estava em plena efervescência, principalmente entre os jovens. Nesta época, era difícil encontrar um jovem que não tivesse um perfil no Orkut e que não o acessasse diariamente. Em 2007, Orkut era sinônimo de *site* de redes sociais para uma imensa quantidade de brasileiros. Nos dias de hoje, em que a tecnologia avança a passos largos, quatro anos é tempo suficiente para que a realidade se transforme. Por este motivo, hoje o cenário das redes sociais é diferente daquele que havia em 2007. O Orkut continua sendo um ambiente extremamente popular entre os jovens do nosso país, porém, neste meio tempo, assistimos à popularização de outros *sites* análogos. Muitas pessoas que antes formavam redes sociais apenas no Orkut hoje utilizam também o Facebook, que é o *site* do gênero mais acessado no mundo inteiro. Hoje em dia há, no Brasil, aqueles que mantêm perfis nos dois *sites*, assim como há outros que se desligaram do Orkut para fazerem parte apenas do Facebook. Embora o Orkut permaneça em primeiro lugar como o *site* de rede sociais mais acessado pelo público brasileiro, o Facebook vem tendo um expressivo crescimento desde 2009 (dados da Folha.com: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u589830.shtml>).

Diante desta mudança no cenário das redes sociais *online*, o que podemos pensar sobre o futuro, no que concerne ao hábito de se escrever mensagens em perfis de quem está morto? Se muitas pessoas migraram do Orkut para o Facebook, será que, neste último, os perfis dos usuários mortos serão usados de forma análoga à que vimos nesta pesquisa? Continuarão os enlutados fazendo uso

do Orkut para manifestar sua dor? Outras redes sociais serão usadas com o mesmo fim?

As rápidas mudanças que as novas tecnologias vêm gerando em nosso cotidiano fazem com que nós, pesquisadores, tenhamos o privilégio de ser observadores de uma realidade em transformação. Como pesquisadores, devemos acompanhar essas transformações e modificar constantemente nossas perguntas, para que elas permaneçam adequadas à realidade vigente. Concluo, portanto meu estudo, que foi capaz de responder às questões que propus, deixando estas novas perguntas, que poderão ser respondidas em futuras investigações.

## Referências bibliográficas

ABREU, R. A. S. “Cabeças digitais”: um motivo para revisões na prática docente. In: NICOLACI-DA-COSTA (Org.). **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

ALBUQUERQUE, A. Viver e morrer no Orkut: os paradoxos da rematerialização do ciberespaço. **Intexto**, Porto Alegre, v.2, n.17, pp.1-17, 2007.

ALMEIDA, M.I.M. e EUGENIO, F. O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da Internet no Brasil. In: NICOLACI-DA-COSTA, A.M. **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. V.1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. 2v.

BERGER, P. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2002 (Texto originalmente publicado em 1985).

BLOCH, M e PARRY, J. Introdução. In: BLOCH, M. e PARRY, J. (Orgs.) **Death and the regeneration of life**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

BOWLBY, J. **Perda: tristeza e depressão**. Volume 3 da trilogia Apego e Perda. Coleção Psicologia e Pedagogia. São Paulo: Martins Fontes, 1985.



CASSORLA, R. M.S. **Suicídio: estudos brasileiros**. Campinas: Papirus, 1991.

DAMATTA, R. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 4.e.d. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1991.

DI LUCCIO, F. e NICOLACI-DA-COSTA, A.M. *Blogs: de diários pessoais a comunidades virtuais de escritores/leitores*. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 30, N.1, p. 132-145, 2010.

DOMINGOS, B. e MALUF, M.R. Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.16, N.3, p.577-589, Porto Alegre, 2003.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 13.ed. São Paulo: Nacional, 1987 (Texto originalmente publicado em 1895).

DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo sociológico**. Lisboa: Presença, 1987 (Texto originalmente publicado em 1897).

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (Texto originalmente publicado em 1912).

ENGEL, G.L. Is grief a disease? A challenge for medical research. In: AMERICAN PSYCHOSOMATIC SOCIETY. **Toward and integrated medicine: classics from psychosomatic medicine, 1959-1979**. Washington: American Psychiatric Press, 1995 (Texto original publicado em 1961)

FREUD, S. Luto e melancolia. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**, Vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1988 (Texto originalmente publicado em 1917).

HERTZ, R. A contribution to the study of the collective representation of death. In: ROBBEN, A. **Death, mourning and burial: a cross-cultural reader**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004 (Texto original publicado em 1907).

JANKÉLEVITCH, V. **La mort**. Paris: Flammarion, 1966.

JESSOP, J. e McCARTHY, J.R. The social contexts of bereavement experiences and interventions. In: McCARTHY, J.R. **Young people's experiences of loss and bereavement: towards an interdisciplinary approach**. Buckingham: Open University Press, 2006.

KOVÁCS, M.J. (Org.) **Morte e desenvolvimento humano**. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, M.J. Perdas e processo de luto. In: INCONTRI, D. e SANTOS, F. S. (Org.) **A arte de morrer**. São Paulo: Comenius, 2007.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (Texto original publicado em 1981).

MALINOWSKI, B. Magic, science and religion. In: ROBBEN, A. **Death, mourning and burial: a cross-cultural reader**. Blackwell, 2004 (Texto original publicado em 1925).

MANNHEIM, K. **Ideologia e utopia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986 (Texto original publicado em 1960).

MAUSS, M. A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários australianos). In: **Ensaio de sociologia**. Ed Perspectiva, 2001 (Texto original publicado em 1921).

MEAD, G.H. **Mind, self and society**. Chicago: The University of Chicago Press, 1974 (Texto original publicado em 1934).

MERTON, R. **Social theory and social structure**. Nova Iorque: Free Press, 1974 (Texto publicado originalmente em 1945).

MORIN, E. **O homem e a morte**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.

NEGRINI, M. A morte no ciberespaço: um estudo etnográfico da comunidade do Orkut “Profiles de Gente Morta”. In: Celacom 2009, São Paulo, 2009. Disponível em:

<[http://www2.metodista.br/unesco/1\\_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Michelle\\_Morte.pdf](http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Michelle_Morte.pdf)>. Acesso em 06 jul. 2010.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M., ROMÃO-DIAS, D e DI LUCCIO, F. O Uso de Entrevistas On-Line no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). **Psicologia: Reflexão & Crítica**, Porto Alegre, v. 22, n.1, 2009.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). **Psicologia: Reflexão & Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 65-73, 2007.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Internet: uma nova plataforma de vida. In: NICOLACI-DA-COSTA, A.M. **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Primeiros contornos de uma nova “configuração psíquica”. **Cadernos Cedes**, Campinas, v.25, n.65, pp.71-85, 2005.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Ciberespaço: nova realidade, novos perigos, novas formas de defesa. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 23, nº2, pp. 66-75, 2003.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Internet: a negatividade do discurso da mídia *versus* a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito? **Estudos de Psicologia**, Natal, v.7, n.1, pp.25-36, 2002.

PARKES, C.M. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. São Paulo: Summus, 1998a.

PARKES, C.M. Coping with loss: bereavement in adult life. **British Medical Journal**. Londres, v.316, N.7134, p.856-859, 1998b.

PARKES, C.M. Attachment, bonding and psychiatric problems after bereavement in adult life. In: PARKES, C.M. et al **Attachment across the life cycle**. Florence, KY: Routledge, 1993.

PARKES, C.M. Research: Bereavement. In: **Omega: Journal of Death and Dying**, N.18, v.4, p.365-367, 1987/1988.

PERUZZO, A.S. et al. A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 7, n.3, 2007. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v7n3/artigos/pdf/v7n3a08.pdf>. Acesso em 06 jul. 2010.

RAIMBAULT, G. **A criança e a morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

RAMALHO, E. **Par Perfeito**: um novo espaço virtual para a procura de parceiros amorosos. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

RANDO, T. Public tragedy and complicated mourning. In: LATTANZI-LICHT, M. e DOLA, K, J. **Coping with public tragedy**. Nova York: Brunner-Routledge, 2003.

RANDO, T. **Treatment of complicated mourning**. Illinois: Research Press, 1993.

RANGEL, A.P.F.N. **Do que foi vivido ao que foi perdido. O doloroso luto parental**. São Paulo: Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da USP, 1979.

RODRIGUES, J.C. **Tabu da morte**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

RÓNAI, C. Orkut: a máquina de conhecer gente. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 27 jul. 2005. Caderno Informática Etc. Disponível em <[http://cora.blogspot.com/archives/2005\\_07\\_01\\_cora\\_archive.html](http://cora.blogspot.com/archives/2005_07_01_cora_archive.html)>. Acesso em 06 jul.2010.

SCHELER, M. **Sociologia del saber**. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1973 (Texto originalmente publicado em 1924).

SHARPE, S., MCCARTHY, J.R e JESSOP, J. The perspectives of young people. In: MCCARTHY, J.R. **Young people's experiences of loss and bereavement: towards an interdisciplinary approach**. Buckingham: Open University Press, 2006.

SILVESTRE, J.C. e AGUILERA, N.V. Morte e luto no ciberespaço. **Anais do II Simpósio da ABCiber**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Nuricel%20Villalonga%20Aguilera%20e%20Jose%20Carlos%20Silvestre.pdf>>. Acesso em: 6 julho 2010.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: G. Velho (Org.), **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987 (Texto original publicado em 1902).

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978 (Texto original publicado em 1909).

WILLIAMS, A. L. e MERTEN, M.J. Adolescents' Online Social Networking Following the Death of a peer. **Journal of Adolescent Research**. V.24, N.1, p. 67-90, 2009. Disponível em: <<http://jar.sagepub.com/content/24/1/67.full.pdf+html>>. Acesso em 12/02/2010.

WORDEN, J. W. **Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

YOUNG, B. e PAPADATOU, D. Childhood death and bereavement across cultures. In: PARKES, C.M et al (Orgs). **Death and bereavement across cultures**. Londres e Nova York: Routledge, 1997.